



EDUARDO LEANDRO ALVES

# ENTRE A VERDADE E O ENGANO



*Combatendo Ideologias e Ensinos que se  
Opõem à Palavra de Deus*

EDUARDO LEANDRO ALVES

# ENTRE A VERDADE E O ENGANO

*Combatendo Ideologias e Ensinos que se  
Opõem à Palavra de Deus*

1ª Edição



Rio de Janeiro  
2026

# AGRADECIMENTOS

Com o coração cheio de gratidão, louvo a Deus, fonte de toda sabedoria e inspiração, por conceder-me graça e força na jornada diária. Nada seria possível sem o seu auxílio.

Agradeço, de forma especial, à minha amada esposa Ângela, companheira fiel e incansável, cujo amor, oração e apoio constante são fundamentais. Aos meus filhos, Eduardo Júnior e Maria Luíza, minhas heranças do Senhor, que são fonte de alegria e inspiração.

Gratidão ao Pastor José Wellington Costa Junior, presidente da CGADB, pela sua liderança. Ao Dr. Ronaldo Rodrigues de Souza, diretor executivo da CPAD, pela confiança e incentivo à produção teológica séria e fiel às Escrituras. Também registro minha sincera gratidão ao Pastor Alexandre Coelho, gerente de Publicações da CPAD, cuja dedicação e orientação editorial enriqueceram significativamente este trabalho. Aos queridos companheiros do Conselho de Educação e Cultura da CGADB. É uma honra compartilharmos essa jornada.

Ao setor de Educação Cristã do departamento de Publicações da CPAD, meu reconhecimento pelo esforço contínuo em oferecer subsídios sólidos e relevantes para o ensino da Palavra de Deus em nossas igrejas. Agradeço igualmente ao Pastor José Carlos de Lima, meu Pastor Presidente e líder espiritual, cuja vida e ministério são uma referência de firmeza doutrinária, sabedoria e amor à Igreja de Cristo.

Por fim, não poderia deixar de expressar meu apreço à Igreja Assembleia de Deus em Rio Tinto, Paraíba, onde tenho a alegria de servir como Pastor. Essa igreja é o lugar onde anuncio com temor e alegria as verdades eternas das Escrituras. Aos irmãos e irmãs que caminham comigo em fé, zelo e dedicação, minha gratidão por cada oração, cada gesto de encorajamento e pelo amor com que têm recebido o ministério que me foi confiado pelo Senhor.

Que esta obra sirva para a glória de Deus, para a edificação da Igreja e para a salvação dos perdidos!

# SUMÁRIO

*Agradecimentos* 3

*Introdução* 7

## **Capítulo 1**

O que É uma Ideologia? 11

## **Capítulo 2**

A Falácia do Materialismo Histórico 23

## **Capítulo 3**

A Falácia do Relativismo Ético Moral 35

## **Capítulo 4**

A Falácia da Ideologia de Gênero 48

## **Capítulo 5**

A Falácia da Teologia Progressista 64

## **Capítulo 6**

A Falácia do Humanismo 73

## **Capítulo 7**

A Falácia da Teoria Darwiniana 83

## **Capítulo 8**

A Falácia do Pragmatismo 95

**Capítulo 9**

A Falácia do Ateísmo 103

**Capítulo 10**

A Falácia da Teoria do Deísmo 113

**Capítulo 11**

A Falácia da Teologia da Prosperidade 123

**Capítulo 12**

A Falácia do Triunfalismo 135

**Capítulo 13**

O Discernimento do Cristão 147

*Referências Bibliográficas* 157

# INTRODUÇÃO

**E**m todas as épocas, a Igreja de Cristo enfrentou desafios culturais, políticos e espirituais que buscaram minar a sua fé, desviar a sua missão e corromper a sua doutrina. Desde os dias apostólicos, o povo de Deus tem sido chamado a discernir os tempos, identificar os falsos ensinamentos e permanecer firme na verdade revelada nas Escrituras. Hoje não é diferente!

Podemos dizer que o século XXI tem sido marcado por um avanço agressivo de diversas ideologias que, embora apresentadas como novas e progressistas, são, na verdade, reformulações de antigas ideias que sempre acompanharam a humanidade caída. Essas ideologias, muitas vezes travestidas de justiça social, liberdade ou igualdade, são, na verdade, sistemas de pensamento que rejeitam a autoridade de Deus, distorcem a natureza humana e pretendem estabelecer um novo padrão moral, ético e espiritual contrário à revelação bíblica.

Este livro nasce como uma resposta pastoral/teológica a esse cenário. O seu objetivo não é meramente apresentar uma análise sociológica de nossos tempos, mas, sobretudo, confrontar o pensamento com os valores do Reino de Deus. Cada capítulo foi construído a partir de fundamentos bíblicos, com o propósito de equipar a igreja (especialmente os jovens em fase universitária), a reconhecer as ideologias que ameaçam a fé e a viver de forma fiel em um mundo que caminha cada vez mais longe de Deus.

Ao abordar temas como relativismo, materialismo, darwinismo, ideologia de gênero, entre outros, esta obra propõe-se a lançar luz sobre os discursos contemporâneos que tentam impor-se como verdade. Como em 2 Coríntios 10.4,5, nosso chamado é “destruir fortalezas, anulando nós sofismas e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (ARA).

Deve-se entender que as ideologias não são meramente construções filosóficas ou políticas neutras; são, em muitos casos, expressões espirituais de rebelião contra Deus. Elas nascem da incredulidade, alimentam-se da autonomia humana e espalham-se por meio da cultura, da mídia, da academia e da política. Elas prometem liberdade,

mas geram escravidão; prometem igualdade, mas causam divisão; prometem justiça, mas ignoram a justiça de Deus.

Por isso, é fundamental que a Igreja tenha uma postura bíblica, crítica e ativa diante dessas ideologias. Não se pode, simplesmente, adotar uma fé ingênua, que ignora os ataques de um sistema mundano e corrompido, nem uma fé temerosa, que se esconde. Devemos, ao contrário, viver com discernimento, ousadia e convicção, firmados na verdade inabalável da Palavra de Deus.

Os autores bíblicos, especialmente Paulo, foram confrontados por ideologias do seu tempo (gnosticismo, judaísmo legalista, hedonismo greco-romano, entre outros). As suas epístolas não apenas ensinam doutrina, como também confrontam ideias, reprovam erros e apresentam a verdade como antídoto contra o engano. Isso nos mostra que teologia sempre é uma atividade contextual: não é feita no vácuo, mas em resposta às ameaças e necessidades do tempo presente.

Nesse sentido, este livro também representa uma expressão da teologia pública, ou seja, da teologia que dialoga com os assuntos da vida cotidiana, da política, da cultura, da sexualidade, da economia e da justiça, não para dobrar-se ou aceitar acriticamente esses temas, mas para apresentar a visão bíblica sobre cada um deles.

A tradição pentecostal, à qual esta obra está ligada, é profundamente bíblica, cristocêntrica e escatológica. Ela entende que a batalha contra tais ideologias não é apenas intelectual, mas também espiritual. Não lutamos apenas contra ideias, mas também contra os espíritos que operam por trás dessas ideias (Ef 6.12). Daí a importância da vigilância, da oração, da pregação e da santidade como armas nessa batalha.

Vivemos um tempo em que muitas igrejas ficam caladas diante das ideologias por medo de serem chamadas de intolerantes. Outras infelizmente se adaptam, cedem ou até abraçam abertamente as pautas contrárias ao evangelho sob o falso pretexto de relevância. Este livro vai na contramão desse silêncio cúmplice. Ele é um chamado à coragem profética, à fidelidade doutrinária e ao amor sincero pela verdade.

Cada capítulo foi pensado para ser estudado, com mente aberta à Palavra e coração sensível à direção do Espírito. Nosso desejo é que os leitores não apenas adquiram conhecimento, mas que também sejam amadurecidos e encorajados a viver como sal e luz (Mt 5.13-16) num mundo em trevas.

O desafio de lidar com as ideologias também é uma oportunidade de discipulado. As mentiras desse sistema mundano forçam-nos a voltar à Escritura, a repensar nossas práticas e a formar uma geração enraizada na verdade. Jovens, professores, pais, pastores e líderes devem ser equipados com argumentos sólidos, convicções firmes e uma vida de piedade.

A Bíblia claramente nos alerta que, nos últimos tempos, muitos apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios (1 Tm 4.1). Este livro, portanto, também é uma advertência contra o engano, um clamor pelo retorno à sã doutrina e uma convocação para que a Igreja revista-se de toda a armadura de Deus (Ef 6.10-18).

O título deste livro, *Entre a Verdade e o Engano*, revela a sua essência: o pecado não é algo novo; apenas se renova em formas e discursos. Desde o Éden, a serpente tenta distorcer a Palavra, prometer autonomia e relativizar a verdade (Gn 3.1-5). A missão da Igreja, por sua vez, é permanecer firme no que é eterno, imutável e divino.

Essa introdução também busca situar o leitor em relação ao contexto pastoral que inspira este livro. Não se trata de uma obra meramente acadêmica, mas de um esforço pastoral para proteger o rebanho, instruir os crentes e fortalecer a identidade cristã num tempo de confusão. Trata-se de um grito de alerta, mas também de uma palavra de esperança: Deus está edificando a sua Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16.18).

O apóstolo Paulo exorta-nos a não nos conformarmos com este mundo, mas a sermos transformados pela renovação da mente (Rm 12.2). Essa transformação só é possível quando deixamos de pensar como o mundo pensa e passamos a pensar como Cristo. Sendo assim, este livro é uma ferramenta nesse processo de renovação, confrontando os moldes do mundo com a verdade da cruz.

Nossa oração é que cada capítulo sirva como luz para o caminho dos leitores, despertando neles não apenas um senso crítico diante das ideologias, mas também uma paixão ainda maior pela Palavra de Deus, pela missão da Igreja e pela glória de Cristo. Que o Espírito Santo conduza cada estudo, abrindo os olhos, quebrando resistências e despertando um povo firme, santo e cheio de discernimento.

Que o Senhor nos dê a graça de viver como filhos da luz, sem nos conformarmos com os sistemas deste mundo, mas sendo testemunhas

fiéis da verdade de Deus com amor, ousadia e santidade. Que Ele nos livre das sutilezas do erro e nos estabeleça sobre o firme fundamento da verdade.

Meu desejo é que, ao ler cada um dos 13 capítulos deste livro, o leitor seja levado a amar mais a Cristo, valorizar a Escritura, rejeitar os enganos ideológicos do presente século e viver como servo do Reino, pronto para fazer frente às velhas mentiras, que, em novos tempos, tentam travestir-se de verdade.

**Pr. Dr. Eduardo Leandro Alves**  
Primavera de 2025

## Capítulo I

# O QUE É UMA IDEOLOGIA

Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo. Colossenses 2.8

### INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época marcada por uma avalanche de ideias, discursos e narrativas que procuram moldar a mente e o coração das pessoas. Essas ideias, muitas vezes sutis e disfarçadas de boas intenções, formam o que chamamos de ideologias (sistemas de pensamento que influenciam profundamente a maneira como enxergamos a realidade, a verdade e até mesmo Deus). Este capítulo propõe justamente um primeiro passo essencial: entender o que são as ideologias e por que é vital discerni-las à luz das Escrituras.

A Bíblia claramente nos ensina que o mundo jaz no maligno (1 Jo 5.19) e que os sistemas humanos podem ser corrompidos por pensamentos que se opõem à verdade de Deus. Ideologias não são apenas teorias filosóficas distantes; elas estão presentes no dia a dia, nos meios de comunicação, na educação, na política e até mesmo em muitos discursos religiosos. Diante disso, o povo de Deus é chamado a manter a mente cativa a Cristo e a não se conformar com este mundo (Rm 12.2), mas ser transformado pela renovação do entendimento.

Este capítulo busca lançar os fundamentos para todo o restante do estudo: antes de enfrentarmos ideologias específicas como o relativismo ou o identitarismo, precisamos compreender o que é uma ideologia, como ela funciona e por que ela pode tornar-se uma ameaça espiritual. A Igreja precisa discernir entre o que é revelado por Deus e o que nasce de corações humanos afastados da verdade.

Ao longo deste capítulo, veremos que ideologias são mais do que opiniões pessoais; são formas organizadas de pensar que pretendem substituir a verdade bíblica por ideias humanas. E o maior perigo ocorre quando essas ideologias penetram no seio da igreja, disfarçadas de modernidade, justiça social ou amor. Por isso, o estudo criterioso da Palavra de Deus é o único caminho seguro para evitar o engano e manter-se firme na verdade.

Nosso objetivo nesta jornada não é apenas adquirir conhecimento intelectual, mas também desenvolver um discernimento espiritual. Queremos, como servos de Deus, estar firmes sobre a rocha, que é Cristo, preparados para dar a razão de nossa fé e para rejeitar tudo o que se levanta contra o conhecimento de Deus (2 Co 10.5). Que o Senhor nos ajude a caminhar com sabedoria e fidelidade, mantendo nossos olhos na verdade eterna da sua Palavra.

## I – CARACTERÍSTICAS DE UMA IDEOLOGIA

Uma ideologia pode ser entendida como um sistema coerente de ideias que busca explicar e moldar a realidade, oferecendo respostas sobre a existência, a moralidade, a sociedade e o futuro da humanidade. Embora nem toda ideologia seja abertamente hostil à fé cristã, muitas delas estabelecem-se como alternativas à verdade revelada nas Escrituras, promovendo uma visão de mundo autossuficiente, sem a centralidade de Deus. Essas construções humanas procuram substituir a revelação divina por explicações racionais, filosóficas ou políticas que colocam o ser humano no centro de todas as coisas.

Mas, afinal, o que se entende por ideologia? Embora o termo possua diversas definições, uma das suas acepções mais comuns é a de “modo de pensar que caracteriza um indivíduo ou um grupo social”.<sup>1</sup> Trata-se, portanto, de um conjunto de ideias, crenças e valores que moldam a visão de mundo de uma pessoa ou coletividade. Nesse sentido, toda ideologia influencia não apenas a forma como se percebe a realidade, mas também como se age no mundo.

Outra definição relevante entende a ideologia como uma “doutrina, em grande parte destituída de validade objetiva, mas sustentada

<sup>1</sup> MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

por interesses explícitos ou velados daqueles que a defendem”.<sup>2</sup> Essa concepção ressalta o caráter manipulador e utilitário das ideologias, que podem ser usadas como instrumentos para justificar ou legitimar certos projetos de poder e dominação, mesmo que em desconexão com a verdade ou a realidade objetiva.

Quando falamos de ideologia, também é necessário olhar dentro da tradição marxista, especialmente em Marx e Engels, pois o conceito de ideologia assume um papel estratégico no embate entre classes sociais. Para esses autores, ideologia é o mecanismo por meio do qual a classe dominante mantém a sua supremacia, impondo as suas ideias como se fossem universais e naturais. Essa “falsa consciência”, como é denominada, distorce a percepção da realidade por parte das classes dominadas, ocultando as contradições sociais e mascarando a exploração existente. Assim, a ideologia, nesse contexto, não apenas interpreta o mundo, como também o encobre em favor dos interesses da elite dominante.<sup>3</sup>

O cristão deve estar atento ao fato de que tais estruturas ideológicas podem parecer coerentes e até moralmente aceitáveis num primeiro momento. A sua base, no entanto, é quase sempre humanista e desprovida da luz da Palavra de Deus. Embora possuam um “verniz” de tolerância, elas operam como sistemas fechados, que não se abrem ao diálogo com a verdade bíblica e que frequentemente rejeitam a autoridade das Escrituras. Por isso, devem ser tratadas com discernimento espiritual e teológico.

A Bíblia chama nossa atenção à vigilância intelectual e espiritual. Como Paulo ensina em 2 Coríntios 10.4,5, devemos derrubar fortalezas e argumentos que se levantam contra o conhecimento de Deus. Isso implica identificar as estruturas de pensamento contrárias à fé e enfrentá-las com as armas espirituais que nos são providas pelo Senhor: oração, conhecimento da Palavra, comunhão com Deus e com a igreja, bem como a mente renovada pela ação do Espírito Santo.

As ideologias nascem da reflexão humana, formuladas por pensadores, filósofos, políticos ou movimentos sociais. A sua base, portanto, não é a revelação divina, mas a razão, a cultura e a experiência humana. Isso significa que, por mais brilhante que uma ideologia pareça,

<sup>2</sup> ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 521.

<sup>3</sup> MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ela carrega as limitações e distorções próprias da natureza caída do ser humano. Sem a dependência da iluminação divina, essas ideias tendem a afastar-se de Deus e da sua vontade.

Com o propósito de refletir sobre o ressurgimento das ideologias após a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, o pensador franco-argelino Louis Althusser (1918–1990) tornou-se uma das vozes mais influentes nesse debate contemporâneo. A sua contribuição à teoria marxista, especialmente no que se refere ao conceito de ideologia, provocou um intenso debate acadêmico que permanece relevante até os dias atuais.

Althusser abordou o conceito de ideologia a partir de duas perspectivas distintas. A primeira, de cunho epistemológico, explora a relação entre ciência e ideologia e é desenvolvida especialmente nos seus primeiros trabalhos, como *Pour Marx* e *Lire le Capital* (Ler o Capital). A segunda, de caráter mais prático, tem início no artigo “Marxismo e Humanismo” e alcança maturidade no manuscrito *Sobre a Reprodução*, do qual se origina o seu célebre ensaio “Ideologia e os Aparelhos Ideológicos do Estado”. Nessa segunda fase, Althusser aprofunda a análise do papel da ideologia na reprodução das estruturas sociais.<sup>4</sup>

Enquanto a ciência, segundo ele, mantém-se teoricamente aberta — embora possa ser politicamente instrumentalizada —, a ideologia possui outra natureza. Em *Ler o Capital*, Althusser afirma que, embora a ideologia não exprima plenamente a essência objetiva e total do seu tempo histórico, ela é capaz de refletir, por meio de deslocamentos sutis, as transformações que ocorrem na realidade social. Diferentemente da ciência, a ideologia caracteriza-se por ser teoricamente fechada, porém politicamente flexível e adaptável. Ela ajusta-se às exigências da sua época, ainda que sem alterações evidentes, limitando-se a incorporar quase que imperceptivelmente as mudanças históricas por meio de modificações internas na sua estrutura.

Althusser conclui que a ideologia transforma-se, só que de forma sutil, preservando sempre a sua forma e função essencial. Ela movimenta-se em um “movimento imóvel”, que a mantém no mesmo lugar

<sup>4</sup> MOITA, Luiz Eduardo; SERRA, Carlos Henrique Aguiar. A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes. In: **Revista de Sociologia e Política**. 22 (50), Jun 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-447814225009>> Acesso em 30 de junho de 2025.

estrutural, isto é, no lugar próprio da ideologia em um sistema social. Assim, mesmo adaptando-se às novas exigências da conjuntura, ela sempre o faz sem aparente ruptura, perpetuando-se como mecanismo de manutenção da ordem vigente.<sup>5</sup>

A questão, mesmo que não seja tão simples, é que, quando o ser humano decide construir um sistema de valores ou explicações à parte de Deus, o resultado será inevitavelmente uma deformação da verdade. Essa é a realidade que vemos em Romanos 1, quando o apóstolo Paulo denuncia que, ao rejeitarem o conhecimento de Deus, as pessoas entregaram-se a pensamentos fúteis e corações obscurecidos. Toda ideologia construída sobre fundamentos meramente humanos está sujeita ao erro, pois rejeita a sabedoria que vem do alto (Tg 1.17).

O cristão deve lembrar-se de que a verdadeira sabedoria não está nos sistemas filosóficos, mas na revelação da Palavra de Deus (Sl 119.105). Ainda que possamos aprender e refletir sobre diversas ideias, não é saudável à alma tomar como referência aquilo que contradiz o evangelho. A fé bíblica não se submete às modas intelectuais do mundo, mas ancora-se na verdade imutável de Deus.

As ideologias frequentemente reivindicam autoridade total sobre a interpretação da realidade. Elas apresentam-se como explicações finais para todas as dimensões da vida (moralidade, política, economia, comportamento, identidade) e acabam por exigir dos seus adeptos lealdade incondicional. Ao fazer isso, essas ideias competem diretamente com a autoridade das Escrituras, deslocando Deus do centro da existência humana.

Esse tipo de absolutismo ideológico transforma a ideologia numa “religião secular”, que passa a regular até mesmo os aspectos espirituais da vida. Por exemplo, ideologias de gênero, marxismo, relativismo ou humanismo não apenas explicam o mundo segundo a sua ótica, como também impõem normas e valores que confrontam os princípios bíblicos. Assim, elas não apenas interpretam a realidade, mas também moldam comportamentos, censuram oposições e rejeitam o transcendente.

Tanto a dialética quanto a ideologia são ligadas à questão do saber: “como é possível chegar a um conhecimento digno de confiança?”  
Marx, que construiu o seu sistema sobre a auto-reflexão hegeliana,

<sup>5</sup> ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, 1980, p. 80.

completou a desintegração (iniciada por Kant e Hegel) da antiga teoria do conhecimento. Embora Marx usasse todos os elementos da crítica radicalizados por Hegel, restou o problema de como colocar o racional dentro do material. Em oposição ao Geist absoluto, Marx aventura-se a sugerir o processo do trabalho social da espécie concreta humana como solução ao problema da racionalidade. O trabalho vem a ser, ao mesmo tempo, uma categoria fundamental da existência humana e uma categoria existencial.

A análise marxista encontra como traço fundamental da ideologia uma tentativa de separar as ideias e a realidade histórico-social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade. Muito ao contrário, para Marx as ideias são impostas às demais classes sociais pela classe em ascensão. [...] a classe dominante impõe suas ideias através da escola, da religião, dos costumes, a ponto de que são consideradas verdadeiras, universais para a humanidade. [...] Para que suas ideias sejam diferentes, os homens precisam de uma “prática” diferente. Daí a ênfase dos marxistas sobre a revolução como força-motriz da história. “Revolução” aqui pode (ou não) referir-se a violência. O certo é que se refere a mudanças profundas nas estruturas socioeconômicas. Partindo dessa premissa, os teólogos da libertação põem toda a ênfase sobre a práxis, como meio de descobrir e disseminar a verdadeira fé que trará a libertação.<sup>6</sup>

O cristão, portanto, deve estar sempre atento ao risco de adotar ideias que, embora populares, usurpam o lugar da Bíblia como norma de fé e prática. O Senhor Jesus afirmou: “Santifica-os na tua verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). Qualquer sistema que se arrogue autoridade acima da Escritura é, por definição, uma fortaleza que precisa ser desfeita pela luz da verdade.

Outra característica comum às ideologias é a sua resistência ativa à verdade de Deus. Isso pode ocorrer de duas formas: pela rejeição explícita da revelação bíblica ou pela tentativa de reinterpretar as Escrituras à luz da ideologia. Ambas as abordagens são perigosas e tendem a afastar os cristãos da genuína fé. Como Paulo adverte em Romanos 12.2, não devemos estar conformados com este mundo, mas ser transformados pela renovação da mente.

<sup>6</sup> BROWN, Colin. **Filosofia e Fé Cristã**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 263, 264.

As ideologias tendem a distorcer verdades bíblicas para adaptá-las às suas agendas. Essa reinterpretação, assim como os seus expositores, pode parecer “descolada”, mas é sutil e profundamente corrosiva, pois esvazia a autoridade do texto sagrado e enfraquece a doutrina. Daí, a fé cristã passa a ser moldada pela cultura, em vez de ser luz e sal para ela. É assim que muitos, enganados, passam a justificar comportamentos ou crenças antibíblicas com argumentos ideológicos vestidos de espiritualidade.

Por isso, o cristão deve manter uma atitude vigilante e bíblica diante das ideias que o mundo propõe. Em 1 João 4.1, somos exortados a provar os espíritos para ver se são de Deus. O mesmo se aplica às ideias: devemos examiná-las à luz da Palavra, rejeitar o erro e permanecer na sã doutrina, mesmo que isso custe oposição ou impopularidade.

## II — IMPACTO SOBRE A FÉ CRISTÃ

Quando uma ideologia domina o pensamento de uma sociedade (ou até de uma igreja), ela afeta profundamente a forma como as pessoas compreendem e vivem a fé. Valores e práticas são moldados segundo aquele sistema de ideias, muitas vezes em detrimento dos princípios estabelecidos nas Escrituras. Assim, os cristãos correm o risco de viver uma fé sincretizada, adaptada às ideias do mundo, em vez de viver uma fé pura e bíblica.

A fé cristã exige exclusividade: Jesus Cristo é o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). Toda ideologia que propõe alternativas ao evangelho verdadeiro, mesmo que parcialmente, é uma ameaça à integridade da fé. Por isso, Paulo combate com firmeza qualquer evangelho diferente (Gl 1.8,9) e adverte contra filosofias e vãs sutilezas (Cl 2.8). Quando os cristãos deixam de perceber os impactos das ideologias, tornam-se vulneráveis à apostasia.

É dever da Igreja e dos líderes instruírem os crentes no discernimento bíblico, capacitando-os a perceber as sutilezas do erro e resistirem firmes na fé. A omissão nesse ponto resulta em um cristianismo deformado, adaptado à cultura, porém distante do Deus das Escrituras.

As ideologias frequentemente propõem valores que se chocam com os mandamentos de Deus. Em temas como sexualidade, família, ética, justiça ou propósito da vida, as ideias mundanas opõem-se à cosmovisão bíblica. Isso logicamente cria um conflito interno no cristão que, ao tentar conciliar ambos, pode acabar por comprometer a sua fidelidade

ao Senhor. Esse conflito pode ser especialmente notório em áreas em que a cultura pressiona o indivíduo a aceitar o que é moralmente contrário à Palavra. Por exemplo, a promoção da autonomia absoluta do indivíduo, típica do pensamento pós-moderno, entra em choque com a doutrina cristã de submissão à vontade de Deus. Da mesma forma, a valorização do prazer imediato, característica do hedonismo contemporâneo, é incompatível com o chamado ao discipulado e à santidade.

Nesse cenário, muitos acabam relativizando a sua obediência, buscando adaptar a fé às exigências do mundo. Jesus, porém, já advertiu que ninguém pode servir a dois senhores (Mt 6.24). A fidelidade a Deus requer coragem para resistir à pressão cultural e disposição para viver segundo os valores do Reino, mesmo em oposição ao sistema deste mundo.

Um dos efeitos mais danosos relacionados à influência de determinadas ideologias sobre a fé cristã é o secularismo que vem ocorrendo em relação ao evangelho. Isso acontece quando o cristianismo perde o seu caráter espiritual e transcendente e passa a ser visto apenas como uma filosofia de vida, um código moral ou uma ferramenta de transformação social que deve ser vivenciado no privado, fora da esfera pública e que não pode ser normativo e salvífico àqueles que estão fora. Sabemos que o evangelho, de fato, transforma vidas e sociedades e que a sua essência é espiritual e redentora, centrada na obra de Cristo.

Quando uma ideologia racionalista ou materialista domina, ela reduz o evangelho a uma utilidade prática. A fé deixa de ser um fim em si e passa a ser um meio para alcançar objetivos terrenos, como bem-estar, justiça social ou sucesso pessoal. Essa mudança sutil rebaixa o evangelho e torna Cristo apenas um exemplo, e não o Salvador.

A Igreja precisa manter a centralidade da cruz, da graça e da regeneração operada pelo Espírito. O evangelho não é um produto submisso à cultura, mas a verdade de Deus que confronta o mundo e chama à conversão. Como Paulo afirmou: “Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado” (1 Co 2.2).

A História da Igreja está repleta de exemplos em que ideologias influenciaram negativamente a fé cristã. Um dos casos mais notórios é o do marxismo, que, ao propor a luta de classes como motor da história, rejeitou a transcendência e perseguiu a Igreja em diversos contextos. O resultado foi a eliminação de espaços de adoração, prisão de pastores e supressão da mensagem do evangelho.

Outro exemplo é o secularismo moderno, que, ao retirar Deus do espaço público, promove uma sociedade que vive “como se Deus não existisse”. Essa ideologia levou à marginalização da fé cristã, restringindo-a ao âmbito privado e dificultando a atuação da igreja na cultura. Muitas igrejas, para sobreviver, passaram a diluir a sua mensagem ou se conformar aos valores seculares, visto que um Cristo que exige exclusividade não é bem-vindo em círculos ditos “tolerantes”.

Esses exemplos históricos claramente nos mostram que ceder à pressão ideológica não leva ao avanço da fé, mas à sua diluição. A igreja fiel deve resistir ao erro, mesmo quando isso custar oposição ou perseguição. Jesus advertiu-nos que teríamos aflições no mundo, mas também nos chamou a ter bom ânimo, pois Ele venceu o mundo (Jo 16.33).

### III – DEFESA DA VERDADE BÍBLICA

O discernimento bíblico é um dom precioso e necessário em tempos de confusão ideológica. A Palavra de Deus claramente nos instrui a “examina[r] tudo. Rete[r] o bem” (1 Ts 5.21), o que implica uma atitude constante de vigilância e avaliação espiritual diante de tudo o que ouvimos, lemos ou aceitamos. O cristão não pode ser ingênuo diante de discursos atraentes ou ideias populares que, embora pareçam boas, podem contradizer a verdade revelada nas Escrituras. Precisamos, com humildade, comparar todas as ideias humanas com a Palavra de Deus, pois só ela é lâmpada para os nossos pés (ver Sl 119.105).

É justamente a ausência desse discernimento que tem levado muitos a aceitar como verdade aquilo que se opõe ao evangelho. Algumas ideologias trazem linguagem de justiça, inclusão e liberdade, mas por trás delas esconde-se uma rejeição sutil (e, às vezes, agressiva) aos valores bíblicos. O crente precisa, portanto, pedir a Deus olhos espirituais abertos para perceber o engano, mesmo quando ele vem disfarçado de “anjo de luz” (2 Co 11.14). O Espírito Santo usa a Palavra para iluminar o entendimento e fazer distinção entre o que é santo e o que é profano.

Dessa forma, a Igreja de Cristo é chamada a formar crentes maduros, que manejem bem a Palavra da verdade (2 Tm 2.15), sendo capazes de refutar falsos ensinamentos e resistir à tentação de conformar-se com este século (Rm 12.2). Em um tempo em que tantas vozes clamam por nossa atenção, é necessário que a voz de Deus, revelada na Escritura,

continue sendo a mais alta e respeitada. Discernimento bíblico é sinal de maturidade e amor pela verdade. Aquele que ama a verdade jamais se deixará escravizar por ideologias humanas.

A fidelidade doutrinária é uma das maiores necessidades da igreja atual. Em um mundo em que a verdade é vista como relativa, o cristão deve reafirmar com ousadia os fundamentos imutáveis da fé. Doutrinas como a divindade de Cristo, a suficiência das Escrituras, a justificação pela fé e a esperança da segunda vinda não podem ser negociadas. Essas verdades não são apenas históricas, mas também eternas, e foram confiadas à Igreja como um depósito sagrado (2 Tm 1.14). Guardar a sã doutrina é uma forma de resistir às tentações ideológicas que buscam diluir a fé cristã.

Os credos e confissões da fé servem como ferramentas úteis nesse processo de preservação. Eles são declarações históricas que condensam a essência do evangelho e ajudam a Igreja a manter-se unida na verdade. Em tempos de ataques ideológicos, esses marcos doutrinários funcionam como âncoras que impedem o naufrágio da fé. Não se trata de substituir a Bíblia por credos, mas de usar esses documentos como testemunhos da fé de gerações que enfrentaram lutas semelhantes às nossas.

A fidelidade doutrinária, portanto, não é sinal de rigidez desnecessária, mas de compromisso com o evangelho de Cristo. O cristão que conhece e valoriza as verdades fundamentais da fé não será facilmente levado por “todo vento de doutrina” (Ef 4.14). A igreja que se firma na verdade bíblica, alimentando-se de uma teologia sadia, estará melhor preparada para identificar e refutar qualquer ideologia que tenta desviar os seus membros do caminho do Senhor.

A batalha contra as ideologias humanas, que visam distorcer as Escrituras, não se vence apenas com argumentos racionais ou conhecimento intelectual, mas com a dependência total do Espírito Santo. Jesus prometeu que seríamos guiados pelo Espírito “em toda a verdade” (Jo 16.13), e essa promessa continua válida para a Igreja hoje. Em tempos de confusão, quando ideias contrárias à Palavra de Deus espalham-se rapidamente, é o Espírito quem nos fortalece para permanecermos fiéis, discernirmos o erro e proclamarmos a verdade com ousadia.

A oração é o meio pelo qual buscamos a sabedoria que vem do alto (Tg 1.5). Diante das pressões do mundo e das tentações ideológicas,

devemos dobrar os joelhos, clamar por entendimento e renovar nossa mente pela presença de Deus. O Espírito não apenas nos dá discernimento, como também coragem, pois “Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Tm 1.7). A ação do Espírito é essencial para que a Igreja não se acomode nem se cale diante do erro.

A vida cheia do Espírito é, por fim, o antídoto contra o engano. O cristão que anda em comunhão com Deus será mais sensível à sua voz e mais resistente aos apelos ideológicos do mundo. O Espírito Santo é aquele que nos lembra das palavras de Cristo, que nos consola em meio às lutas e que nos capacita para mantermos a fidelidade até o fim. Confiar no Espírito é reconhecer que não estamos sozinhos nessa batalha: o Senhor é conosco, e a sua verdade prevalecerá.

## CONCLUSÃO

Neste capítulo, compreendemos que a ideologia, embora muitas vezes apresentada como algo neutro ou até benéfico, é, na realidade, um sistema de pensamento carregado de pressupostos que moldam comportamentos, valores e interpretações da realidade. Quando essa estrutura ideológica entra em conflito com os fundamentos da fé cristã, especialmente com a autoridade suprema das Escrituras, torna-se um instrumento perigoso de desvio espiritual. Por isso, a Igreja precisa estar atenta, discernindo não apenas o conteúdo das ideologias, como também as suas origens, motivações e consequências práticas.

A fidelidade à Palavra de Deus deve ser o filtro pelo qual todo pensamento deve ser julgado. Conforme nos adverte o apóstolo Paulo, devemos levar “cativo todo entendimento à obediência de Cristo” (2 Co 10.5). Isso significa que nenhuma ideia, por mais atrativa ou popular que seja, pode ter lugar de autoridade sobre a consciência cristã, a não ser aquela que emana da revelação divina. A Escritura é suficiente e eficaz para orientar a vida do crente em todas as áreas, seja a pessoal, a familiar, a eclesiástica ou a social.

Além disso, a substituição sutil da verdade bíblica por ideias ideológicas costuma ocorrer não apenas por imposição, mas também por negligência espiritual. Uma igreja que não ensina com profundidade, que não forma os seus membros no conhecimento das Escrituras,

torna-se vulnerável às pressões culturais e filosóficas do seu tempo. O triunfo da ideologia é, em muitos casos, resultado da ausência de um discipulado bíblico robusto. Assim, o combate às ideologias que distorcem a fé começa com uma redescoberta do evangelho puro, vivido e proclamado com coragem.

A maturidade espiritual revela-se na capacidade de discernir o erro, mas também na disposição de permanecer firme na verdade, mesmo quando ela não é popular. Ideologias podem prometer libertação, justiça, prosperidade ou identidade, mas só Cristo pode oferecer uma verdadeira transformação de vida. O crente maduro não se impressiona com discursos inflamados, mas examina todas as coisas, retendo o que é bom (1 Ts 5.21), e rejeita toda forma de engano, por mais bem articulado que seja.

É preciso, portanto, que a Igreja, no seu papel profético e pastoral, permaneça vigilante, denunciando com sabedoria e compaixão os perigos das ideologias contrárias ao evangelho. Isso não se faz por meio de uma guerra cultural ou retórica agressiva, mas por meio da proclamação fiel da Palavra e do testemunho coerente de uma vida cheia do Espírito Santo. O mundo precisa ver uma Igreja que não se curva aos ventos doutrinários nem às pressões ideológicas, mas que permanece enraizada no amor e na verdade de Cristo.

Nossa confiança não está em nossa capacidade de discernir tudo com perfeição, mas na ação do Espírito Santo, que guia a Igreja “em toda a verdade” (Jo 16.13). É Ele quem ilumina nossas mentes, fortalece nosso coração e também nos dá coragem para viver uma fé contracultural. Sigamos firmes, com os olhos fixos em Jesus, resistindo às seduções do mundo e proclamando, com humildade e firmeza, que a verdade de Deus é eterna e jamais poderá ser substituída por nenhuma ideologia humana.

## Capítulo 2

# A FALÁCIA DO MATERIALISMO HISTÓRICO

**Mas é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. I Timóteo 6.6-9**

### INTRODUÇÃO

O materialismo histórico, proposto por Karl Marx e Friedrich Engels, constitui uma das ideologias mais influentes dos últimos dois séculos. A sua proposta é radical: interpretar toda a história da humanidade exclusivamente a partir das condições materiais de existência, especialmente os modos de produção e os conflitos entre classes sociais. Segundo essa visão, o que move a história não são valores, princípios morais ou a ação divina, mas, sim, as lutas entre opressores e oprimidos dentro das estruturas econômicas de cada época.

Na concepção marxista, o ser humano é produto do meio. O que ele pensa, deseja ou acredita é reflexo da sua posição dentro da estrutura produtiva e social. A religião, inclusive, é interpretada como um instrumento das classes dominantes para manter o controle sobre os oprimidos (por isso, Marx definiu-a como “ópio do povo”). Essa análise reduz a complexidade do ser humano e do mundo à esfera econômica, ignorando dimensões espirituais, morais e transcendentais que são essenciais para uma cosmovisão cristã.

A partir dessa base filosófica, o materialismo histórico **nega qualquer** ação sobrenatural na história, rejeita a revelação de Deus e substitui a providência divina por uma confiança cega nas transformações revolucionárias conduzidas por homens. Não há lugar para o pecado, para a redenção ou para a Graça. No seu lugar, há apenas a luta material por igualdade e a promessa de uma utopia futura que viria após o colapso do sistema capitalista. O paraíso, para Marx, não está nos céus, mas em uma sociedade sem classes, construída pelo esforço humano.

Essa ideologia, embora tenha surgido em um contexto europeu do século XIX, continua viva e atuante no pensamento contemporâneo, influenciando áreas como a política, a educação, as artes e até mesmo a teologia. Os seus pressupostos estão presentes em movimentos sociais, em discursos identitários e em propostas de reengenharia cultural. Muitos, inclusive dentro da igreja, adotam essas ideias sem perceber as suas raízes filosóficas e o seu profundo antagonismo à fé cristã.

Para o cristão, é essencial discernir essas influências e rejeitar qualquer narrativa que exclua Deus da história. A Bíblia ensina que o Senhor é soberano sobre todas as coisas, que governa com justiça e amor e que a história não é fruto do acaso nem de lutas materiais, mas parte de um plano eterno de redenção. Deus não está ausente da história humana; pelo contrário, Ele soberanamente a conduz rumo à consumação de todas as coisas em Cristo (Ef 1.10).

Por isso, precisamos avaliar o materialismo histórico à luz das Escrituras. Não podemos permitir que visões reducionistas do ser humano e da realidade afastem-nos da verdade revelada. A teologia cristã afirma que fomos criados à imagem de Deus, que nossa dignidade não depende de classe social e que nossa maior necessidade não é apenas material, mas também espiritual: a reconciliação com Deus por meio de Jesus Cristo.

Neste capítulo, aprenderemos a identificar os fundamentos do materialismo histórico, as suas consequências e como a fé bíblica oferece uma resposta muito mais profunda, verdadeira e transformadora. Que este estudo nos fortaleça na Palavra e nos equipe para viver com sabedoria, rejeitando as ideologias humanas e permanecendo firmes no evangelho eterno de nosso Senhor.

## I — FUNDAMENTOS DO MATERIALISMO HISTÓRICO

Para entendermos corretamente o que é o materialismo histórico, não basta olharmos apenas para algumas frases soltas de Marx e Engels; é preciso observarmos o conjunto das suas ideias ao longo do tempo. Nos primeiros anos, especialmente entre 1845 e 1848, Marx e Engels escreveram textos de síntese onde lançaram as bases principais dessa teoria. No entanto, esse pensamento foi sendo desenvolvido e ampliado com o passar dos anos, especialmente por meio dos escritos de Engels.

Um exemplo importante é o livro *Anti-Dühring*, escrito por Engels em 1877, onde ele volta a tratar da relação entre dialética e materialismo. Esse livro foi resumido por ele mesmo em uma obra mais popular chamada *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*, publicada em 1880. Outro texto essencial é *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã* (1886), onde Engels analisa como o pensamento filosófico alemão influenciou o nascimento do marxismo.

Tudo isso mostra que o materialismo histórico é um sistema de pensamento construído ao longo do tempo, com argumentos que se interligam e buscam explicar a sociedade apenas com base nas relações materiais e econômicas. Para o cristão, é fundamental conhecer esse pensamento não para aceitá-lo, mas para saber discernir, à luz da Palavra de Deus, quais são as ideias que tentam excluir a ação de Deus na história e na vida humana.

No centro da teoria marxista, está a ideia de que a história é, essencialmente, a história da luta entre classes, entre opressores e oprimidos. Segundo essa visão, as estruturas sociais, políticas e culturais existem para manter a dominação de uma classe sobre outra, o que supostamente justifica a necessidade de uma revolução que inverta essas posições. A história, portanto, não teria propósito transcendente nem direção divina, mas seria apenas um ciclo de conflitos materiais.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Vendo a história pelo prisma da luta de classes, Marx claramente a reduz a três grandes períodos: o comunismo primitivo, a propriedade privada e o comunismo moderno. Esses três momentos, a uma só vez ligam a filosofia marxista a Hegel (a dialética) e ao Antigo Testamento. [...] Vê um período de intensa alienação e sofrimento, culminando em uma revolução profunda e provavelmente violenta. É depois disso que virá a transformação que trará uma sociedade justa (BROWN, 2007, p. 266).

A cosmovisão cristã, porém, enxerga a história sob outra ótica: o ser humano, criado por Deus, caiu pelo pecado e necessita de redenção por meio de Cristo. A luta real não é apenas entre classes sociais, mas também entre a verdade e o erro, entre a luz e as trevas (Ef 6.12). O foco exclusivo no conflito de classes obscurece a necessidade de regeneração e reconciliação com Deus, tornando a redenção social mais importante do que a salvação eterna.

Além disso, ao reduzir o sofrimento humano a causas econômicas, o materialismo ignora a complexidade do pecado, da injustiça e da responsabilidade moral. Essa simplificação torna a ideologia atraente, porém perigosa, pois desloca a raiz dos males da humanidade da condição espiritual para a estrutura material, negando a necessidade do arrependimento e da transformação pelo evangelho.

O materialismo dialético propõe que todas as mudanças sociais ocorrem como resultado de contradições internas nos sistemas materiais sem qualquer interferência externa ou divina. O progresso seria inevitável e fruto dessas tensões internas entre opostos, o que exclui a ideia de propósito e direção conduzidos por Deus. A história acabaria sendo um fluxo impessoal, sem sentido transcendente.

Essa teoria nega a possibilidade de intervenção divina e a realidade de princípios morais imutáveis, substituindo-os por um relativismo histórico que legitima qualquer ação em nome da “evolução social”. Isso é inaceitável para os cristãos, pois a história é dirigida por um Deus soberano, que estabelece limites morais e julga as ações humanas com justiça (Sl 75.6,7). A dialética marxista é, portanto, incompatível com a doutrina bíblica da providência.

Esse tipo de pensamento cria uma falsa esperança de que, com o tempo e o conflito social, o mundo certamente se tornará justo por si mesmo. O evangelho, ao contrário, afirma que só Cristo pode transformar a humanidade e trazer justiça verdadeira — não por meio de revolução, mas por meio do novo nascimento e da ação do Espírito Santo na vida das pessoas.

O materialismo histórico parte de uma base ateísta declarada. Marx dizia que “a religião é o ópio do povo”, ou seja, uma ilusão criada para manter os pobres subjugados e satisfeitos com a sua condição. Assim, Deus é tratado como uma invenção humana, e a fé cristã é vista como um obstáculo ao progresso social. Tal visão é não só anticristã, como também explicitamente hostil à revelação bíblica.

Outra figura importante para nossa discussão, que apresenta uma espécie de atualização na teoria de Marx e Engels, foi feita por Antonio Gramsci (poderíamos citar vários nomes, mas, por questão de espaço, entende-se que Gramsci é necessário para nosso estudo). Antonio Gramsci (1891–1937), marxista italiano, acrescentou uma dimensão cultural ao materialismo histórico ao enfatizar o papel da superestrutura — instituições educativas, religiosas, midiáticas e artísticas (na manutenção do poder de classe). Para ele, a dominação não se sustenta apenas pela coerção do Estado, mas também pela hegemonia: a aceitação, pelas classes subalternas, da visão de mundo da classe dominante como natural e inquestionável.<sup>2</sup>

Enquanto Marx via a ideologia como reflexo das relações econômicas, Gramsci entendeu-a como um instrumento ativo de controle, produzido e difundido por intelectuais orgânicos que conectam interesses de classe a crenças e valores populares. A luta de classes, portanto, ocorre tanto nas fábricas quanto nos meios culturais, exigindo da classe oprimida uma guerra de posição (a construção de uma alternativa hegemônica) antes de qualquer confronto político aberto. Também descreveu o fenômeno do transformismo, o processo pelo qual a classe dominante absorve e neutraliza demandas sociais, impedindo rupturas radicais. Para superar essa hegemonia, propôs a construção de instituições paralelas (sindicatos, escolas, publicações), capazes de despertar uma nova consciência coletiva, modelo que complementa a revolução econômica prevista por Marx.

Como filósofo da práxis, Gramsci está interessado no modo como ocorre o processo de dominação política no seu tempo histórico, chegando à questão da materialidade do Estado e da sociedade civil a partir dos seus “aparelhos”. Em nota do Caderno 15 (1933), afirma que o Estado é “todo o complexo de atividades práticas e teóricas com as quais a classe dirigente não só justifica e mantém seu domínio, mas consegue obter o consenso ativo dos governados” (Gramsci, 2011, p. 331). Observa-se que é na análise da materialidade do Estado integral ou ampliado e na execução de suas atividades práticas que Gramsci localiza as formas de dominação do seu tempo: a hegemonia.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Civilização Brasileira: São Paulo, 2003. A edição total possui seis volumes e foi organizada por Carlos Nelson Coutinho.

<sup>3</sup> TAVARES, Anderson. **Caminhos para a Crítica do Estado Burguês**: a questão da sociedade civil em Marx e Gramsci. **Marx e o Marxismo**, v. 9, n. 17,

Compreender esses conceitos é fundamental para a Igreja. Não basta refutar o marxismo em nível político ou econômico; é preciso apresentar o cristianismo como uma contra-cultura ao que está proposto, um corpo de ensino e prática que molda corações e mentes segundo os valores do Reino de Deus. Só assim será possível desafiar a influência ideológica dos sistemas seculares e apresentar o evangelho como alternativa cultural e espiritual eficaz.

A questão é que esse ateísmo ideológico despreza o testemunho das Escrituras, que ensinam que Deus é o criador, sustentador e Senhor da história (Is 46.9,10). A rejeição de Deus como fundamento da realidade leva ao niilismo, pois não há propósito, nem valor absoluto, muito menos esperança sem um Criador transcendente. O cristianismo, ao contrário, apresenta uma visão rica e elevada da existência humana, com origem, sentido e destino sob os cuidados de um Deus amoroso e justo.

Além disso, a tentativa de eliminar a fé do espaço público revela o caráter totalitário de muitas ideologias baseadas no materialismo histórico. Elas não se contentam em propor alternativas sociais, mas desejam substituir completamente os fundamentos da fé cristã por valores seculares e ideológicos. Essa tendência foi historicamente demonstrada por regimes comunistas, que perseguiram a Igreja e tentaram apagar a presença de Deus da consciência coletiva.

## **II – VISÃO BÍBLICA DA HISTÓRIA E DO SER HUMANO**

A narrativa bíblica afirma com clareza que Deus é soberano sobre todas as nações, povos e tempos. Em Atos 17.26, Paulo declara que Deus estabeleceu os tempos previamente ordenados e os limites da habitação dos homens. Isso significa que a história não é resultado do acaso nem de forças impessoais, mas está sob a direção sábia e justa do Senhor. A Bíblia mostra que Ele levanta reis e abate-os, tudo conforme os seus desígnios eternos (Dn 2.21).

Essa soberania contrasta diretamente com o determinismo econômico do materialismo histórico, que nega o envolvimento divino e interpreta os eventos com base apenas nas estruturas sociais. O

cristão, no entanto, crê que Deus está ativamente presente no mundo, conduzindo a história rumo à consumação em Cristo. O que para o materialismo é luta cega, para o cristão é plano divino.

Essa soberania divina não anula a responsabilidade humana, mas coloca a história dentro de um propósito redentivo maior. Enquanto o materialismo histórico vê a história como um ciclo contínuo de lutas e revoluções, a Bíblia mostra que ela caminha para um desfecho planejado, no qual Cristo será exaltado como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Assim, o cristão não vê os eventos históricos como produtos do acaso ou do conflito entre classes, mas, sim, como partes de um plano maior, cujo centro é Cristo e a glória de Deus.

Além disso, crer na soberania de Deus oferece conforto e estabilidade em meio às crises sociais e políticas. Mesmo diante das injustiças e tribulações, a fé bíblica sustenta que o Senhor reina e que nada escapa ao seu controle. O materialismo histórico, ao desprezar essa verdade, produz desespero ou confiança enganosa em revoluções humanas.

Segundo Gênesis 1.26,27, o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, com dignidade, responsabilidade moral e capacidade de escolha. Isso significa que cada pessoa possui valor intrínseco, independentemente da sua posição econômica. O livre-arbítrio é parte dessa dignidade e permite ao homem escolher entre o bem e o mal, entre a obediência a Deus ou a rebelião contra Ele.

Essa visão é incompatível com o materialismo histórico, que trata o ser humano como produto das estruturas materiais e econômicas. Ele não é livre, mas condicionado. Tal ideia elimina a responsabilidade pessoal e abre caminho para justificativas ideológicas para o pecado e a violência, como se o mal não fosse fruto de um coração corrompido, mas apenas resultado de opressões externas.

Outra diferença fundamental entre a visão cristã e o materialismo histórico está na antropologia, ou seja, na compreensão sobre o ser humano. O marxismo simplesmente o reduz a um produto das condições materiais e das relações de produção, negando a existência de uma alma ou de um valor intrínseco. A Bíblia, ao contrário, afirma que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.26,27), o que lhe confere dignidade e valor inalienáveis.

Essa dignidade não depende da sua posição social, etnia ou capacidade produtiva; ela está enraizada no fato de que o ser humano foi

feito para refletir a glória de Deus, sendo dotado de razão, consciência moral e liberdade de escolha. Isso significa que o homem não está condenado a ser apenas vítima ou agente de estruturas sociais opressoras, como ensina o materialismo histórico, mas pode exercer responsabilidade moral diante de Deus e do próximo.

Essa visão cristã permite que reconheçamos injustiças sociais sem cair na armadilha do ódio de classes. O evangelho não anula a luta contra a opressão, mas oferece uma resposta mais profunda: a regeneração do coração humano. O verdadeiro progresso ocorre não apenas por meio de reformas externas, mas por meio da transformação interior operada pelo Espírito Santo. Por isso, a missão cristã envolve tanto a proclamação da salvação quanto o testemunho ético, sempre respeitando a liberdade e o valor de cada indivíduo.

A teologia bíblica, porém, mantém o equilíbrio entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Embora vivamos em um mundo afetado pelo pecado e pelas injustiças sociais, o evangelho chama cada pessoa ao arrependimento, à fé e à transformação interior, o que é impossível numa cosmovisão que nega o pecado e a alma humana.

A resposta bíblica à injustiça não é a luta armada nem a revolução violenta, mas o amor ao próximo, a compaixão e a justiça segundo os padrões do Reino de Deus. Jesus ensinou que devemos amar até os inimigos (Mt 5.44) e que o maior é aquele que serve (Mc 10.43-45). A Igreja Primitiva vivia a solidariedade cristã de forma prática, compartilhando recursos e cuidando dos necessitados (At 2.44,45), sem depender de imposição estatal ou ideológica.

Essa solidariedade nasce da regeneração e do novo nascimento, e não de estruturas sociais. Diferentemente das ideologias, que tentam impor a igualdade por meio da coerção, o evangelho transforma corações para agir com generosidade e justiça. A justiça bíblica é fruto da graça, e não da luta de classes. Ela busca reconciliação, não revanche.

Portanto, a transformação da sociedade começa, segundo a fé cristã, na conversão do indivíduo, que passa a viver como sal da terra e luz no mundo (Mt 5.13-16). Essa mudança interior é o caminho para a verdadeira justiça e paz social — algo que nenhuma ideologia humana, por mais bem intencionada, pode produzir por si só.

### III — CONSEQUÊNCIAS PRÁTICAS E ESPIRITUAIS DESTA TEORIA

A história moderna oferece inúmeros exemplos dos perigos do materialismo histórico quando aplicado ao governo. Em países como a União Soviética, a China comunista, Cuba e outros, o regime marxista resultou em severa repressão à liberdade religiosa. Igrejas foram fechadas, líderes foram presos ou mortos, e a Bíblia foi proibida em muitos contextos.

Esses regimes trataram a fé cristã como ameaça ao Estado, justamente porque ela prega uma autoridade superior à ideologia do partido. O cristão que se recusa a adorar o Estado ou abraçar o ateísmo oficial torna-se alvo de perseguição. O testemunho da igreja em meio a esse sofrimento continua, no entanto, sendo um dos maiores sinais do poder e da verdade do evangelho.

Essa perseguição comprova que ideologias anticristãs não são neutras. Elas ativamente se opõem à fé e buscam silenciar a mensagem da cruz. O povo de Deus, no entanto, permanece fiel mesmo sob pressão, seguindo os passos de Cristo e dos apóstolos que preferiram sofrer a negar a verdade (At 5.29).

O materialismo histórico promete uma sociedade utópica, sem classes, sem desigualdade e com justiça plena. A experiência, contudo, mostra que essas promessas resultaram em governos autoritários, concentração de poder, pobreza generalizada e perda de liberdades fundamentais. A utopia prometida tornou-se pesadelo para milhões. Isso acontece porque as raízes da injustiça não estão apenas nas estruturas econômicas, mas também no coração humano. Ao ignorar o pecado original e confiar na bondade natural do homem, essas ideologias constroem sistemas instáveis e perigosos. O evangelho, ao reconhecer o pecado e oferecer redenção, oferece uma esperança mais realista e duradoura.

A Bíblia não promete um paraíso terrestre construído por mãos humanas, mas aponta para o Reino de Deus, que virá com a segunda vinda de Cristo. Até lá, somos chamados a viver com justiça, misericórdia e fidelidade, sabendo que nenhuma ideologia poderá realizar plenamente o que só o Senhor pode consumir.

Em contraste com os sistemas que falharam, a Igreja permanece como um farol em meio à escuridão. Mesmo perseguida, ela continua proclamando a verdade e vivendo a fé com coragem. O poder da

Igreja não está nas armas nem no domínio político, mas na cruz de Cristo, que salva, transforma e liberta.

A Igreja testemunha que a verdadeira justiça é fruto da reconciliação com Deus, não de imposições humanas. Ela ensina que a paz começa no coração regenerado e que o amor ao próximo é mais eficaz do que o ódio proveniente da luta de classes. O testemunho cristão é, portanto, um desafio a todas as ideologias que prometem salvação sem Deus.

Diante de um antagonismo tão profundo, é preciso perguntar: como pode surgir um diálogo entre o marxismo e o cristianismo? Apesar disso, tal diálogo surgiu no início da década de 1960 e prossegue até hoje. Nesse diálogo, ideias marxistas infiltraram-se profundamente em certos setores das igrejas. A implantação de ideias cristãs nos partidos comunistas não tem tido tanto êxito.<sup>4</sup>

Os cristãos são chamados a não se conformarem com o pensamento deste século (Rm 12.2), mas a resistirem com mansidão e firmeza, confiando no Senhor e vivendo segundo os padrões eternos da sua Palavra.

## **CONCLUSÃO**

Percebemos que o materialismo histórico, embora influente e amplamente difundido nos meios acadêmicos, oferece uma visão distorcida da realidade. Ele interpreta a história e a sociedade exclusivamente por meio das condições materiais e das lutas de classes, ignorando completamente a dimensão espiritual do ser humano e a soberania divina. Ao excluir Deus da equação da história, essa ideologia propõe uma leitura fragmentada da existência humana e compromete valores fundamentais como a dignidade da pessoa, a moralidade e o propósito eterno da criação.

Como cristãos, não podemos aceitar uma visão de mundo que nega a existência de Deus, a revelação das Escrituras e a centralidade de Cristo na história. A Bíblia claramente nos ensina que o Senhor é o Criador de todas as coisas, tanto as visíveis quanto as invisíveis, e que nada escapa ao seu controle soberano (Cl 1.16,17). A história não é apenas movida por forças econômicas ou sociais, mas também

---

<sup>4</sup> BROWN, 2007, p. 275.

é conduzida pelo Deus eterno, que intervém na história para realizar os seus propósitos redentores.

Além disso, o evangelho não anula a justiça social, mas fundamenta-a em princípios eternos. O chamado bíblico à solidariedade, ao cuidado com os pobres, à promoção da justiça e da paz está enraizado no caráter santo e amoroso de Deus, não em estruturas ideológicas humanas. A Igreja, como Corpo de Cristo, é chamada a ser um sinal profético de uma nova humanidade, em que as divisões impostas por classe, raça ou posição social são superadas pelo amor de Deus em Cristo Jesus (Gl 3.28).

A proposta do materialismo histórico é limitada porque não oferece redenção nem esperança eterna. Ela tenta curar os males da sociedade com soluções terrenas, só que sem lidar com o verdadeiro problema do coração humano: o pecado. A Bíblia ensina que só a regeneração operada pelo Espírito Santo, por meio da fé em Jesus, pode transformar verdadeiramente indivíduos e, por consequência, a sociedade (2 Co 5.17). O cristianismo não ignora a realidade da injustiça, mas aponta para a cruz como o único caminho de reconciliação e restauração.

É importante que a Igreja mantenha-se vigilante quanto à infiltração de ideias materialistas que se disfarçam de soluções sociais ou teorias neutras. Muitos jovens e cristãos são atraídos por discursos que parecem promover igualdade e justiça, mas que, na prática, desconstruem os fundamentos da fé, relativizam a verdade e substituem a autoridade das Escrituras por projetos ideológicos humanos. Cabe aos líderes e educadores cristãos formar crentes maduros, firmados na Palavra e capazes de discernir os tempos com sabedoria espiritual.

Viver com fidelidade à verdade revelada também é um ato de resistência às pressões culturais. Em um mundo cada vez mais secularizado e ideologizado, permanecer na Palavra é um testemunho poderoso. Isso não significa alienação, mas engajamento com discernimento. O cristão não é chamado a afastar-se do mundo, mas, sim, a ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13,14), influenciando com a verdade do evangelho e não sendo moldado pelas ideias dominantes.

Rejeitamos, portanto, o materialismo histórico não por falta de sensibilidade social, mas porque conhecemos uma realidade superior: o Reino de Deus. Nesse Reino, a verdadeira justiça é fruto do Espírito, e a transformação começa no coração. Nossa missão é pregar o evan-

gelho, formar discípulos, amar o próximo e agir com misericórdia sem jamais sacrificar a verdade de Deus em troca de ideologias passageiras.

Que o Senhor nos conceda discernimento, firmeza e coragem para vivermos uma fé autêntica e bíblica. Que possamos formar uma geração comprometida com a verdade da Escritura, sensível às necessidades humanas, porém inabalável diante das filosofias vãs deste mundo (Cl 2.8). Que em tudo glorifiquemos ao Senhor da história, que nos chama a viver segundo a sua Palavra e a perseverar na esperança da consumação de todas as coisas em Cristo Jesus.

## Capítulo 3

# A FALÁCIA DO RELATIVISMO ÉTICO-MORAL

**Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridade luz, e da luz, escuridade, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo! Ai dos que são sábios a seus próprios olhos e prudentes diante de si mesmos! Ai dos que são poderosos para beber vinho e homens forçosos para misturar bebida forte! Ai dos que justificam o ímpio por presentes e ao justo negam justiça! Isaías 5.20-23**

### INTRODUÇÃO

**V**ivemos em uma era marcada por uma profunda crise de valores, onde a verdade moral é frequentemente questionada ou até mesmo rejeitada. O relativismo ético-moral apresenta-se como uma das principais expressões dessa crise, propondo que não há padrões universais e objetivos que definam o que é certo ou errado. Segundo essa ideologia, a moralidade é determinada pelo contexto cultural, histórico ou individual, e não por princípios transcendentais e absolutos. Esse pensamento tem ganhado espaço especialmente em ambientes pós-modernos, em que a subjetividade é exaltada e a experiência pessoal sobrepõe-se à verdade revelada.

No relativismo, todas as opiniões são tidas como igualmente válidas, e qualquer tentativa de afirmar uma verdade objetiva é considerada intolerante ou autoritária. Com isso, perde-se o referencial que orienta a vida humana em direção ao bem, à justiça e à responsabilidade. Essa

mentalidade alimenta uma sociedade fluida,<sup>1</sup> onde os limites éticos são constantemente deslocados para ajustarem-se aos desejos e conveniências do momento. Isso conduz inevitavelmente à instabilidade moral e à decadência social.

Para o cristianismo, contudo, a ética não é moldada pela cultura ou opinião, mas por um padrão eterno e imutável estabelecido por Deus. A Bíblia revela um Deus santo, justo e bom, cujos mandamentos não estão sujeitos às variações dos tempos nem à oscilação dos sentimentos humanos. A moral cristã não é uma imposição arbitrária, mas, sim, a expressão do caráter divino e do seu amor pela humanidade. Deus criou a humanidade à sua imagem e estabeleceu princípios que promovem a vida, a dignidade e a justiça. Esses princípios são válidos para todos os povos, em todas as épocas.

A aceitação do relativismo ético, portanto, representa um afastamento perigoso da verdade de Deus. Ao rejeitar a ideia de um padrão moral absoluto, o ser humano coloca-se no centro da decisão ética, tornando-se juiz de si mesmo e das normas que irá seguir. Isso alimenta uma autonomia ilusória, que, em última instância, conduz à alienação de Deus e à destruição do próximo. Quando não há um fundamento moral comum, a convivência torna-se frágil, e a injustiça é disfarçada de liberdade.

“Uma das características de nosso tempo, que difere da era passada, diz respeito à questão da epistemologia, isto é, como conhecemos as coisas, ou como passamos a conhecê-la”.<sup>2</sup> O relativismo também afeta diretamente a fé cristã, pois mina a autoridade das Escrituras e enfraquece a convicção espiritual. Muitos cristãos, ao serem influenciados por esse pensamento, passam a relativizar os mandamentos de

---

<sup>1</sup> Zygmunt Bauman (1925–2017) foi um filósofo e sociólogo polonês, defensor incansável da ideia de que a fluidez dos vínculos, que marca a sociedade contemporânea, encontra-se inevitavelmente inserida nas próprias características da pós-modernidade. Faz uso da metáfora da “liquidez” para caracterizar o estado da sociedade moderna contemporânea: como os líquidos, ela é traduzida pela incapacidade de manter a forma. Tal imagem contrapõe-se à da sociedade moderna anterior, a qual, por ser rija e inflexível, foi denominada pelo autor de “modernidade sólida”. Apesar da distinção, há entre ambas um elemento comum primordial: o fato de serem “modernas”, isto é, de serem produtos do ato de pensar em si mesmas, próprio da civilização.

<sup>2</sup> ALVES, Eduardo Leandro. **Um Olhar sobre as Realidades e os Desafios da Igreja**. Londrina, PR: Descoberta, 2013.

Deus, reinterpretando-os segundo os valores do tempo presente. Isso compromete o testemunho da Igreja e a santidade do povo de Deus. A Palavra exorta-nos a não nos conformarmos com este mundo, mas a sermos transformados pela renovação do entendimento a fim de experimentarmos a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (Rm 12.2).

Foi deixado por conta de nossa época negar a possibilidade de culpa. Não se está seguro de existir algo como certo ou errado, bom ou mau, e essa completa incerteza acerca dos valores morais está na raiz da terrível confusão de nossa época. Esse caos ético é a razão última de todas as nossas divisões e conflitos. Devido a nossa incerteza sobre critérios de certo ou errado, o mundo em alguns sentidos está mais unido como nunca (especialmente na comunicação) e, ao mesmo tempo, está simultaneamente dividido como nunca antes esteve.<sup>3</sup>

Em contrapartida, o evangelho oferece uma base sólida e inabalável para a ética. Jesus Cristo, a Verdade encarnada, é o referencial supremo do bem e da justiça. Os seus ensinamentos não mudam com as estações da história, mas permanecem como lâmpada para os pés e luz para o caminho (Sl 119.105). Seguir a Cristo também é um chamado a viver uma vida moralmente íntegra, conforme os padrões do Reino de Deus. É nesse discipulado que encontramos liberdade verdadeira, e não uma liberdade sem limites, mas a que se expressa no amor, na verdade e na justiça.

Neste capítulo, portanto, estudaremos o relativismo moral como uma ideologia enganosa, que busca desconstruir a verdade objetiva de Deus e substituir os absolutos morais por opiniões individuais. Refletiremos sobre como essa forma de pensamento afeta a sociedade, a juventude, a cultura e até mesmo muitos ambientes religiosos. Mostraremos, à luz das Escrituras, que a verdade moral é uma expressão da própria natureza de Deus e que a obediência aos seus mandamentos é o caminho da vida plena e verdadeira.

Convidamos cada leitor a examinar cuidadosamente o fundamento de sua ética. Nossa esperança está em um Deus que não muda e que nos deu a sua Palavra como luz e direção. Rejeitar o relativismo não é adotar uma atitude legalista, mas reconhecer que só há verdadeira

<sup>3</sup> FOREL, George. **Ética da Decisão**. 5.ed. São Leopoldo, RS: Editora Sínodal, 2009, p. 30.

liberdade quando caminhamos segundo a verdade de Deus. A ética cristã não sufoca a humanidade; pelo contrário, ela sempre a dignifica e restaura. Que esta lição fortaleça nossa convicção de que a verdade moral não é uma construção humana, mas, sim, uma dádiva divina revelada em Cristo e nas Escrituras.

## **I — O CONCEITO E A NATUREZA DO RELATIVISMO MORAL**

As contribuições filosóficas de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831) foram decisivas para o surgimento do relativismo na pós-modernidade, especialmente no campo da epistemologia (a teoria do conhecimento, os seus limites e a sua validade), e também na metodologia, isto é, no modo como se investiga e define a verdade do conhecimento.

Hegel introduziu uma ruptura importante com a forma tradicional de pensar baseada em antíteses claras e absolutas. Em vez disso, propôs um novo modelo de raciocínio dialético, baseado na relação entre tese e antítese, cuja interação resultaria sempre em uma síntese. Esse modelo dialético relativiza as oposições e propõe uma verdade em constante construção e transformação, que se adapta conforme novas teses e antíteses surgem.

Como observa Francis Schaeffer (1912–1984), importante filósofo e teólogo norte-americano, “o que Hegel propôs foi o seguinte: não mais pensemos em termos de antítese; pensemos, antes, em função de tese e antítese, sendo que a resposta sempre constitui uma síntese”.<sup>4</sup>

Schaeffer ainda destaca que essa proposta hegeliana deu origem ao pensamento do “tanto-como”, em que as contradições não são mais vistas como excludentes, mas como partes integrantes de uma verdade em fluxo. Essa abordagem contribuiu significativamente para a consolidação do relativismo moderno ao promover a ideia de que a verdade não é fixa, absoluta ou objetiva, mas dinâmica, variável e contextual.

O relativismo moral parte do pressuposto de que todas as normas éticas são construções sociais e, portanto, mutáveis. O que é considerado errado numa cultura pode ser visto como aceitável noutra, e nenhuma das duas estaria errada, ou seja, cada uma teria a sua própria

---

<sup>4</sup> SCHAEFFER, Francis. **A Morte da Razão**. 2.ed. São Paulo: ABU Editora, 2007, p. 35.

“verdade”. Isso implica que não existe certo ou errado universal, mas apenas convenções que variam de acordo com tempo, lugar e opinião.

Na prática, isso significa que valores morais como justiça, bondade, fidelidade ou pureza passam a depender do que é aceito pela maioria ou daquilo que é mais conveniente em determinada situação. No entanto, ao eliminar qualquer padrão absoluto, o relativismo deslegitima qualquer crítica moral coerente e abre espaço para a aceitação de comportamentos danosos sob o argumento de “respeito à diferença”. Esse pensamento é perigoso porque suprime a ideia de uma ordem moral objetiva que governa o mundo.

A Bíblia ensina que Deus estabeleceu princípios morais válidos para todos os seres humanos, independentemente da sua cultura ou tempo histórico (Rm 2.14,15). Rejeitar essa verdade é, portanto, rejeitar o próprio Deus como legislador supremo e abrir caminho para o caos moral. No relativismo, a ética torna-se uma questão de preferência pessoal ou da vontade da maioria, o que torna impossível distinguir entre justiça e injustiça de forma confiável. Se a moralidade é decidida por gostos individuais, o que impede alguém de justificar ações como desonestidade, violência ou egoísmo com base na sua própria visão de mundo? A ausência de um padrão objetivo torna toda condenação moral arbitrária.

Além disso, quando a moral é decidida por maioria, corre-se o risco de legitimar graves injustiças. A história registra exemplos de práticas imorais — como escravidão, perseguições e genocídios — que foram socialmente aceitas nos seus contextos. Isso demonstra que o consenso social não é critério suficiente para definir o que é moralmente correto.

A ética cristã opõe-se a essa subjetividade, pois se fundamenta em um Deus santo e imutável, que revelou a sua vontade nas Escrituras. O crente não vive conforme a opinião das multidões, mas segundo a Palavra que “permanece para sempre” (1 Pe 1.25). Mesmo que o mundo declare algo como certo, o cristão deve sempre perguntar: “O que Deus diz sobre isso?”

O filólogo da Universidade de Leipzig, Alfonso de Toro, em uma entrevista ao Instituto de Humanitas Unisinos, elenca as características da pós-modernidade, destacando o que ela conserva e supera na compreensão do ser humano e da sociedade contemporânea.

Uma das características fundamentais da pós-modernidade é a sua radical pluralidade. É o desenvolvimento, o fomento e a promo-

ção da multiplicidade. Isso tem a ver com três ou quatro fatores fundamentais que, para mim, são os fatores que constituem a pós-modernidade como pensamento, como sistema, como estrutura. Um desses fatores fundamentais é que a pós-modernidade — e isso tem muito a ver com Derrida — supera o conceito de logos e de origem, que é característico para o pensamento ocidental em toda a sua história. Parece-me que isso é fundamental, porque o problema do logos e da origem foi um problema, um fenômeno, uma ideia que causou inúmeros conflitos. Tem a ver com um tipo de discurso nacionalista, genético, relativo à pureza da raça e que se impôs ao longo da história como autoridade, como um discurso, uma ideia, um pensamento irrefutável e universal que transcende as épocas, as culturas e as regiões.

Parece-me que o trabalho de Derrida é fundamental para mostrar que não existe um logos, que não há um interesse, senão que quando temos uma ideia, essa ideia se refere a outras ideias. Há muitas ideias antes, e quando alguém acredita ter chegado a um ponto de partida, este ponto de partida leva a outro ponto de partida e assim consequentemente.

Derrida nos mostra que temos uma espécie de cadeia de pensamentos, o que ele chamará de “dissémination”, isto é, não teremos uma construção de sentidos fixos, mas uma produção de grandes diversidades de sentidos e de significações que vão deixando uma marca. Ou seja, uma ideia, um conceito, uma norma estão condicionados por conceitos e normas anteriores e posteriores. É um sistema dinâmico, um sistema que supera o linearismo ocidental, o que é um problema, porque o linearismo ocidental leva a estruturas fechadas na origem. Esse é um aspecto fundamental.

Um segundo aspecto fundamental que tem a ver com isso e que é consequência lógica da desconstrução da ideia de logos na origem está presente no curso pós-moderno de Lyotard de 1979, *A condição pós-moderna* (São Paulo: José Olympio, 2004), onde o autor demonstra que as metanarrações, os metadiscursos são construções. Por isso, Lyotard diz que “quem prova é a prova” e descobre que os discursos metanarrativos, como discursos que pretendem ter uma verdade absoluta e universal, têm um caráter messiânico.

Dou dois exemplos. Um, o discurso marxista que parte da ideia, da verdade, que toda a sociedade se rege por processos econômicos e que se poderia chegar — e esse é o aspecto messiânico — a uma sociedade justa, onde todas as pessoas têm os mesmos direitos, todos

estão no mesmo nível de igualdade, abolindo a propriedade privada, como Marx propõe, em 1848, no Manifesto de Paris. Esse é um discurso fechado que explica a sociedade somente a partir de um lugar e com um fim determinado, que é ideológico.

Um outro discurso é o de Freud, que acredita que todos os comportamentos humanos, toda a organização social, são regidos pela sexualidade, pelo Complexo de Édipo, e ele quer desenvolver um método (o da psicanálise) para superar o Complexo de Édipo e, assim, atingir uma sociedade saudável. Esses dois discursos são discursos que se excluem mutuamente, porque apresentam uma verdade absoluta. São como as religiões. As religiões na Bíblia são discursos absolutos. Um terceiro aspecto fundamental da pós-modernidade é que a leva a esse desenvolvimento da pluralidade radical e de uma grande multiplicidade de possibilidades é o descentramento do sujeito, que é uma teoria de Lacan. Simplificando, ela parte do pressuposto de que o indivíduo não pode ser definido por si mesmo — como se acredita no humanismo, como se aprende no cristianismo —, mas sempre através do outro. E nesse contato que nós temos agora há um intercâmbio de identidades, de culturas, de discursos, de códigos e se forma um terceiro. E assim se forma a identidade. E o quarto é o tema da hibridez, que constitui a humanidade. Essas seriam quatro bases fundamentais desta radical pluralidade.<sup>5</sup>

A análise do Professor Alfonso de Toro faz um resumo excelente da ideia da pós-modernidade, inclusive citando os principais pensadores, a partir daquilo que ele chama das quatro bases fundamentais dessa pluralidade característica desse tempo. Embora ele não esteja fazendo uma crítica em si, fica claro na sua resposta que o relativismo promove uma moralidade fluida.

Dessa forma, os valores e princípios mudam segundo o espírito da época. O que antes era considerado pecado (como o adultério, a mentira ou a avareza) agora pode ser visto como estilo de vida, “autenticidade” ou “expressão pessoal”. Como consequência, isso leva ao esvaziamento do conceito de pecado e à perda do temor de Deus. Essa constante mudança de valores revela a instabilidade da ética relativista. O ser humano sem uma base firme acaba sendo levado “por todo vento de doutrina” (Ef 4.14), sem

<sup>5</sup> Entrevista disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5531-alfonso-de-toro>> Acesso em 20 de junho 2025.

direção nem discernimento. O que hoje é considerado um direito pode ser um escândalo amanhã; o que ontem era uma abominação é celebrado publicamente hoje. Isso gera confusão moral e insegurança espiritual.

Em contraste, a Palavra de Deus apresenta padrões eternos, que não mudam com o tempo. Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente (ver Hb 13.8), e a sua justiça é imutável. Ainda que o mundo mude os seus valores, os cristãos são chamados a permanecer firmes na fé, defendendo o que é santo, justo e verdadeiro, conforme revelado na Escritura.

O relativismo moral floresceu no solo filosófico da pós-modernidade, que rejeita verdades absolutas e promove a ideia de que cada pessoa cria a sua própria “realidade”. Isso resulta numa sociedade onde qualquer afirmação moral é imediatamente suspeita de ser opressiva ou intolerante e onde “tolerância” significa aceitar todas as ideias, menos aquelas que afirmam absolutos.

Essa mentalidade pós-moderna trata a moral cristã como antiquada ou até mesmo ofensiva por afirmar que certos comportamentos são errados e que há um Deus a quem todos prestarão contas. Mas sem verdades fixas, a vida perde o seu sentido, e a sociedade perde o rumo. O discurso pós-moderno destrói as bases morais da convivência, deixando um vazio ético.

Diante disso, a Igreja precisa recuperar a clareza moral das Escrituras e não se deixar influenciar pelas pressões culturais. Como disse Paulo: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (Rm 12.2). A Palavra de Deus é o antídoto para as filosofias enganadoras da era presente.

## **II – PERSPECTIVA BÍBLICA SOBRE A MORAL**

Ao contrário do relativismo, a fé cristã sustenta que há uma fonte objetiva e transcendente de moralidade: o próprio Deus. Ele é inerentemente santo, justo e bom; por isso, tudo o que Ele ordena é moralmente correto. A moral bíblica não é resultado da opinião humana, mas expressão do caráter eterno de Deus revelado nas suas leis e preceitos.

As Escrituras Sagradas possuem a revelação desses princípios morais. Desde o Antigo Testamento até os ensinamentos de Cristo, vemos uma ética que transcende culturas e costumes, chamando o ser humano a viver em conformidade com a vontade divina. Essa moral bíblica aponta para a dignidade do ser humano, a santidade da vida,

a importância da verdade e o valor da justiça. O cristão, portanto, não decide o que é certo ou errado com base em sentimentos ou conveniências, mas submete-se à autoridade da Palavra. Como está escrito: “Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho” (Sl 119.105). Deus sempre nos mostra o caminho reto mesmo em um mundo moralmente confuso.

Os Dez Mandamentos (Êx 20) são uma clara expressão da moral divina, estabelecendo princípios eternos como o amor a Deus, o respeito aos pais, a proibição do assassinato, do adultério, da mentira e da cobiça. Esses mandamentos não foram dados apenas a Israel, mas refletem a justiça de Deus válida para toda a humanidade.

Jesus, no seu ensino no Sermão do Monte (Mt 5-7), não aboliu a Lei, mas aprofundou-a, mostrando que a verdadeira obediência não é apenas externa, mas também interna — que começa no coração. Ele claramente nos chama a uma justiça superior à dos escribas e fariseus, baseada na pureza, no perdão, na fidelidade e no amor. Dessa forma, a ética cristã não depende da cultura ou das circunstâncias, mas, sim, do padrão revelado pelo próprio Deus. Como seguidores de Cristo, somos chamados a obedecer não ao mundo, mas à vontade do Pai, que nos é revelada na sua Palavra. Isso nos mantém firmes em tempos de crise moral.

A Bíblia reconhece que o ser humano, no seu estado natural, é pecador e inclinado ao erro. Desde a Queda no Éden, o coração humano tornou-se corrupto (Jr 17.9), e a inclinação do homem é fazer o que desagrade a Deus. Por isso, confiar apenas nos sentimentos ou nas preferências pessoais leva inevitavelmente ao pecado.

Deus, contudo, não nos deixou entregues à nossa natureza caída. Ele revelou a sua vontade por meio da Palavra e da consciência para que o homem soubesse discernir o bem do mal. Mesmo que o mundo diga que cada um deve “seguir seu coração”, a Bíblia adverte que o coração pode ser enganoso e que devemos confiar na direção do Senhor (Pv 3.5,6). A ética cristã, portanto, não se baseia na vontade humana, mas na graça divina, que transforma o pecador. O certo e o errado não são definidos por gostos, mas por um Deus que é luz e em quem não há treva alguma (1 Jo 1.5). A Palavra de Deus é a medida da verdade moral, não a opinião das massas.

O chamado cristão é para viver em santidade, conforme o padrão divino, e não segundo os valores deste século. A ética bíblica não é

apenas um conjunto de regras, mas também um chamado à transformação interior pelo Espírito Santo. Deus claramente nos chama a sermos santos como Ele é santo (1 Pe 1.16).

Essa santidade envolve pureza moral, integridade, compaixão, verdade e justiça. Não é uma adaptação ao mundo, mas uma vida separada para Deus. O apóstolo Paulo disse: “Não vos conformeis com este mundo” (Rm 12.2), indicando que o cristão deve resistir às pressões culturais e viver de forma contracultural. Enquanto o relativismo tenta moldar a ética conforme o que é popular ou conveniente, o cristão submete-se à direção do Espírito e à verdade da Palavra. A santidade é uma marca do discípulo de Cristo, e a moral cristã é fruto da comunhão com Deus, o Senhor. Somos chamados a brilhar como luz em meio às trevas (Fp 2.15).

### **III — O IMPACTO DO RELATIVISMO NA SOCIEDADE E NA IGREJA**

O relativismo moral tem consequências graves para a sociedade e também para a Igreja. Quando a verdade é abandonada, a justiça torna-se distorcida, a autoridade é enfraquecida, e o pecado é normalizado. A ausência de padrões éticos fixos leva à desordem social, à degradação da família e ao aumento da violência e da imoralidade. O ser humano, sem direção divina, age segundo os seus próprios desejos, o que resulta em caos e sofrimento.

Na igreja, o relativismo entra sutilmente quando há concessões doutrinárias e éticas para agradar ao mundo. Quando líderes e membros deixam de submeter-se integralmente à Palavra de Deus, passam a reinterpretar as Escrituras conforme os valores culturais vigentes. Isso resulta numa fé diluída, em igrejas sem poder de transformação e em crentes que não vivem mais como sal e luz (Mt 5.13-16).

Diante disso, o povo de Deus precisa manter a firmeza na verdade bíblica. Não podemos relativizar o pecado nem suavizar os padrões de Deus para sermos aceitos pela sociedade. O apelo do Espírito Santo é claro: “Saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei” (2 Co 6.17). Somos chamados a viver com discernimento e fidelidade.

Uma das primeiras consequências do relativismo é a confusão entre certo e errado. Sem uma referência moral objetiva, as pessoas já não sabem mais o que é pecado e o que é virtude. Isso é exatamente o

que o profeta Isaías denunciou: “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal!” (Is 5.20). Quando se apagam os limites morais, o erro torna-se aceitável, e a verdade, ofensiva.

Essa confusão é visível em várias áreas da vida moderna: nas leis que legalizam práticas contrárias à vontade de Deus, nos meios de comunicação que celebram o pecado e zombam da santidade e na educação que ensina que cada um deve criar a sua própria verdade. Sem um norte espiritual, a sociedade mergulha em incerteza, e o mal disfarça-se de bem.

A Igreja precisa ser uma voz profética nesse cenário, anunciando a verdade de Deus com amor, mas também com firmeza. Não fomos chamados para agradar aos homens, mas, sim, para obedecer a Deus (Gl 1.10). Mesmo que isso cause rejeição, devemos proclamar a luz em meio às trevas, lembrando que “[...] o mandamento do SENHOR é puro e alumia os olhos” (Sl 19.8b).

Quando os cristãos absorvem os valores relativistas, a sua vida espiritual enfraquece. A comunhão com Deus depende de obediência à sua Palavra, só que o relativismo procura sempre nos afastar da verdade. Se o pecado já não é reconhecido como tal, o arrependimento torna-se desnecessário, e o crente perde a sensibilidade à voz do Espírito Santo. Isso leva à frieza espiritual e à conformidade com o mundo.

Muitos hoje têm aparência de piedade, porém negam a eficácia dela (2 Tm 3.5), porque vivem segundo a sua própria vontade, e não segundo a vontade de Deus. Uma espiritualidade sem compromisso com a verdade torna-se superficial, emocional e instável. A força espiritual está em viver enraizado na verdade do evangelho, com coração quebrantado e mente renovada pela Palavra.

Por isso, a igreja deve cuidar para que os seus membros não sejam moldados pelos valores do mundo. É preciso discipular com firmeza bíblica, ensinar a sã doutrina e cultivar um ambiente de arrependimento, fé e santidade. O Senhor está à procura de adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.24), e isso exige um compromisso com a verdade absoluta da Escritura.

Em tempos de relativismo, mais do que nunca, é necessário que a Igreja seja uma coluna e firmeza da verdade (1 Tm 3.15). A missão da Igreja não é adaptar a mensagem para agradar ao mundo, mas proclamar fielmente o evangelho de Cristo, que confronta o pecado

e oferece salvação. A verdade liberta (Jo 8.32), mas, antes disso, ela confronta. A Igreja precisa ser fiel à doutrina dos apóstolos, à santidade de vida e à autoridade da Palavra. Isso requer líderes comprometidos com a verdade, membros dispostos a viver em obediência e uma cultura de discipulado que forme caráter cristão. A Igreja não pode ser confundida com o mundo, mas deve ser diferente dele — santa, separada e coerente com o evangelho.

Assim, a Igreja será uma luz brilhando nas trevas, apontando o caminho para a salvação e oferecendo ao mundo uma esperança que não muda. Em um tempo de tantas incertezas, a fidelidade à verdade bíblica é o que manterá a Igreja viva, forte e relevante. Como disse Judas, irmão do Senhor: “[...] batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd v. 3).

## **CONCLUSÃO**

Vivemos numa época marcada pela confusão moral, onde muitos rejeitam a existência de uma verdade absoluta e preferem construir as suas próprias ideias sobre o que é certo ou errado. O relativismo ético-moral apresenta-se como uma resposta à diversidade cultural e ao desejo de liberdade individual, mas, na prática, dissolve os alicerces que sustentam a justiça, a dignidade humana e a responsabilidade. Ao afirmar que todas as opiniões morais são igualmente válidas, essa ideologia impede qualquer julgamento ético objetivo, o que leva à insegurança moral e à tolerância ao erro como se fosse virtude.

A fé cristã, por outro lado, apresenta uma ética sólida, enraizada no caráter imutável de Deus e revelada nas Escrituras Sagradas. O certo e o errado não são determinados por tendências sociais ou gostos pessoais, mas pela vontade de Deus expressa na sua Palavra. Os Dez Mandamentos, o Sermão do Monte e toda a mensagem do evangelho fornecem diretrizes claras e amorosas para a vida humana, preservando tanto a liberdade quanto a responsabilidade. O cristianismo não impõe moralidade sem propósito, mas convida o ser humano a viver conforme o plano divino, que visa o bem comum e a verdadeira justiça.

O relativismo, embora prometa liberdade, frequentemente conduz à escravidão do egoísmo e da permissividade, pois despreza a autoridade

moral de Deus. Sem uma base transcendente, os valores tornam-se instáveis, abrindo espaço para a manipulação social, injustiças institucionalizadas e degradação dos relacionamentos. Em contraste, a moral cristã chama os indivíduos à santidade, ao amor ao próximo e à prática da justiça não por conveniência, mas por fidelidade ao Criador. A vida ética, nesse sentido, não é só uma questão de obediência, mas também uma resposta amorosa à graça divina.

Diante dos desafios culturais atuais, a Igreja tem a missão de proclamar a verdade com graça. Não basta apenas apontar os erros do relativismo; é necessário oferecer a beleza e a coerência da moral cristã, demonstrando como ela conduz à verdadeira liberdade, à paz e à realização pessoal. O testemunho dos crentes deve ser marcado pela integridade, pela compaixão e pela firmeza, mostrando que é possível viver uma ética que não depende do vento das opiniões, mas do fundamento eterno da Palavra de Deus.

Concluimos, portanto, que o relativismo ético-moral é uma falácia perigosa que tenta substituir a verdade divina por construções humanas frágeis e inconsistentes. Como cristãos, somos chamados a permanecer vigilantes, firmes na fé, praticando a justiça e sendo luz em um mundo que relativiza até o bem e o mal. Nossa resposta deve ser pautada no amor, mas também na fidelidade à verdade revelada por Deus. Só assim poderemos oferecer ao mundo não apenas uma opinião moral, mas também a esperança segura de uma vida transformada pela ética do Reino de Deus.

## Capítulo 4

# A FALÁCIA DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

**E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. Gênesis 1.26,27**

### INTRODUÇÃO

Foi em 1950 que o psicólogo americano John Money (1921–2006) apresentou, no campo da psicologia clínica, a ideia de que não existe uma relação natural e necessária entre o sexo biológico de uma pessoa e a sua identidade sexual. A partir desse ponto, surgiu o conceito de “identidade de gênero”, termo que passou a ser utilizado em contextos acadêmicos para descrever uma suposta distinção entre o que se é biologicamente (homem ou mulher) e o que se sente ou se identifica socialmente. O pensamento de Money foi amplamente difundido e, com o tempo, passou a influenciar a psicologia, a pedagogia, a medicina, a legislação e as políticas públicas em diferentes partes do mundo.

Com o avanço das teorias sociais no século XX, especialmente nas áreas da filosofia pós-estruturalista e da sociologia crítica,<sup>1</sup> o conceito

---

<sup>1</sup> O pós-estruturalismo é um movimento filosófico e crítico que surgiu em resposta ao estruturalismo, questionando a estabilidade e objetividade das estruturas e sistemas de significado. A sociologia crítica, por sua vez, é uma abordagem teórica que busca analisar a sociedade de forma a expor e criticar relações de poder e desigualdades, com o objetivo de promover a transformação social.

de gênero foi sendo descolado cada vez mais da realidade biológica. Autores como Simone de Beauvoir (1908–1986), Michel Foucault (1926–1984) e Judith Butler contribuíram para popularizar a ideia de que o gênero é uma construção social fluida e que a identidade de uma pessoa pode variar conforme experiências individuais e contextos culturais. Assim, a ideologia de gênero passou a questionar a existência de padrões objetivos e imutáveis sobre masculinidade e feminilidade.

O termo “identidade de gênero” é amplamente utilizado por aqueles que defendem a ideia de que o gênero de uma pessoa é determinado pela sua percepção subjetiva de si mesma, independentemente do seu sexo biológico. No entanto, muitos estudiosos, teólogos e educadores cristãos têm identificado essa construção como parte de um sistema mais amplo de pensamento que busca desconstruir os fundamentos biológicos e espirituais da sexualidade humana. Por isso, preferimos utilizar aqui a expressão “ideologia de gênero”, pois ela descreve de forma mais precisa o caráter doutrinário, filosófico e político desse movimento que, longe de ser neutro, propõe uma nova visão de ser humano em contraste com os princípios bíblicos. Assim, ao longo deste texto, trataremos o tema sob a perspectiva crítica da “ideologia de gênero”.

A ideologia de gênero, portanto, afirma que a identidade sexual de uma pessoa não está enraizada na criação biológica, mas é moldada socialmente e pode ser modificada conforme o desejo individual. Essa visão contrapõe-se frontalmente à cosmovisão cristã, que reconhece o ser humano como criação de Deus, homem e mulher, com papéis e naturezas complementares, conforme estabelecido desde o princípio (Gn 1.27; 2.18-24). Ao negar esse fundamento, a ideologia de gênero promove uma desconstrução dos referenciais familiares, afetando diretamente a educação das crianças e a estabilidade social.

---

**Filosofia Pós-Estruturalista** – Origens: Surgiu na França, na década de 1960, como uma crítica ao estruturalismo, que buscava explicar a realidade através de estruturas fixas e universais. Autores: Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, entre outros.

**Sociologia Crítica** – Origens: Desenvolveu-se no contexto da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, que buscava analisar a sociedade capitalista e as suas contradições. Autores: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Jürgen Habermas, Pierre Bourdieu, entre outros.

A partir da década de 1990, a ideologia de gênero ganhou força institucional, sendo promovida em conferências internacionais, como a Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim (1995), e passou a ser inserida em currículos escolares, diretrizes educacionais e legislações sobre direitos humanos. O argumento é de que, para garantir equidade e inclusão, deve-se desconstruir a ideia de gêneros fixos, abrindo espaço para múltiplas identidades e expressões. O que inicialmente era um debate acadêmico tornou-se uma agenda ideológica com impactos diretos na vida cotidiana.

Diante desse cenário, a fé cristã é chamada a responder com sabedoria e firmeza. Não se trata apenas de discordar de uma ideologia, mas também de reafirmar os fundamentos da verdade revelada por Deus na criação. A Bíblia ensina que o ser humano foi criado à imagem e semelhança do Criador, em dois sexos distintos e complementares, com papéis específicos na família, na sociedade e na missão de Deus no mundo (Sl 139.13-16; Mc 10.6). Ignorar ou distorcer essa realidade compromete a dignidade humana e promove confusão espiritual.

Neste capítulo, buscamos compreender os conceitos fundamentais da ideologia de gênero e as suas origens filosóficas, contrastando-os com a visão bíblica do ser humano. Analisaremos também como essa ideologia influencia a cultura contemporânea e os desafios que ela impõe à Igreja, às famílias e às instituições cristãs. Não podemos ser ingênuos: a ideologia de gênero não é apenas um debate teórico, mas também um campo de batalha espiritual que exige discernimento, coragem e convicção da parte do povo de Deus.

A resposta cristã, no entanto, não deve ser apenas apologética ou combativa, mas também profundamente pastoral. Enquanto afirmamos a verdade com fidelidade, também devemos estender compaixão àqueles que estão confusos ou feridos por discursos ideológicos. Muitas pessoas enfrentam lutas reais com a sua identidade, e é nosso papel acolhê-las com amor, orar por elas e anunciar o evangelho que cura e restaura. Nosso alvo é a salvação e a libertação em Cristo, e não apenas vencer um argumento.

A Igreja precisa estar bem fundamentada na Escritura para enfrentar essa e outras ideologias com equilíbrio. Devemos formar uma geração que conheça a verdade, ame a Palavra de Deus e viva com clareza e segurança a sua identidade em Cristo. A batalha contra a ideologia

de gênero também é um chamado à Igreja para fortalecer-se na sua doutrina, restaurar a dignidade do corpo e proclamar com poder e graça que a verdadeira liberdade encontra-se em viver da forma como fomos criados por Deus para sermos.

## I – CONCEITOS DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

A ideologia de gênero propõe que cada pessoa escolhe ou sente o seu gênero independentemente da anatomia biológica. Essa concepção rompe com o entendimento tradicional, segundo o qual a biologia é determinante para a identidade sexual. A nova proposta afirma que o gênero é algo interior, subjetivo e moldado por experiências pessoais e culturais, e não por fatores genéticos ou fisiológicos.

A separação entre sexo biológico e gênero psicológico é um dos fundamentos da ideologia de gênero. Segundo os seus defensores, o sexo é atribuído ao nascer com base nos órgãos genitais, mas o gênero seria uma identidade interna, que pode ou não coincidir com esse sexo. Isso significa que uma pessoa pode nascer biologicamente homem e, ainda assim, identificar-se como mulher, ou vice-versa, ou com nenhum dos dois.

Na década de 1950, John Money, psicólogo e sexólogo norte-americano, foi o primeiro teórico a utilizar o termo gênero no sentido de relacioná-lo às diferenças entre o sexo anatômico e o que ele considerava o sexo psicológico. Antes disso, existiam evidentemente os termos gênero linguístico, gênero textual, gênero biológico, entre outros, todos eles tendo em comum o fato de relacionarem-se a algum tipo de classificação. A apropriação do termo *gender*, todavia, de forma a estabelecer todo um novo campo de estudos e dar respaldo científico a teorias esparsas que, por exemplo, combatiam a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres, foi mérito de Money. Cabe lembrar, no entanto, que a percepção de que o sexo anatômico não é o elemento definidor do que chamamos de masculinidade e feminilidade é algo que antecede muito a Money. Nesse sentido, para que se tenha uma ideia, a precursora do chamado feminismo político, Mary Wollstonecraft (1759–1797), já denunciava em 1792, no seu livro *A Vindication of the Rights of Woman*, que as diferenças intelectuais e de papel social entre homens e mulheres resultava da educação

diferenciada dispensada a cada uma dessas classes, contrariando as teorias da sua época, segundo as quais tal desigualdade era resultado de fatores biológicos ou mesmo de desígnios divinos. De todo modo, é fato que Money conseguiu, ao forjar o conceito de gênero, catalisar e formalizar tal anseio histórico que se intensificava na sua época com o crescimento de estudos e movimentos cujas temáticas principais relacionavam-se à identidade sexual, de um ponto de vista ou psicológico, ou político.<sup>2</sup>

Essa distinção, porém, não encontra respaldo nas Escrituras. A Bíblia mostra que Deus criou o ser humano com unidade entre corpo e alma, de modo que o sexo biológico faz parte da identidade integral da pessoa. Em Gênesis 1.27, está escrito: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”. A criação de dois sexos distintos reflete a ordem divina e não é resultado de construção cultural.

A separação entre sexo e gênero promove confusão na identidade das pessoas, especialmente nas crianças e nos adolescentes. Quando ensinadas desde cedo que o seu gênero é fluido e pode ser alterado conforme sentimento ou desejo, elas são afastadas do plano criador de Deus. Isso gera insegurança emocional, conflitos psicológicos e abre portas para decisões irreversíveis que podem trazer arrependimento futuro.

Como cristãos, devemos afirmar que a identidade é recebida de Deus, não construída pela sociedade. A harmonia entre corpo, mente e espírito é um dom divino que deve ser preservado. Não cabe ao homem redefinir o que o Senhor já estabeleceu com sabedoria e amor. A verdade liberta (Jo 8.32), e a verdade de Deus deve ser proclamada com clareza mesmo quando contraria os modismos culturais.

Outro elemento central da ideologia de gênero é a ideia de fluidez, ou seja, que o gênero pode mudar ao longo do tempo, sendo um espectro com múltiplas possibilidades. Algumas pessoas identificam-se como “não-binárias”, “gênero fluido”, “agênero” e outros termos numa tentativa de escapar das categorias fixas de homem e mulher.

*Identidade de gênero* diz respeito a como pessoas percebem sua identidade sexual ou se sentem a respeito delas. O termo *cisgênero* refere-se a

<sup>2</sup> LATTANZIO, Felipe Figueiredo; RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero, **Revista de Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 30, n.3, p. 409-425, set-dez/2018.

peçoas cujo sexo e identidade de gênero são compatíveis: um homem biológico identifica-se como homem, e uma mulher nata identifica-se como uma mulher. O termo *disforia de gênero* refere-se a peçoas cujo sexo e identidade de gênero não correspondem: uma peçoas cujo sexo designado no nascimento é masculino e não se percebe como homem, mas sente-se uma mulher; ou uma peçoas que é mulher de acordo com a sua certidão de nascimento e não percebe a si mesma como uma mulher, mas sente-se um homem. Essa incongruência de gênero pode levar ao transgênerismo, incluindo o uso de inibidores de puberdade (no caso de crianças pré-púberes), tratamento hormonal e cirurgia de redesignação sexual.<sup>3</sup>

Essa fluidez é apresentada como uma libertação das normas opressoras da sociedade tradicional, especialmente da moral cristã. Tal proposta, no entanto, nega a objetividade da criação de Deus e coloca o indivíduo como senhor absoluto da sua identidade. Isso é perigoso porque elimina os referenciais objetivos dados por Deus e conduz ao relativismo moral.

Do ponto de vista bíblico, essa fluidez contradiz a verdade de que fomos criados com propósito e intenção divina. O Salmo 139.13,14 declara que fomos formados por Deus no ventre materno e que somos “formidáveis e maravilhosamente feitos”. Não somos produtos do acaso nem de escolhas subjetivas, mas, sim, obra de um Criador sábio que nos moldou com amor e propósito. A Igreja, portanto, deve ensinar que a identidade não é algo que construímos, mas algo que recebemos. Devemos afirmar com amor e clareza que homem e mulher são expressões belas e complementares do plano de Deus. Essa verdade deve ser anunciada com coragem e sabedoria em um mundo que busca apagar os limites e reconfigurar a própria natureza humana.

A ideologia de gênero encontrou força política e cultural nos movimentos LGBTQIAPN+ e em ativismos sociais que visam redefinir leis, educação e moralidade pública. Esses grupos têm pressionado governos, escolas e instituições para que adotem políticas que reconheçam a autodeterminação de gênero e proíbam qualquer discurso contrário.<sup>4</sup> Isso tem gerado conflitos com valores cristãos e familiares.

<sup>3</sup> GREGG, Allisson. **Teologia do Corpo**. Vida Nova: São Paulo, 2023, p. 47.

<sup>4</sup> KAISER JR., Walter C. **O Cristão e as Questões Éticas da Atualidade**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 151-163. O autor apresenta um resumo inte-

Por exemplo, materiais didáticos têm sido modificados para incluir linguagem e conceitos sobre diversidade de gênero desde os primeiros anos escolares. Além disso, em muitos lugares, já se penaliza legalmente quem expressa opinião contrária à ideologia de gênero, mesmo que baseada na fé.

A Igreja precisa estar ciente desse cenário e responder com firmeza, defendendo a liberdade de ensinar e viver conforme os princípios bíblicos. O apóstolo Paulo adverte em Romanos 12.2: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento”. Não podemos aceitar passivamente mudanças que desonram a verdade do evangelho.

Também devemos lembrar, entretanto, que a luta não é contra pessoas, mas contra ideias que se levantam contra o conhecimento de Deus (2 Co 10.5). Os ativistas devem ser alvo de nossas orações e evangelização. A missão da Igreja é anunciar o evangelho que transforma, e não ceder ao espírito desta era, ainda que sejamos rejeitados ou perseguidos por isso.

## **II — O QUE A BÍBLIA ENSINA SOBRE GÊNERO E IDENTIDADE SEXUAL**

A Palavra de Deus apresenta uma visão clara, coerente e bela sobre a sexualidade humana. Homem e mulher foram criados de forma distinta, porém são igualmente dignos, ambos à imagem de Deus. A diferença entre os sexos não é uma falha ou injustiça, mas parte de um plano perfeito para o bem da humanidade. Essa visão bíblica deve ser proclamada com convicção.

Lemos em Gênesis 1.27: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou”. Esse versículo é fundamental para entendermos que o gênero humano não é uma construção social, mas, sim, uma realidade criada por Deus. A distinção entre homem e mulher é parte do plano divino desde o princípio da criação.

Deus não criou um ser neutro, indefinido ou fluido. Ele criou Adão como homem e Eva como mulher, com características físicas, emocionais e espirituais que refletem a sua sabedoria. Essa diferença

---

ressante, com referência a dados históricos eclesiásticos e embasamento bíblico contra as práticas e a agenda dos movimentos LGBTQIAPN+.

não é motivo de competição ou superioridade, mas um convite à complementaridade e ao serviço mútuo. Cada um tem papel e valor diante do Senhor.

Negar essa verdade é, na prática, questionar o Criador. Quando se afirma que o ser humano pode redefinir o seu gênero a partir do sexo biológico, coloca-se em dúvida a própria obra de Deus. Isso é grave, pois fere a imagem divina refletida na criação do homem e da mulher e compromete os alicerces da moral e da família.

A Igreja deve restaurar esse ensino nos seus púlpitos e ministérios, reforçando a verdade de que é o Senhor quem define nossa identidade e que Ele não comete erros. Quando acolhemos o plano do Criador, encontramos sentido, paz e propósito. Ao rejeitarmos esse plano, caímos em confusão e desordem. A solução não é seguir sentimentos, mas submeter-se ao Senhor.

A diferença entre homem e mulher foi estabelecida por Deus para benefício mútuo e para a realização do plano divino. Efésios 5.31-33 ensina que o casamento é uma união entre um homem e uma mulher, simbolizando a relação entre Cristo e a Igreja. Essa complementaridade revela não apenas função, mas também beleza e propósito espiritual.

Homem e mulher foram criados para completarem-se tanto no âmbito familiar quanto na missão espiritual. O homem foi chamado a liderar com amor e responsabilidade; a mulher, a cooperar com sabedoria e graça. Essa dinâmica não diminui ninguém, e sim revela a sabedoria divina na diversidade de papéis e dons.

A ideologia de gênero rejeita essa complementaridade, vendo-a como opressão ou desigualdade. Contudo, ao fazer isso, ela nega uma verdade espiritual profunda e desvaloriza o modelo de família instituído por Deus. Quando esse modelo é destruído, os frutos são confusão, desestruturação e dor para as gerações seguintes.

A Igreja deve ensinar os jovens a valorizar a sua masculinidade e feminilidade como dons de Deus. Deve-se cultivar lares que reflitam o amor e o respeito mútuo entre os sexos, bem como oferecer orientações claras sobre os papéis que glorificam ao Senhor. O testemunho cristão é mais forte quando famílias vivem em harmonia com o plano do Criador.

Apesar da Queda e da confusão que o pecado traz, a identidade do ser humano pode ser restaurada em Cristo. Gálatas 3.28 afirma: “Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há

macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”. Esse texto não nega as diferenças biológicas ou sociais, mas aponta para a unidade espiritual diante de Deus.

Por isso, a resposta à confusão de gênero não é a rejeição ou a exclusão, mas a proclamação do evangelho. Só Cristo pode restaurar o que foi distorcido. Aqueles que lutam contra a sua identidade precisam conhecer o amor de Deus, que oferece nova vida e esperança, e a igreja deve ser esse lugar de acolhimento e transformação.

Devemos lembrar que ninguém está além do alcance da graça. Muitos que hoje abraçam a ideologia de gênero são pessoas feridas, confusas e sedentas de significado. Nossa missão é conduzi-las a Cristo com verdade e compaixão. O Espírito Santo é capaz de renovar a mente e restaurar a verdadeira identidade dada por Deus.

### ***Fundamentos Bíblicos da Identidade Sexual***

A Palavra de Deus afirma claramente: “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gn 1.27). Esse versículo estabelece a base da identidade humana: somos criados por Deus com um propósito e distinção sexual que refletem a sua sabedoria. Homem e mulher foram criados em complementaridade; não como construções arbitrárias, mas como realidades essenciais à ordem da criação.

Essa verdade rejeita a ideia de que o gênero é uma construção social. A distinção entre masculino e feminino tem origem divina, e não meramente cultural. Além disso, a sexualidade humana, no seu desígnio original, é um dom de Deus para expressão no casamento, formação da família e perpetuação da vida. Negar essas verdades é desprezar a obra do Criador e abrir caminho para a confusão e a desordem moral.

A entrada do pecado no mundo (Gn 3) corrompeu a natureza humana, trazendo desordem para todas as áreas da vida, inclusive a sexualidade. Isso explica por que algumas pessoas enfrentam lutas profundas com a sua identidade, atração e autopercepção. Essa realidade, contudo, não deve ser romantizada nem absolutizada. A Bíblia constantemente nos chama a reconhecer o pecado, buscar arrependimento e confiar na graça redentora de Cristo.

Romanos 1.24-27 descreve como, ao rejeitar a verdade de Deus, a humanidade entregou-se a paixões desordenadas, distorcendo o

uso natural do corpo. Essa advertência bíblica não visa condenar indiscriminadamente, mas apontar a necessidade de reconciliação com Deus. O evangelho proclama que há esperança e restauração para todos que se voltam para o Senhor.

A maior resposta à crise de identidade promovida pela ideologia de gênero é a nova identidade que recebemos em Cristo. “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Co 5.17). Somos chamados por Deus a encontrar nossa identidade, propósito e dignidade não nos sentimentos subjetivos, mas na sua verdade eterna.

A salvação transforma todo o nosso ser — mente, corpo e espírito. Isso inclui a forma como nos vemos e vivemos nossa sexualidade. O evangelho não apenas perdoa pecados, como também nos habilita a viver de forma santa e alinhada com o plano de Deus. A Igreja tem o dever de discipular com paciência e firmeza, ajudando cada pessoa a compreender a sua verdadeira identidade à luz das Escrituras.

### **III — A RESPOSTA DA IGREJA À IDEOLOGIA DE GÊNERO**

A Igreja de Cristo é a coluna e firmeza da verdade (1 Tm 3.15) e deve, portanto, proclamar fielmente os princípios bíblicos sobre a identidade humana mesmo em meio a uma cultura que rejeita tais verdades. Isso deve ser feito com coragem, mas também com compaixão. Jesus claramente nos ensinou a falar a verdade em amor (Ef 4.15), confrontando o erro sem hostilidade e acolhendo os pecadores com graça sem comprometer a santidade.

Diante da ideologia de gênero, os cristãos são chamados a defender o que é bíblico sem cair em extremos: nem na omissão, que silencia por medo da rejeição, nem no legalismo, que condena sem misericórdia. A Palavra de Deus claramente nos orienta a ser prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas (ver Mt 10.16), mantendo o equilíbrio entre firmeza doutrinária e sensibilidade pastoral.

Uma das principais frentes de resistência à ideologia de gênero deve estar na formação cristã das famílias e da igreja local. Os pais são chamados por Deus a ensinar os seus filhos nos caminhos do Senhor (Dt 6.6,7) e não devem terceirizar a educação moral às escolas ou à

cultura. O lar é o primeiro campo de batalha onde a verdade deve ser semeada com oração, exemplo e instrução contínua.

Da mesma forma, a igreja deve oferecer ensino sólido, claro e relevante sobre temas como identidade, sexualidade e propósito de vida. Escola Dominical, discipulado, cultos de jovens e eventos da igreja são oportunidades para fortalecer a nova geração na verdade. Ignorar esses temas é deixar espaço para que o mundo molde a mente e o coração de nossos filhos.

Muitas pessoas, inclusive dentro das igrejas, enfrentam confusões e lutas internas com a sua identidade sexual. A resposta cristã deve ser de acolhimento, escuta, cuidado e discipulado. A igreja não pode ser um tribunal que condena, mas um hospital espiritual onde todos, inclusive os que enfrentam conflitos de gênero, encontrem graça, verdade e restauração.

Jesus disse: “Os são não necessitam de médico, mas sim os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores” (Mc 2.17, ARC). Assim, a igreja deve ser um ambiente onde a verdade é anunciada, mas o pecador é amado. Nenhuma luta humana é maior do que o poder do evangelho.

Por fim, a Igreja precisa estar em constante oração por esta geração. As forças espirituais por trás da ideologia de gênero visam destruir o plano de Deus para o ser humano. Efésios 6.12 enfaticamente nos lembra que “não temos que lutar contra carne e sangue”, mas contra potestades espirituais. A resposta não é só intelectual ou legal, mas também espiritual: oração, jejum e intercessão pelas famílias, escolas, autoridades e pelos que estão em crise.

Além disso, a Igreja deve exercer o seu papel profético na sociedade, denunciando o pecado com coragem, influenciando políticas públicas e defendendo a liberdade de consciência. Como luz do mundo e sal da terra (Mt 5.13-16), não podemos ficar calados. Com temor a Deus e amor pelas almas, somos chamados a levantar a bandeira da verdade.

A título de apresentar de forma clara toda nossa discussão até aqui, seguimos apresentando um caso real (e uma tragédia) bastante documentada sobre os irmãos Reimer, como segue.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> COLAPINTO, John. **As Nature Made Him**: The Boy Who Was Raised as a Girl. New York: Harper Perennial, 2000. DIAMOND, Milton; SIGMUNDSON,

### ***A Trágica História dos Irmãos Reimer: Identidade, Ciência e Ética***

O caso dos irmãos Reimer é um dos episódios mais controversos da história da medicina moderna e da psicologia do desenvolvimento. Ele levanta questões profundas sobre identidade de gênero, ética médica, os limites da intervenção científica e as consequências de ignorar-se a natureza biológica do ser humano. Ao tentar transformar biologicamente um menino em menina, o Dr. John Money criou um experimento com consequências devastadoras para uma família inteira. Um experimento que começou como uma proposta científica e terminou em suicídio, luto e arrependimento.

David Reimer nasceu em 1965 em Winnipeg, no Canadá, como Bruce Reimer. Ele era irmão gêmeo de Brian. Com apenas oito meses de idade, Bruce foi levado junto com o seu irmão para uma circuncisão. No entanto, um erro médico, o uso de cauterização elétrica em vez do método tradicional, resultou na destruição completa do seu órgão sexual. A cirurgia do irmão foi cancelada imediatamente, mas o dano em Bruce era irreversível.

Desesperados, os pais, Ron e Janet Reimer, não sabiam como lidar com a tragédia. Após assistirem a um programa de televisão sobre sexualidade, conheceram o trabalho de Dr. John Money, psicólogo e sexólogo da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos. Money era um dos maiores proponentes da teoria da “neutralidade de gênero”, segundo a qual a identidade de gênero não era determinada biologicamente, mas construída socialmente.

Money viu no caso uma oportunidade única para provar a sua teoria. Ele sugeriu que Bruce fosse submetido a uma cirurgia de redesignação sexual, fosse criado como uma menina, recebesse hormônios femininos e adotasse um novo nome: Brenda. Os pais, embora relutantes, confiaram na orientação do médico, crendo que estavam oferecendo à criança uma vida mais “normal”.

---

H. Keith. Sex Reassignment at Birth: A Long Term Review and Clinical Implications. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 1997. MONEY, John. *Man & Woman, Boy & Girl*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972. SCHALER, Jeffrey A. *Sane Asylums: The Success of Homeopathy Before Psychiatry Lost Its Mind*.

Em português, artigo disponível em reportagem da Folha de São Paulo: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2305200415.htm>>

Aos 22 meses de idade, Bruce foi submetido à cirurgia de castração. A família passou a criá-lo como uma menina, seguindo todas as instruções de John Money. A criança recebeu vestidos, brinquedos femininos e foi educada como Brenda.

Money acompanhava o caso com consultas regulares, muitas das quais foram descritas mais tarde como traumáticas. Em entrevistas futuras, David (anteriormente Bruce) afirmou que, nas sessões com o médico, ele e o seu irmão eram obrigados a despir-se e participar de simulações sexuais que, sob a justificativa de serem “explorações de identidade”, causaram enorme desconforto e humilhação.

Money, porém, relatava publicamente o caso como um sucesso estrondoso. Em artigos científicos, conferências e livros, ele dizia que Brenda ajustara-se perfeitamente ao papel de menina, provando, assim, a sua tese de que o gênero é maleável e determinado socialmente.

Na realidade, Brenda nunca se sentiu confortável com a sua identidade feminina. Desde muito cedo, “ela” rejeitava vestidos, preferia brincar com armas de brinquedo, recusava-se a urinar sentada e frequentemente se envolvia em brigas. Na escola, sofria *bullying* e era chamada de “menino vestido de menina”.

A adolescência agravou a situação. Os hormônios femininos causavam efeitos secundários indesejados, e a crise de identidade tornou-se insuportável. Brenda expressava pensamentos suicidas e recusava-se a participar de novos procedimentos cirúrgicos para completar a transição sexual. A tensão dentro da família aumentava.

Aos 14 anos, após anos de sofrimento, os pais finalmente revelaram a verdade: Brenda havia nascido menino. Segundo relatos posteriores, Brenda sentiu-se aliviada, pois finalmente entendia a origem dos seus conflitos internos. Imediatamente decidiu retomar a sua identidade masculina, passando a chamar-se David Reimer.

David passou por tratamento com hormônios masculinos e cirurgia para reconstrução genital. Posteriormente, casou-se com uma mulher e tornou-se padrasto dos seus filhos. Por um tempo, a sua vida parecia ter tomado um novo rumo. Os traumas da infância e os efeitos psicológicos da experiência, no entanto, continuavam presentes.

O seu irmão Brian também enfrentava sérios problemas de saúde mental, agravados pelo tratamento conjunto e as exigências do Dr. Money. Em 2002, Brian faleceu por overdose de medicamentos

antidepressivos. Dois anos depois, em maio de 2004, David tirou a própria vida com um tiro na cabeça. Ele tinha 38 anos.

A história dos Reimer foi revelada ao mundo pelo jornalista John Colapinto, que publicou um artigo na revista *Rolling Stone*,<sup>6</sup> e depois o livro *As Nature Made Him: The Boy Who Was Raised as a Girl* (2000). A obra gerou grande repercussão e revelou ao público as verdadeiras dimensões do caso, desmontando a tese de John Money.

A crítica ao trabalho de Money foi feroz. Vários pesquisadores acusaram-no de falsificação de dados, abuso psicológico e de persistir na sua teoria mesmo quando ele já sabia que ela estava fracassando. O caso dos Reimer tornou-se um marco na discussão sobre ética médica, psicologia do desenvolvimento e identidade de gênero.

O caso dos irmãos Reimer continua sendo estudado como um alerta contra a medicalização indevida da infância, a ideologização da ciência e o uso de crianças como cobaias em experimentos não éticos. Ele também desafia qualquer teoria que tente negar a realidade biológica em nome de construções sociais absolutas.

A história ressalta a importância de respeitar os limites da ciência, especialmente nas áreas que envolvem identidade, sexualidade e subjetividade. Ela também mostra o perigo de ignorar o sofrimento individual em nome de uma tese.

O caso Reimer não é só uma tragédia familiar; é também um fracasso ético da ciência que deve servir de exemplo para médicos, psicólogos, educadores e teólogos. Ele também nos lembra de que, por trás de experimentos e teorias, há vidas humanas que não podem ser tratadas como instrumentos ou números. Para os cristãos, esse episódio também revela a importância de afirmar que o ser humano foi criado por Deus com identidade, dignidade e propósito. A tentativa de reconstruir identidades sem considerar a natureza criada e a verdade revelada pode resultar não em liberdade, mas em dor, confusão e morte.

## CONCLUSÃO

A ideologia de gênero representa um desafio profundo à fé cristã e à ordem criada por Deus. Ao negar a realidade biológica e espiritual da

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.rollingstone.com/culture/culture-features/david-reimer-john-money-john-joan-1235282697/>> Acesso em 25 de julho de 2025.

diferença entre homem e mulher, ela introduz confusão, instabilidade e ruptura com os fundamentos bíblicos. A Igreja do Senhor, contudo, não está desamparada. Deus sabiamente nos deu a sua Palavra, o seu Espírito e a comunhão dos santos para resistirmos com fidelidade aos ventos de doutrina (Ef 4.14). O discernimento espiritual, fundamentado na Escritura, permite-nos identificar e rejeitar os enganos que tentam redefinir a natureza humana. A Bíblia é clara ao afirmar que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, sendo criados o homem e a mulher (Gn 1.27). Não se trata apenas de uma questão cultural ou social, mas de uma realidade ontológica estabelecida pelo próprio Criador.

A missão da Igreja é clara: proclamar a verdade, amar os que sofrem, formar discípulos firmes e orar pela transformação do mundo. A resposta cristã à ideologia de gênero não pode ser de ódio ou desprezo, mas de firmeza doutrinária acompanhada de graça e compaixão. Muitos que sofrem com questões de identidade foram feridos por rejeições, abusos ou confusão social. A igreja deve ser um lugar de cura, verdade e acolhimento, e não uma instituição indiferente, nem conivente. Ela deve ser um corpo que fala a verdade em amor (Ef 4.15).

Negar a diferença sexual estabelecida por Deus também é negar o símbolo do relacionamento entre Cristo e a Igreja, como descrito em Efésios 5. O homem e a mulher, na sua complementaridade, refletem o desígnio divino na criação, na família e na missão. Ao desconsiderar essa verdade, a ideologia de gênero mina a estrutura da sociedade e desfigura o testemunho cristão no mundo. É papel da Igreja, portanto, defender com sabedoria e coragem os princípios eternos mesmo quando isso custar rejeição ou oposição.

A identidade humana só encontra o seu verdadeiro sentido em Cristo. NEle somos restaurados, reconciliados e capacitados a viver como fomos criados por Deus: com dignidade, clareza e propósito. Não há confusão que o evangelho não possa redimir, nem ferida que a graça de Deus não possa curar. A cruz de Cristo é o ponto de encontro entre o pecado e a esperança, entre a distorção do mundo e a verdade do Céu. O cristão deve ensinar homens e mulheres a viver segundo o seu chamado original, sendo imagem de Deus com responsabilidade, santidade e alegria.

É necessário também preparar a nova geração para resistir às pressões ideológicas com convicção bíblica. Pais, líderes e educadores

cristãos têm o dever de ensinar a verdade com amor e firmeza, cultivando ambientes de diálogo, oração e formação cristã sólida. Não se vence o combate à ideologia de gênero apenas com argumentos, mas também com vidas transformadas pelo poder do Espírito Santo e comprometidas com a totalidade do evangelho.

Mantenhamos, portanto, nossa esperança em Deus, que reina soberanamente sobre a história. Nenhuma ideologia prevalecerá contra a verdade eterna. A Igreja foi chamada para ser sal e luz (Mt 5.13-16) mesmo em meio a uma geração confusa e perdida. Que sejamos fiéis ao nosso Senhor, sustentados pela Escritura, guiados pelo Espírito Santo e motivados pelo amor de Cristo, proclamando que é só nEle que homem e mulher encontram a sua verdadeira identidade.

## Capítulo 5

# A FALÁCIA DA TEOLOGIA PROGRESSISTA

**Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo. Colossenses 2.8**

### INTRODUÇÃO

A teologia progressista representa uma tentativa de reinterpretar os fundamentos da fé cristã por meio das lentes das ideias modernas, especialmente as influenciadas por correntes filosóficas pós-modernas, como o relativismo moral, o subjetivismo e o secularismo. Os seus defensores alegam buscar uma fé mais “inclusiva”, “contextualizada” e “relevante” para o mundo contemporâneo, mas, ao fazê-lo, frequentemente acabam diluindo ou rejeitando aspectos centrais da revelação bíblica, como a autoridade das Escrituras, a exclusividade de Cristo, a doutrina do pecado e a necessidade da redenção.

Um dos pontos centrais dessa abordagem é a relativização da autoridade bíblica, que passa a ser lida não como a inerrante e inspirada Palavra de Deus, mas como um produto cultural e histórico sujeito a revisões constantes. Com isso, os textos que confrontam os valores e práticas da modernidade são reinterpretados ou simplesmente descartados. Esse processo não apenas compromete a coerência interna da teologia cristã, como também desfigura o evangelho, substituindo a centralidade da cruz por uma ênfase na aceitação irrestrita, no bem-estar social ou no ativismo político.

Outro problema recorrente é a inversão de prioridades doutrinárias. Em vez de partir da verdade revelada para interpretar a realidade,

a teologia progressista parte das demandas sociais ou das pressões culturais para reinterpretar a fé. Isso leva, por exemplo, à legitimação de práticas contrárias à ética bíblica, como a banalização do pecado, a aceitação de ideologias antibíblicas e a desvalorização da santidade. O amor de Deus, tema central das Escrituras, é então separado da sua justiça e santidade, resultando em uma espiritualidade que acomoda o erro e despreza a necessidade de arrependimento.

Além disso, o discurso progressista tende a reduzir o evangelho a uma mensagem meramente ética ou social, esvaziando-o do seu poder redentor. A cruz de Cristo, em vez de ser proclamada como a única esperança para o pecador, é tratada como símbolo de solidariedade com os oprimidos, ignorando o seu significado substitutivo e expiatório. Dessa forma, perde-se a dimensão espiritual da fé cristã, e o Reino de Deus é confundido com ideologias humanistas que não transformam o coração, mas apenas redesenham estruturas externas.

Nesse cenário, é necessário que a Igreja permaneça fiel à sua doutrina e ao padrão de ensino deixado por Cristo e pelos apóstolos. A tradição evangélica, especialmente no contexto pentecostal, sempre valorizou a centralidade da Bíblia, a ação regeneradora do Espírito Santo e a supremacia de Cristo como fundamentos inegociáveis. Qualquer teologia que distorça essas verdades ou que procure moldar o evangelho aos padrões do mundo deve ser avaliada com discernimento e rejeitada quando se desvia da revelação divina.

Neste capítulo, portanto, analisaremos as falácias centrais da teologia progressista e as suas implicações práticas e espirituais. Nosso propósito é fortalecer a convicção bíblica dos crentes, ensinando que adaptar a fé à moda humana compromete a integridade do evangelho e afasta a Igreja da sua missão. O chamado bíblico é claro: devemos permanecer firmes na verdade, mesmo que isso nos coloque em contraste com a cultura de nosso tempo, pois somente “a palavra do Senhor permanece para sempre” (1 Pe 1.25).

## **I – PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DA TEOLOGIA PROGRESSISTA**

A teologia progressista enfatiza a justiça social e aspectos éticos, mas relativiza ou descarta doutrinas centrais. Muitos textos que falam claramente sobre o pecado, o juízo de Deus ou a realidade do Inferno são transformados em meras alegorias ou expressões culturais do pas-

sado. Isso leva a uma leitura seletiva e subjetiva das Escrituras, onde apenas os temas considerados palatáveis pela sociedade moderna são aceitos como “válidos”. Essa abordagem enfraquece a autoridade da Palavra de Deus.

Ao tratar os milagres de Jesus como metáforas ou os relatos do Antigo Testamento como lendas, perde-se o caráter sobrenatural da fé cristã. A fé deixa de ser um encontro com o Deus vivo e é transformada numa filosofia moral genérica. Isso contradiz o ensino bíblico de que “toda a Escritura é divinamente inspirada” (2 Tm 3.16, ACF).

A reinterpretação progressista frequentemente inverte o papel da Bíblia, não mais sendo esta a lâmpada que guia nossos pés (Sl 119.105), mas um livro sujeito ao crivo da cultura. Tal postura coloca o homem como juiz da verdade, negando o princípio reformado de *Sola Scriptura*.

Essa abordagem gera confusão, pois cada leitor pode dar à Escritura o sentido que lhe melhor agrada. Isso abre espaço para heresias antigas revestidas de linguagem moderna, resultando numa fé diluída, frágil e desconectada da mensagem apostólica.

O cristianismo progressista é uma abordagem pós-liberal da fé cristã que é influenciada pelo pós-modernismo e: proclama Jesus de Nazaré como Cristo; enfatiza o Caminho e os ensinamentos de Jesus, não apenas Sua pessoa; enfatiza a imanência de Deus, não apenas a transcendência de Deus; inclina-se para o panenteísmo em vez do teísmo sobrenatural; enfatiza a salvação aqui e agora em vez de principalmente no céu mais tarde; enfatiza ser salvo para uma vida robusta, abundante/eterna em vez de ser salvo do inferno; enfatiza os aspectos sociais/comunitários da salvação em vez de meramente os pessoais; enfatiza a justiça social, a proteção ambiental e a não violência como parte integrante do discipulado cristão; leva a Bíblia a sério, mas não necessariamente literalmente, adotando uma compreensão mais interpretativa e metafórica; enfatiza a ortopraxia em vez da ortodoxia (ações corretas em vez de crenças corretas); abraça a razão, bem como o paradoxo e o mistério — em vez da lealdade cega a doutrinas e dogmas rígidos; não considera a homossexualidade pecaminosa; e não afirma que o cristianismo é a única maneira válida ou viável de se conectar com Deus (não é exclusivo).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> WOLSEY, Roger. Cristianismo progressista não é política progressista. Disponível em: <<https://www.huffpost.com/author/rev-roger-wolsey>> Acesso em 20 de junho de 2025.

A teologia progressista tende a substituir a revelação divina pela experiência individual. A razão humana e os sentimentos pessoais tornam-se os critérios máximos da verdade. Assim, a Palavra de Deus é vista como apenas mais uma voz entre muitas, e não como a voz final e suprema. Esse caminho é perigoso porque conduz à idolatria do “eu”. Quando o ser humano torna-se o centro da teologia, Deus é relegado a um papel secundário. Isso fere diretamente o primeiro mandamento: “Não terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.3). O humanismo, ainda que bem-intencionado, termina por negar a soberania de Deus.

A verdade bíblica não muda com a cultura. O que era pecado no tempo de Paulo continua sendo pecado hoje. A Palavra de Deus é “fiel e digna de toda a aceitação” (1 Tm 4.9) e deve ser anunciada mesmo que contrarie o espírito do tempo. A tentativa de tornar a fé mais aceitável ao mundo apenas dilui o seu poder transformador.

Alisa Childers, narrando a sua experiência com o cristianismo progressista, destaca que:

Qualquer pessoa com um olhar atento sobre a história e a progressão do movimento emergente pode ver que ele não está morto. E já não está no subterrâneo. Já não é um movimento de base, à margem da cultura cristã. Saiu das margens, mais forte do que nunca; mas, com um novo nome: cristianismo progressista. As crenças podem ser semelhantes às das denominações de linha principal mais liberais, que ardiam na igreja no início dos anos 1900. Mas o cristianismo progressista é um movimento que não se contenta em ficar às margens. Ele mira infiltrar-se diretamente no âmago da igreja evangélica. Esse movimento dá à velha teologia uma nova face e um novo nome, e está empenhado em reformar a igreja de acordo com os dogmas pós-modernos.

[...] No início, o cristianismo progressista era um combinado heterogêneo de crenças. As vozes principais do movimento encontravam-se em várias fases de desconstrução e reconstrução. Alguns acreditavam ainda na ressurreição física de Cristo, mas questionavam a expiação. Outros, eram ainda ortodoxos em sua visão da expiação, mas estavam mudando de ideia sobre questões como a homossexualidade e o aborto. Outros, ainda, eram mais radicais nas suas negações de certas doutrinas essenciais, na esperança de reestruturar completamente o cristianismo para o mundo pós-moderno. Mas o que uniu a todos foi o desejo de questionar as coisas

em que os cristãos históricos tinham acreditado e depositado sua esperança durante dois mil anos.

[...] Hoje, existe uma unidade geral em torno de três tópicos: Bíblia, cruz e evangelho. Os pontos de vista progressistas a respeito de tudo, desde a sexualidade até a política, na vida e prática cristã, são construídos sobre essa base. Como descobri, o cristianismo progressista não é simplesmente uma mudança na visão cristã sobre as questões sociais. Não é simplesmente permissão para abraçar a desordem e a autenticidade na vida cristã. Nem é simplesmente uma resposta à dúvida, ao legalismo, ao abuso, ou à hipocrisia. É uma religião completamente diferente — com outro Jesus e outro evangelho.<sup>2</sup>

A igreja é chamada a ser sal e luz (Mt 5.13,14), não a conformar-se com este século (Rm 12.2). Substituir a revelação pela razão é abandonar a fé apostólica e colocar-se fora do caminho estreito que conduz à vida.

A negação de doutrinas como o nascimento virginal, a Trindade e a ressurreição de Cristo compromete os fundamentos da fé cristã. Não há cristianismo verdadeiro sem essas verdades, mas apenas uma caricatura adaptada às expectativas da cultura secular. Ao considerar esses elementos como não essenciais, a teologia progressista promove um cristianismo genérico, que se assemelha mais ao pensamento humanista do que à fé bíblica. A Bíblia, contudo, afirma que, “[...] se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé” (1 Co 15.17). Cada doutrina possui um lugar vital no edifício da fé.

O resultado desse minimalismo teológico é uma fé sem raízes, fraca diante das tribulações e sem autoridade para confrontar o pecado. A verdadeira doutrina fortalece o crente, gera reverência e molda o caráter. Quando as verdades são descartadas, também se perde o poder que sustenta a vida cristã. Precisamos, portanto, preservar e valorizar cada doutrina bíblica. A Trindade revela o Deus que se relaciona conosco. O nascimento virginal declara a santidade de Cristo. A ressurreição proclama a vitória sobre a morte. Essas verdades não são opcionais, mas centrais.

<sup>2</sup> CHILDERS, Alisa. **Outro Evangelho**: Uma resposta ao cristianismo progressista. São Paulo: Editor Fiel, 2022, p. 77, 78.

## II – VISÃO BÍBLICA SOBRE A VERDADE

O cristianismo histórico afirma que Deus revelou-se de forma definitiva nas Escrituras e em Cristo. A Bíblia é a Palavra de Deus, inspirada pelo Espírito Santo e útil para ensinar, redarguir, corrigir e instruir (2 Tm 3.16). A sua autoridade não está sujeita à cultura, às modas ou às filosofias humanas. Ela permanece firme para sempre (Is 40.8). Jesus mesmo afirmou: “A tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). Ele jamais relativizou a Escritura, mas cumpriu-a em cada detalhe. A igreja que deseja permanecer fiel ao seu Senhor deve seguir o mesmo padrão, ensinando “toda a verdade”, mesmo que isso seja impopular.

Negar a autoridade das Escrituras é colocar em risco a própria salvação, pois é por meio da Palavra que conhecemos o evangelho (Rm 10.17). A Bíblia não é um livro que pode ser reescrito conforme nossas emoções. Ela é a revelação objetiva de Deus ao homem. Por isso, nossa postura diante da Bíblia deve ser de reverência e obediência. O Espírito Santo é aquele que nos guia à verdade, e não quem nos leva a contradizê-la. Moldar a Bíblia à imagem da cultura é idolatria disfarçada.

O evangelho tem no centro a pessoa de Jesus Cristo, que é o Filho de Deus encarnado, e que morreu por nossos pecados, e ressuscitou ao terceiro dia. Qualquer teologia que retire Cristo da sua centralidade perde o seu propósito. A fé cristã não é sobre moralismo nem apenas sobre causas sociais, mas sobre a reconciliação entre Deus e o homem por meio de Cristo. Como Paulo declara: “Já estou crucificado com Cristo [...] e a vida que agora vivo [...] vivo-a na fé do Filho de Deus” (Gl 2.20).

Cristo não veio para satisfazer as expectativas humanas, mas para cumprir o propósito eterno do Pai. Somos por Ele chamados ao arrependimento, e não à autoafirmação. A teologia progressista tende a fazer de Jesus um mestre ético, ignorando o seu senhorio e a sua obra redentora. Voltar ao evangelho é reconhecer que só há salvação em Cristo (At 4.12) e que o maior bem que podemos fazer ao próximo é conduzi-lo à cruz, onde se encontra perdão, vida e transformação.

Desde os primeiros séculos, a Igreja tem preservado a fé por meio de credos, concílios e confissões. Esses documentos não substituem a Bíblia, mas refletem o seu ensino fiel em resposta aos erros que surgiram ao longo dos tempos.

O Credo de Niceia, por exemplo, reafirmou a divindade de Cristo diante da heresia ariana. O Credo Atanasiano protegeu a doutrina da Trindade. As Solas da Reforma reafirmaram a suficiência da Escritura e a centralidade de Cristo. Todos esses marcos são essenciais.

A teologia progressista, ao rejeitar esses marcos, rompe com a fé histórica e desconecta-se da comunhão dos santos ao longo dos séculos. Isso não é progresso, mas regressão. Como disse J. I. Packer: “A ortodoxia cristã é uma dádiva, não uma prisão”. Manter-se fiel à história da fé cristã é um ato de humildade. Aprendemos com os que vieram antes de nós e enfrentamos os desafios atuais com as mesmas armas espirituais: a verdade, a graça e a fidelidade a Cristo.

### **III — CONSEQUÊNCIAS PARA A FÉ CRISTÃ E A IGREJA**

Seguir a teologia progressista pode levar ao enfraquecimento da fé pessoal e comunitária. Os crentes ficam sem direção quando as doutrinas são tratadas como meras opiniões. A fé cristã torna-se subjetiva e individualista. Cada um passa a “crer no que quiser”, gerando um ambiente de insegurança espiritual e falta de unidade. Isso resulta em igrejas frágeis, que não resistem às crises ou às tentações do mundo. A fé que salva é a que está firmada sobre a verdade imutável de Deus, e não sobre ideias passageiras. Como disse Jesus, “quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha” (Mt 7.24, NVI).

A confusão doutrinária também abre portas para heresias e enganos. Muitos líderes, desejando agradar aos homens, acabam desviando o rebanho. O apóstolo Paulo já alertava: “[...] entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho” (At 20.29). A solução está no ensino fiel da Palavra, na catequese sólida e na valorização da teologia sadia. Doutrina não divide; ela une os verdadeiros crentes em torno da verdade revelada.

A ação social é parte da missão cristã, mas não pode substituir a pregação do evangelho. A teologia progressista muitas vezes enfatiza o fazer sem chamar ao arrependimento. O maior problema do ser humano, porém, não é a pobreza material, e sim o pecado.

Jesus curou, alimentou e libertou, mas sempre com o objetivo de anunciar o Reino de Deus. A obra social é incompleta sem o evan-

gelho. “Pois que aproveitaria ao homem ganhar o mundo e perder a sua alma?” (Mc 8.36). A verdadeira justiça começa na cruz, onde Deus justificou o pecador. Somente o evangelho transforma o coração, rompe cadeias espirituais e produz frutos que permanecem. A fé viva é a que atua pelo amor, mas que começa com arrependimento e fé.

Devemos, portanto, fazer o bem, mas nunca nos esquecer de que a maior necessidade do ser humano é nascer de novo (Jo 3.3). A salvação é o maior presente que podemos compartilhar.

Em um tempo de tantas vozes e pressões culturais, a Igreja é chamada a ser fiel à verdade. Isso não significa ser rude ou inflexível, mas manter-se firme no essencial da fé, como fizeram os profetas, os apóstolos e os reformadores. A fidelidade doutrinária é um ato de amor a Deus e às pessoas. Amar é dizer a verdade, mesmo quando ela é difícil. Como disse Paulo: “pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes” (2 Tm 4.2).

Manter vivos os credos históricos e a confissão da fé apostólica não é tradicionalismo, mas fidelidade. Eles são âncoras que nos ajudam a não sermos levados por “todo vento de doutrina” (Ef 4.14).

Devemos buscar formas relevantes de comunicar a verdade, mas sem comprometer o seu conteúdo. A Igreja do Senhor é coluna e firmeza da verdade (1 Tm 3.15). Nossa fidelidade hoje garantirá um legado seguro para as futuras gerações.

## CONCLUSÃO

A teologia progressista, ao tentar adaptar a fé cristã às exigências culturais do presente século, incorre no grave erro de relativizar as doutrinas fundamentais da revelação divina. Quando a Palavra de Deus é subjugada aos modismos sociais ou às pressões ideológicas, o evangelho deixa de ser a Boa Nova que confronta e transforma e passa a ser um eco da cultura, desprovido de poder redentor. Não é possível manter a integridade da fé cristã sem preservar a centralidade das Escrituras, a autoridade de Cristo e a realidade do pecado, da salvação e do juízo.

Além disso, vimos que a verdadeira fé cristã é contracultural por natureza. Desde os tempos apostólicos, o evangelho confronta o mundo, não com violência ou imposição, mas com a luz da verdade, o chamado ao arrependimento e à proclamação do senhorio de Cristo. A

igreja fiel não negocia princípios para agradar aos homens (Gl 1.10), nem busca relevância à custa da fidelidade. Ela mantém-se firme na verdade mesmo quando esta é rejeitada pelos sistemas deste mundo, pois sabe que agradar a Deus é mais importante do que agradar aos homens (At 5.29).

A fidelidade à Escritura exige coragem. Em tempos em que muitos preferem um evangelho diluído, que não confronta nem transforma, a Igreja de Cristo é chamada a viver e a pregar com clareza, compaixão e firmeza. Isso significa amar as pessoas, mas também as advertir com a verdade; estender a graça, mas não a custa da justiça de Deus. Cristo é a expressão perfeita da verdade e da graça (Jo 1.14), e é nessa tensão que o ministério cristão deve ser exercido.

Precisamos formar urgentemente uma geração de crentes que conheçam a Palavra, que pensem teologicamente e que rejeitem o conformismo espiritual. A igreja precisa cultivar uma fé robusta, bíblica, moldada pela revelação divina, e não pelos ditames culturais. Não há lugar para neutralidade: ou permanecemos firmes sobre a rocha da verdade eterna ou seremos levados pelos ventos de doutrina (Ef 4.14). A teologia progressista, ao rejeitar as doutrinas centrais, desfigura o evangelho e desarma espiritualmente os crentes, tornando-os vulneráveis ao engano.

Que possamos, como Igreja, voltar constantemente às Escrituras, reconhecendo a sua suficiência e autoridade sobre todas as áreas da vida. Que sejamos humildes para ouvir, diligentes para estudar e corajosos para viver a verdade mesmo quando ela nos coloca na contramão do mundo. Como Paulo exortou a Timóteo, permaneçamos “naquilo que aprende[mos] e de que fo[mos] inteirado[s]” (2 Tm 3.14), confiando que “toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm 3.16, ACF). Só assim seremos uma Igreja firme, fiel e frutífera até a volta do Senhor.

## Capítulo 6

# A FALÁCIA DO HUMANISMO

**Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. Provérbios 3.5,6**

### INTRODUÇÃO

O humanismo é uma visão de mundo que exalta o ser humano como a medida de todas as coisas. Na sua essência, essa ideologia confia plenamente na razão, na ciência e nas conquistas humanas como meios suficientes para promover progresso, justiça e bem-estar. Ao rejeitar qualquer fundamento divino ou transcendente, o humanismo secular apresenta-se como uma alternativa moderna à fé, propondo que o homem é autônomo e capaz de construir, por si mesmo, uma sociedade justa e plena.

Historicamente, o humanismo teve raízes em movimentos culturais que buscavam valorizar o ser humano, especialmente durante o Renascimento. Contudo, na sua forma secular e contemporânea, ele tomou rumos distintos, distanciando-se da fé cristã e rejeitando a autoridade de Deus sobre a vida e a moralidade. Assim, o que começou como uma valorização legítima da dignidade humana passou a assumir contornos ideológicos que rivalizam com os princípios fundamentais da cosmovisão cristã.

Esse pensamento moderno declara que a religião é desnecessária ou até mesmo prejudicial ao desenvolvimento humano. A ideia central é que, com a evolução da ciência, da filosofia e dos direitos humanos, a humanidade não precisa mais de “explicações divinas” para a vida, nem de normas morais impostas por um ser supremo. A ética, segundo o humanismo, é construída com base no consenso social, nas necessidades humanas e nas circunstâncias culturais, tornando-se, portanto, relativa e mutável.

Ao rejeitar o Criador, o humanismo secular reduz o homem a um ser autônomo, sem referência externa e sem responsabilidade diante de Deus. Isso gera uma profunda crise de identidade e propósito. Quando o ser humano é colocado no centro, substituindo o Senhor que o criou, ele passa a carregar um fardo que não foi projetado para suportar: o de definir por si mesmo o que é certo e errado, bem e mal, justo ou injusto. Tal pretensão revela, no fundo, uma repetição do erro original no Éden: a busca de independência de Deus (Gn 3.5).

Do ponto de vista bíblico, essa cosmovisão está profundamente equivocada. A Palavra de Deus afirma que o homem não é autônomo, mas criatura, dependente do seu Criador tanto para a sua existência quanto para o seu destino eterno (At 17.24-28). Toda tentativa de construir uma ética, uma cultura ou um sistema político e social à parte de Deus está condenada ao fracasso espiritual, mesmo que possa apresentar aparente êxito humano. Afinal, “se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam” (Sl 127.1).

O cristianismo reconhece o valor e a dignidade do ser humano, mas faz isso com base na imagem de Deus (Gn 1.27), e não na autossuficiência da razão humana. O valor da vida humana não está na sua capacidade produtiva ou intelectual, mas no seu Criador. Ao negar essa verdade, o humanismo secular constrói uma imagem distorcida do homem, uma imagem sem alma, sem transcendência e, muitas vezes, sem esperança.

Neste capítulo, analisaremos os pilares do humanismo secular, os seus impactos culturais, educacionais e morais e como ele desafia os fundamentos da fé cristã. Veremos que não se trata apenas de uma corrente filosófica distante, mas de uma ideologia presente em currículos escolares, políticas públicas, entretenimento e até mesmo em discursos religiosos. Por isso, a Igreja precisa estar preparada para discernir o erro e responder com firmeza, sabedoria e amor.

Refletiremos, por fim, sobre como a fé cristã oferece uma resposta completa à crise existencial provocada pelo humanismo secular. Cristo é o verdadeiro centro da história, e somente nEle o ser humano encontra a sua identidade, propósito e redenção. Ao contrário do humanismo, que exalta o homem e despreza a cruz, o evangelho exalta a cruz e restaura o homem. Que esta lição nos ajude a reconhecer as falácias do humanismo e a viver firmemente alicerçados na verdade que procede de Deus.

## I — PRINCÍPIOS DO HUMANISMO

O humanismo defende que o homem é capaz de melhorar a si mesmo e a sociedade sem necessidade de Deus. Ele proclama que o homem pode, por si só, alcançar paz, progresso e bem-estar. Acredita-se que o avanço da ciência, da tecnologia e da educação poderá resolver todos os males da humanidade sem precisar recorrer ao sobrenatural. No entanto, apesar de todos os avanços, o ser humano continua enfrentando guerras, injustiças e crises morais profundas.

Em termos amplos, o humanismo pode ser definido como uma forma de pensar que valoriza o ser humano e tudo o que diz respeito à sua existência, aos seus pensamentos, aspirações, relações e realizações. Essa visão afirma que o ser humano possui um valor especial em relação às demais criaturas. Dentro dessa compreensão, é possível reconhecer a existência de um humanismo cristão, que reconhece a dignidade do homem como criação especial de Deus, feita à sua imagem e semelhança, chamado a exercer domínio e mordomia sobre a criação conforme Gênesis 1.26-28.

No entanto, com o avanço do pensamento moderno, especialmente a partir do século XIX, esse conceito passou por mudanças profundas. Filósofos influenciados pelo materialismo e pelo marxismo passaram a reinterpretar o humanismo de modo a desvinculá-lo completamente da fé e da revelação divina. Com isso, surge o chamado humanismo secular, uma vertente ideológica que busca afirmar o valor do ser humano à parte de Deus, rejeitando qualquer noção de transcendência. É uma tentativa de exaltar a humanidade como suficiente em si mesma.

Enquanto o humanismo cristão valoriza o homem como criatura de Deus, o humanismo secular entende-o como um produto exclusivo de processos naturais, negando a existência de um Criador. Essa visão está profundamente enraizada nos princípios do naturalismo filosófico.

Por trás dessa aparente exaltação do homem, esconde-se uma grande fragilidade: ao rejeitar o Criador, o ser humano perde a sua referência última, o seu valor inegociável e a sua esperança eterna. Em vez de libertação, o humanismo secular conduz ao vazio, à relativização da vida e ao colapso moral. O salmista já advertia: “Disseram os néscios no seu coração: Não há Deus” (Sl 14.1).

A Bíblia mostra que a autossuficiência é ilusão. Em Jeremias 17.5, lemos: “Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR”. A confiança em si mesmo é sinal de orgulho e afastamento de Deus, o que sempre leva à ruína. A história é, por si só, um testemunho das limitações da autossuficiência. Grandes impérios caíram, ideologias falharam, e líderes humanos decepcionaram. Isso mostra que o homem, mesmo com boa intenção, não tem o controle absoluto da realidade.

Rejeitar a dependência de Deus em favor da confiança plena nas próprias forças é, portanto, um erro grave. O cristão deve reconhecer a sua fraqueza e apoiar-se na graça divina como fonte de sabedoria, força e direção para a vida. A mente humana é um presente de Deus, mas o humanismo transforma-a num ídolo. A razão passa a ser a medida de todas as coisas, e tudo o que não pode ser racionalmente explicado é descartado. Isso inclui os milagres, a fé e até mesmo a revelação divina.

A Bíblia claramente nos ensina que “a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1 Co 3.19). A razão, quando não submetida à verdade revelada, torna-se arrogante e míope. Muitos se afastam de Deus justamente por colocarem a sua confiança apenas no entendimento humano.

Na prática, essa exaltação da razão gera uma fé fraca ou inexistente. Pessoas tornam-se céticas e espiritualmente apáticas, buscando respostas apenas em teorias e dados enquanto ignoram a revelação de Deus em Cristo e nas Escrituras. A fé cristã, entretanto, convida-nos a amar a Deus com todo o nosso entendimento (Mc 12.30), porém reconhecendo que a razão deve submeter-se à Palavra. Deus deu entendimento a cada um de nós não para tornarmos-nos independentes, mas para conhecê-lo e servi-lo com sabedoria.

O humanismo tende a marginalizar ou até negar a existência de Deus. O que antes era entendido como espiritual ou sagrado passa a ser visto como fruto da imaginação humana. Deus torna-se um conceito cultural, e a religião, um instrumento ultrapassado para explicar fenômenos naturais. Essa visão enfraquece a busca espiritual e promove uma vida focada apenas no aqui e agora. A eternidade deixa de ser uma realidade e passa a ser um mito. Com isso, perde-se o senso de responsabilidade diante de Deus e da esperança de redenção.

Embora não haja uma definição universal de humanismo secular, há um consenso geral tanto entre críticos quanto entre adeptos de que se trata de um sistema de ética centrado no homem. Em Um Manifesto Cristão, o apologista Francis Schaeffer disse que “Devemos entender do que estamos falando quando usamos a palavra Humanismo. Humanismo significa que o homem é a medida de todas as coisas”. Muitos humanistas seculares concordariam com a base dessa definição. Como diz o Conselho para o Humanismo Secular, “porque nenhum poder transcendente nos salvará, os humanistas seculares sustentam que os humanos devem assumir a responsabilidade por si mesmos”. Como o conselho define, o humanismo secular é “uma postura de vida não religiosa abrangente que incorpora uma filosofia naturalista, uma perspectiva cósmica enraizada na ciência e um sistema ético consequencialista”.<sup>1</sup>

A Bíblia afirma que “os céus manifestam a glória de Deus” (Sl 19.1) e que a criação inteira aponta para o Criador. Negar o divino é rejeitar a origem da própria existência humana e o propósito maior da vida. A criação não é fruto do acaso, mas da vontade soberana de Deus. O cristão deve resistir à tendência de secularizar tudo. É preciso afirmar com ousadia que Deus está presente, que Ele governa o Universo e que intervém na história. Deus não é um conceito, mas uma Pessoa viva e atuante que deseja relacionar-se com cada ser humano.

## II – VISÃO CRISTÃ DO SER HUMANO

A Bíblia reconhece a dignidade do homem, mas também a sua limitação e necessidade de Deus. A dignidade humana é inegável porque o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1.27). Isso confere ao homem um valor intrínseco que não depende das suas conquistas ou habilidades. Essa imagem foi, no entanto, manchada pela Queda em Gênesis 3.

O pecado introduziu uma ruptura na relação do homem com Deus, consigo mesmo e com o próximo. O humanismo ignora esse problema fundamental, acreditando que o homem pode aperfeiçoar-se

<sup>1</sup> CARTER, Joe. 9 coisas que você deve saber sobre o humanismo secular. Disponível em: <<https://www.thegospelcoalition.org/article/9-things-secular-humanism/>> Acesso em 15 de julho de 2025.

moralmente sem intervenção divina. Já a Bíblia declara: “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3.23).

Essa condição caída exige redenção, e não apenas reforma comportamental. Por mais que a educação e a ética sejam importantes, elas não têm poder de regenerar o coração humano. Somente o Espírito Santo pode operar essa transformação por meio do novo nascimento.

A visão bíblica é, portanto, equilibrada, pois reconhece o valor do ser humano, mas também a sua profunda necessidade de salvação. O cristão deve amar o próximo, porém apontando sempre para o único que pode restaurar completamente o homem: Jesus Cristo.

A razão humana tem o seu lugar, mas é limitada. Paulo escreveu que “a loucura de Deus é mais sábia do que os homens” (1 Co 1.25). Isso nos lembra que todo entendimento verdadeiro começa com o temor do Senhor (Pv 1.7). Jesus é a sabedoria de Deus encarnada (1 Co 1.30), e o homem permanece nas trevas fora dEle. A dependência de Deus não é sinal de fraqueza, mas de sabedoria. Quem se apoia na sua própria razão inevitavelmente tropeçará. A verdadeira vida espiritual só é possível em Cristo. A salvação, o propósito, a paz e a esperança são dádivas que vêm de Deus e não podem ser geradas pelo esforço humano. Por isso, a oração, a comunhão com Deus e a obediência à Palavra são indispensáveis.

A Igreja deve ensinar e viver essa dependência. Num mundo que prega a autonomia, o povo de Deus precisa mostrar que a vida plena é fruto da rendição a Deus e da confiança constante na sua direção. O cristianismo não desvaloriza o ser humano, e sim orienta o seu valor para o serviço. Somos criados com dons e capacidades não para nossa própria glória, mas para glorificar a Deus e edificar o próximo (1 Pe 4.10,11).

O humanismo ensina que o homem deve buscar a sua autorrealização, mas o evangelho ensina que o caminho da verdadeira realização está em servir. Jesus mesmo afirmou que “qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo” (Mt 20.27). Isso muda nossa perspectiva sobre sucesso e propósito. A vida não é sobre o que conquistamos para nós, mas sobre como a usamos para refletir o amor de Deus. O trabalho, a família, a vocação: tudo deve estar a serviço do Reino.

A igreja precisa recuperar esse ensino e formar discípulos que compreendam que servir é um privilégio. Cada crente é chamado a

usar a sua vida como instrumento de bênção, apontando para Cristo em tudo o que faz.

### III – CONSEQUÊNCIAS DO HUMANISMO

Sociedades que adotam um *ethos* puramente humanista podem negligenciar valores absolutos e promover o niilismo. Sem Deus, a existência perde o seu eixo. Muitos, mesmo com sucesso e reconhecimento, sentem um profundo vazio. O humanismo promete autonomia, mas oferece solidão e desorientação espiritual. O homem foi feito para Deus, e todo esforço é vão sem Ele. A Bíblia mostra que o sentido da vida está em conhecer a Deus (Jo 17.3). Quando o Criador é excluído da equação, o ser humano perde a sua identidade, pois foi criado para um relacionamento com Ele. O vazio existencial é o eco da alma que perdeu o seu referencial.

O sofrimento torna-se insuportável quando não há uma perspectiva eterna. A fé oferece consolo, propósito no meio das dores e esperança além da morte. O humanismo, por outro lado, silencia-se diante da angústia e da finitude. Por isso, a Igreja precisa proclamar que a verdadeira plenitude está em Cristo. Ele é a razão da vida e é somente nEle que o homem encontra descanso para a sua alma (Mt 11.28,29).

Durante o primeiro Congresso Humanista Mundial, realizado na Holanda em 1952, a assembleia adotou o que ficou conhecido como a Declaração de Amsterdã. No 50º aniversário do Congresso Humanista Mundial, a assembleia aprovou por unanimidade uma resolução atualizando essa declaração, conhecida como Declaração de Amsterdã de 2002.

Os fundamentos do humanismo moderno incluem estes princípios:

O humanismo é ético.

O humanismo é racional.

O humanismo apoia a democracia e os direitos humanos.

O humanismo insiste que a liberdade pessoal deve ser combinada com a responsabilidade social.

O humanismo é uma resposta à demanda generalizada por uma alternativa à religião dogmática.

O humanismo valoriza a criatividade e a imaginação artística e reconhece o poder transformador da arte.

O humanismo é uma postura de vida que visa à máxima realização possível por meio do cultivo de uma vida ética e criativa e oferece um meio ético e racional de abordar os desafios dos nossos tempos.<sup>2</sup>

O humanismo claramente busca uma ética sem uma verdade absoluta, com cada um passando a definir o que é certo e o que é errado. Como consequência, isso gera confusão ética e promove uma cultura em que tudo é permitido desde que satisfaça o indivíduo. O resultado é uma sociedade moralmente fragmentada e espiritualmente doente.

O humanismo não oferece base sólida para valores objetivos. Se o homem é o padrão, então os padrões mudam com o tempo, as culturas e os desejos. Isso abre espaço para injustiças e abusos serem tolerados sob a desculpa da liberdade pessoal. A Bíblia, por outro lado, apresenta princípios morais imutáveis, que refletem o caráter de Deus. Esses valores protegem a dignidade humana, orientam as relações e mantêm a sociedade coesa. Sem eles, o caos reina.

A Igreja deve ser luz em meio às trevas morais, afirmando com clareza e graça os valores do Reino. Isso exige coragem, mas também compaixão, pois muitos estão confusos e carecem da verdade libertadora do evangelho. A Igreja não pode ficar calada em face ao humanismo. A sua missão é proclamar que o homem não é o centro do Universo, mas que a sua verdadeira grandeza está em ser amado por Deus e reconciliado com Ele por meio de Jesus.

A identidade humana não se encontra em conquistas, mas em Cristo. A Igreja precisa formar discípulos que compreendam essa verdade e vivam de modo contracultural, apontando para a glória de Deus em cada área da vida. Isso inclui ensinar uma cosmovisão bíblica, discipular novas gerações e engajar-se na sociedade com compaixão e firmeza doutrinária. O evangelho é a resposta aos dilemas do coração humano, e a Igreja é o seu portador.

A missão da Igreja é, portanto, lembrar ao mundo que há esperança, e essa esperança não está no homem, mas em Deus. Somente em Cristo encontramos salvação, direção e sentido para viver.

---

<sup>2</sup> CARTER, Joe. 9 Coisas que Você Deve Saber sobre o Humanismo Secular. Disponível em: <<https://www.thegospelcoalition.org/article/9-things-secular-humanism/>> Acesso em 15 de julho de 2025.

## CONCLUSÃO

Neste capítulo, refletimos um pouco sobre os fundamentos do humanismo secular e como ele opõe-se radicalmente à cosmovisão cristã. Ao colocar o ser humano como medida de todas as coisas, essa ideologia desloca Deus do centro da existência, exaltando uma falsa autonomia e prometendo uma liberdade que, no fim, aprisiona o homem na sua própria limitação. O humanismo promete dignidade, porém ignora a raiz do problema humano: o pecado, que só pode ser vencido pela graça de Deus em Cristo.

O evangelho claramente nos ensina que o ser humano tem, sim, um valor inestimável, só que esse valor provém do fato de termos sido criados à imagem de Deus e redimidos pelo sangue de Jesus. Separados de Deus, somos como ramos cortados da videira e, assim, não podemos produzir fruto duradouro (Jo 15.5). O humanismo secular tenta redefinir nossa identidade com base apenas na razão, nos sentimentos ou nas conquistas, mas a Bíblia constantemente nos lembra de que nossa verdadeira identidade está escondida com Cristo em Deus (Cl 3.3).

A confiança cega na razão humana despreza a revelação divina. Enquanto o secularismo celebra o progresso científico e filosófico, ele rejeita a sabedoria eterna da Palavra. O resultado é um mundo cada vez mais “sábio aos seus próprios olhos”, mas espiritualmente cego (Rm 1.22). Em contrapartida, a fé cristã sempre nos convida à humildade, ao arrependimento e à dependência contínua do Senhor, que é a fonte de toda verdade e vida.

A Igreja é chamada a exercer a sua vocação profética nesse cenário. Não devemos apenas denunciar os erros do pensamento humanista, mas também oferecer um caminho superior: Cristo, o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14.6). Nosso testemunho deve ser claro, fiel e cheio de compaixão, lembrando a este mundo que a verdadeira liberdade e dignidade do ser humano estão em viver para a glória de Deus. Como luz do mundo e sal da terra, nossa missão é apresentar a verdade em amor (Ef 4.15).

Nesse contexto, a formação bíblica dos crentes torna-se ainda mais urgente. A Igreja precisa investir no ensino sólido da Palavra, capacitando os seus membros a discernir entre a verdade do evange-

lho e os enganos das filosofias humanas. Somente com uma fé bem fundamentada é que seremos capazes de resistir ao conformismo e permanecer firmes diante das pressões culturais (Rm 12.2).

Também somos desafiados a viver com integridade cristã no mundo. Isso significa utilizar nossas habilidades, profissões e dons não para exaltar o “eu”, mas para servir a Deus e ao próximo. O cristão é chamado a refletir a glória do Criador em tudo o que faz, apontando para uma esperança que vai além da morte, além dos limites da matéria e além das ideologias humanas. Em Cristo, temos vida abundante, presente e eterna.

Concluimos que o humanismo secular é sedutor, porém vazio. Ele exalta o homem, porém abandona-o à sua própria sorte. O cristianismo, ao contrário, não só mostra nossa falência moral, como também nos conduz à cruz, onde encontramos perdão, sentido e redenção. Que a Igreja, como corpo vivo de Cristo, continue proclamando essa verdade com ousadia, sendo um farol de luz em meio às trevas de um mundo que, ao rejeitar a Deus, perde o rumo da própria existência.

## Capítulo 7

# A FALÁCIA DA TEORIA DARWINIANA

**Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. João 1.3**

### INTRODUÇÃO

Desde o surgimento da teoria da evolução com Charles Darwin no século XIX, a cosmovisão cristã tem sido desafiada a responder bíblica e teologicamente às ideias naturalistas que buscam explicar a origem e o desenvolvimento da vida sem referência a um Criador. Conforme Norman Geisler<sup>1</sup> destacou, esse debate gerou duas grandes posições dentro do próprio cristianismo: a evolução teísta e o criacionismo bíblico, com as suas diversas subdivisões. Cada uma dessas abordagens tenta, à sua maneira, reconciliar os dados científicos com a fé cristã, embora com diferentes níveis de fidelidade à doutrina das Escrituras. Introdutoriamente, vejamos as bases de cada uma.

#### ***Evolução Teísta: Uma Tensão entre Fé e Naturalismo***

A evolução teísta sustenta que Deus é o Criador do Universo, mas que escolheu operar por meio do processo evolutivo para desenvolver a vida nas suas diversas formas. Nessa perspectiva, o relato de Gênesis é interpretado de forma simbólica ou poética, e os dias da criação não são entendidos como períodos literais de 24 horas. Teólogos adeptos dessa visão argumentam que Deus criou as condições

---

<sup>1</sup> GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Vol 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 947-959.

iniciais e estabeleceu as leis naturais que levariam ao surgimento da vida, mantendo um papel providencial ao longo da evolução.

No entanto, como aponta Norman Geisler, essa visão enfrenta dificuldades significativas. Em primeiro lugar, ela mina a doutrina da criação especial do homem, substituindo-a pela suposição de um ancestral comum com os animais. Isso enfraquece a compreensão bíblica da imagem de Deus no homem (*Imago Dei*) e compromete a doutrina do pecado original, visto que, para os evolucionistas teístas, Adão e Eva seriam personagens simbólicos, e não figuras históricas. Além disso, essa abordagem frequentemente coloca a autoridade da ciência moderna acima da revelação bíblica, relativizando o texto sagrado.

### ***Criacionismo Bíblico: A Defesa da Criação Especial***

O criacionismo afirma essencialmente que Deus criou o Universo e todas as formas de vida diretamente, de maneira intencional e com propósito. Ele baseia-se na interpretação literal-histórica de Gênesis 1–11, reafirmando que o relato da Criação, da Queda e do Dilúvio deve ser entendido como evento histórico. Dentro desse grupo, há duas linhas principais:

#### **Criacionismo da Terra Jovem**

Essa corrente defende que Deus criou o mundo em seis dias literais de 24 horas e que a Terra possui entre 6.000 e 10.000 anos com base nas genealogias bíblicas. Os defensores dessa visão, como Ken Ham, fundador do *Answers in Genesis* e do Museu da Criação, e Henry Morris, fundador do *Institute for Creation Research*, juntamente com John Whitecomb, que escreveu o livro *The Genesis Flood* (O Dilúvio de Gênesis), argumentam que a cronologia de Gênesis é confiável e que a ciência verdadeira (quando devidamente interpretada), está em harmonia com o relato bíblico. O Dilúvio global nos dias de Noé também é visto como responsável por muitas das formações geológicas e fósseis encontradas atualmente.

Do ponto de vista pastoral, essa posição preserva a clareza e integridade das Escrituras, especialmente na defesa de Adão e Eva como figuras históricas e da entrada do pecado no mundo como um evento literal. Essa coerência doutrinária fortalece a fé dos crentes na autoridade da Bíblia e na centralidade do evangelho, que têm em Adão e em Cristo dois personagens reais que estruturam toda a teologia da salvação (Rm 5.12-21).

## Criacionismo da Terra Velha

Por outro lado, o criacionismo da terra velha concorda com a idade estimada da Terra e do Universo pelos cientistas (aproximadamente 4,5 bilhões de anos), mas rejeita a evolução como explicação para a origem da vida. Teólogos como Hugh Ross<sup>2</sup> defendem que Deus criou diferentes formas de vida em momentos distintos ao longo de eras. A expressão “dias” em Gênesis seria entendida como eras longas e indeterminadas. Essa visão busca manter a credibilidade das Escrituras e também dialogar com a ciência moderna, desde que esta não seja contraditória às doutrinas centrais da fé.

Embora alguns pastores e estudiosos aceitem essa posição como uma tentativa de harmonização entre fé e ciência, críticos apontam que ela tende a comprometer a doutrina da Queda, quando separa demasiadamente Adão e Eva do início da criação, além de colocar pressões interpretativas significativas sobre a estrutura literária do texto bíblico.

## ***O Design Inteligente: Uma Abordagem Filosófica e Científica***

O movimento do *Design Inteligente* (ID – Intelligent Design) não é, estritamente falando, um movimento religioso ou bíblico, mas, sim, uma crítica filosófica e científica ao naturalismo evolutivo. Os seus defensores, como William Dembski, Michael Behe e Stephen Meyer, argumentam que certas estruturas biológicas e a complexidade da informação genética não podem ser explicadas por processos naturais aleatórios e requerem uma causa inteligente. Eles não necessariamente identificam esse “Designer” com o Deus da Bíblia, mas abrem espaço para a cosmovisão teísta.

O *design* inteligente é uma ferramenta apologética importante, pois oferece argumentos racionais para a existência de uma mente criadora. Contudo, por não estar fundamentado diretamente na revelação bíblica, ele não pode substituir a teologia da criação. Para a Igreja, ele pode ser usado como ponte no diálogo com o pensamento secular, mas deve sempre ser subordinado à autoridade das Escrituras.

<sup>2</sup> HAM, K; ROSS, H; HAARSMA, D. B; MEYER, E. C. **A Origem: quatro Visões Cristãs sobre Criação, Evolução e Design Inteligente**. São Paulo: Thomas Nelson, 2019.

A verdadeira questão, como Geisler ajuda-nos a perceber, não é apenas sobre ciência, mas sobre autoridade. Qual voz será ouvida com autoridade: a da Escritura ou a da cultura científica? A posição da fé cristã histórica sempre foi a de que “no princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1) e que essa criação é real, intencional, ordenada e boa. Independentemente das variações interpretativas sobre o tempo e os métodos da criação, a Igreja precisa firmar-se na certeza de que Deus é o Criador, que o ser humano foi feito à sua imagem e que o mundo existe para a sua glória.

A discussão sobre as origens, portanto, não deve afastar-nos da centralidade da fé, mas levar-nos a uma maior reverência pelo Criador e pela sua revelação. A Bíblia não responde a todas as perguntas da ciência, mas responde às perguntas mais importantes: de onde viemos, quem somos e para onde vamos. E a resposta é clara: somos criação de Deus, redimidos por Cristo e destinados à eternidade com Ele.

Assim, no capítulo que segue, veremos que a teoria darwiniana da evolução defende que as espécies surgem e são transformadas ao longo do tempo por meio da seleção natural e de mutações aleatórias. Embora apresente um mecanismo físico para a diversidade da vida, essa teoria tornou-se para muitos uma filosofia que exclui a necessidade de um Criador. Passaremos a analisar por que a interpretação darwiniana estrita da evolução é considerada falaciosa no contexto cristão e como essa visão confronta-se com a revelação bíblica.

## **I — PRINCÍPIOS DA TEORIA DARWINIANA**

A teoria darwiniana sustenta que a vida surgiu de forma espontânea a partir de elementos químicos simples sem qualquer direcionamento ou intenção. A seleção natural e as mutações aleatórias são vistas como os principais mecanismos pelos quais os organismos adaptam-se e evoluem ao longo do tempo. Esse modelo exclui qualquer envolvimento direto de um Criador, promovendo uma visão puramente materialista da vida.

Essa perspectiva, no entanto, levanta sérias dificuldades quando se observa a complexidade e a ordem presentes nos sistemas biológicos. A formação de estruturas altamente organizadas, como o DNA, não pode ser explicada adequadamente apenas por processos aleatórios. O surgimento da vida a partir do não-vivo, conhecido como abiogê-

nese, permanece um dos maiores mistérios da ciência, sendo tratado como um ato de fé científica quando se exclui a intervenção divina.

Do ponto de vista bíblico, a ideia de que a vida é fruto do acaso contradiz frontalmente o ensino de que Deus é o autor e sustentador de toda a criação (Sl 100.3). A vida, na sua origem e desenvolvimento, é obra do Criador soberano, que estabeleceu propósito e ordem desde o princípio. A Escritura ensina que nada acontece fora da vontade de Deus, inclusive o surgimento e a diversidade das criaturas vivas.

A teoria darwiniana clássica argumenta que a complexidade dos organismos é resultado da acumulação de pequenas mudanças ao longo do tempo, não sendo necessário recorrer à ideia de um *design* inteligente. Assim, estruturas altamente complexas, como o olho humano, seriam apenas o resultado de mutações selecionadas pela sua utilidade ao longo de milhões de anos. A ideia de que houve um planejamento é rejeitada.

Muitos estudiosos, entretanto, apontam que há evidências de que certos sistemas biológicos são irredutivelmente complexos, ou seja, não funcionariam se qualquer das suas partes fosse removida. Essa complexidade aponta para uma mente organizadora por trás da criação. A ausência de provas conclusivas sobre a formação gradual de muitos desses sistemas tem levado alguns cientistas a reconsiderar a hipótese do *design* inteligente.

Na perspectiva cristã, o mundo revela a glória de Deus por meio da sua ordem, beleza e harmonia (Sl 19.1; Rm 1.20). A criação não é resultado do acaso, mas, sim, de um plano inteligente e amoroso. Negar o *design* divino é rejeitar as marcas do Criador impressas em toda a natureza, obscurecendo a verdade espiritual revelada por Deus tanto na criação quanto nas Escrituras.

Muitos que adotam a teoria darwiniana como explicação total da vida concluem que não há espaço para Deus. Se tudo pode ser explicado por forças naturais, então a fé, a moralidade e o propósito tornam-se irrelevantes ou produtos da evolução cultural e biológica. Isso conduz inevitavelmente ao naturalismo filosófico, que sustenta que só a matéria existe e que não há realidade espiritual.

Essa implicação tem consequências profundas e reais. A exclusão de Deus do discurso científico e cultural leva à erosão dos valores absolutos, da responsabilidade moral e da dignidade humana. Muitos sistemas educacionais e sociais passaram a adotar essa visão, afastando-se cada vez mais dos fundamentos bíblicos que sustentaram a civilização

ocidental. O darwinismo, quando transformado em filosofia de vida, torna-se um pilar do secularismo.

A fé cristã, por outro lado, afirma que Deus é o fundamento de toda realidade e que o mundo criado não pode ser corretamente compreendido sem Ele (Cl 1.16,17). O darwinismo ateu não é apenas uma teoria científica, mas uma cosmovisão que precisa ser discernida à luz da Bíblia. A Igreja deve resistir à tentativa de remover Deus da origem e do propósito da vida, mantendo firme o testemunho da criação divina. Em relação à criação, a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* diz:

A Bíblia ensina que o universo foi planejado por Deus antes de ser criado. Planejamento, origem e manutenção de todas as coisas no céu e na terra envolvem governo e preservação de toda a criação; [...] Deus trouxe o universo a existência do nada e de maneira instantânea, pela sua soberana e livre vontade.<sup>3</sup>

## II — VISÃO BÍBLICA DA CRIAÇÃO

Ao tratarmos da origem de todas as coisas, é essencial afirmar que a Bíblia, ainda que não tenha como propósito ser um manual científico, não está ausente de afirmações sobre a realidade do mundo natural. A revelação bíblica não foi escrita para satisfazer nossa curiosidade científica, mas para conduzir-nos à verdade acerca de Deus, do homem e da criação. Por isso, o criacionismo bíblico parte da convicção de que a Escritura é a fonte primária e inerrante para entendermos como tudo começou.

O texto sagrado inicia-se com uma declaração que não busca provar, mas afirmar com autoridade divina: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). A partir dessa verdade inaugural, todas as demais doutrinas são edificadas. Desconsiderar a doutrina da criação é minar as bases de toda a revelação bíblica. Sem a criação, não há Queda; sem Queda, não há redenção; sem redenção, não há necessidade de cruz. A fé cristã repousa, portanto, sobre o fundamento de que tudo quanto existe procede de Deus.

Norman Geisler defende que

<sup>3</sup> *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017. p. 35.

A Criação é o primeiríssimo dos ensinamentos mais básicos da Bíblia. Deus criou o universo material (Gn 1.1), todos os seres vivos (Gn 1.20-25) e os seres humanos à sua imagem e semelhança (Gn 1.27). A criação original foi feita do nada (*ex nihilo*). A criação material é por natureza contingente, finita, limitada no espaço e no tempo, e boa. Deus criou a vida em toda a sua diversidade e deu-a em unidade duradoura. Estabilidade para reproduzir segundo a sua espécie. Os seres humanos são uma criação distinta. A raça humana possui dignidade, unidade e comunidade. [...] O propósito de todas as criaturas racionais é glorificar a Deus e desfrutar de toda a sua criação.<sup>4</sup>

Não somos chamados a crer que o Universo surgiu do acaso ou de processos cegos e impessoais. Ainda que a ciência tenha a sua importância e contribua para o conhecimento da realidade criada, ela jamais pode ocupar o lugar da Palavra de Deus. O criacionismo bíblico não despreza os dados científicos; ao contrário, reconhece que ciência e fé podem caminhar juntas desde que a ciência esteja subordinada à verdade revelada nas Escrituras, e não o contrário.

Nesse sentido, o criacionismo bíblico não se concentra exclusivamente na criação em si, mas no Criador. O foco não está nas estruturas, mas no Autor; não nos fenômenos, mas na Palavra que os trouxe à existência. A Escritura afirma com clareza que Deus criou todas as coisas pelo poder da sua Palavra (Hb 11.3), que Ele sustenta e governa o Universo (Cl 1.17), que intervém soberanamente na história (Gn 6-9) e que se revela tanto pela natureza criada (Sl 19; Rm 1) quanto por meio da sua Palavra inspirada (Jo 17.17).

A base do criacionismo bíblico é a literalidade do texto de Gênesis 1 a 11. Entendemos que Moisés não escreveu esses capítulos como mitologia ou alegoria, mas como registro verídico e confiável dos atos criativos e das origens da humanidade, do pecado e da redenção. Essa leitura literal-histórica é indispensável para uma teologia coerente e bíblica, especialmente no que diz respeito à doutrina do pecado original e à necessidade do segundo Adão, Cristo.

O Pastor Claudionor de Andrade (1955-2025) destaca três fundamentos essenciais para o Criacionismo Bíblico:

<sup>4</sup> GEISLER, 2010, p. 947.

**1. A autoridade da Bíblia Sagrada** – De Gênesis a Apocalipse, a Bíblia apresenta o Deus Criador como aquele que fez todas as coisas com propósito e sabedoria. Ela é a testemunha fiel e inspirada desse fato, sendo inerrante em tudo o que afirma.

**2. A razão humana** – O apóstolo Paulo afirma que, por meio da criação, os atributos invisíveis de Deus são claramente vistos (Rm 1.20). A consciência humana reconhece, ainda que de modo imperfeito, que existe um Criador. É por isso que até mesmo pensadores seculares, sem vínculos religiosos, chegam à conclusão lógica de que o Universo possui uma causa inteligente.

**3. A própria criação** – A natureza é, em si mesma, uma proclamação da glória de Deus (Sl 19.1). O mundo criado não apenas aponta para um Criador, como também sustenta, na sua ordem e beleza, o testemunho contínuo de que tudo está sob o governo de um Deus pessoal, eterno e sábio.<sup>5</sup>

O criacionismo bíblico não é apenas uma resposta teológica às teorias materialistas das origens, mas também uma afirmação da fé cristã em um Deus que cria, sustenta, revela-se e redime. É sobre reconhecer que não somos fruto do acaso, mas, sim, obra das mãos de um Criador soberano que nos fez com dignidade, que nos chama ao arrependimento e que nos conduz a um relacionamento vivo com Ele.

A Bíblia afirma com clareza que Deus criou todas as coisas com ordem e propósito. O relato de Gênesis 1 repete diversas vezes que cada ser foi criado “segundo a sua espécie”, enfatizando uma estrutura planejada e intencional para a criação. Esse princípio refuta a ideia de que todas as formas de vida surgiram de um ancestral comum sem a intervenção de Deus.

A criação ordenada implica que há limites naturais estabelecidos por Deus e que cada criatura possui identidade, função e valor dados pelo Criador. Isso revela não apenas um ato de poder, mas também de sabedoria e amor. Ao reconhecer que Deus criou cada espécie, rejeitamos a noção de que a diversidade da vida é apenas resultado de modificações aleatórias.

<sup>5</sup> ANDRADE, Claudionor de. **O Começo de todas as Coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015, p. 22.

Além disso, a ordem da criação aponta para a confiabilidade e fidelidade de Deus. O Universo criado reflete a estabilidade do caráter divino, e os padrões naturais, ao invés de negarem Deus, testificam sobre Ele (Sl 104). O povo de Deus é chamado a observar a criação com reverência, vendo nela as marcas da mão do Criador.

A visão bíblica apresenta o Universo como resultado de uma ação deliberada de Deus, com um fim específico. Romanos 1.20 declara que os atributos invisíveis de Deus são claramente vistos desde a criação do mundo, o que significa que a criação tem o propósito de revelar o Criador. A vida não é fruto do acaso, mas de um plano eterno.

Essa finalidade manifesta-se em todos os níveis da criação. Cada ser vivo cumpre uma função no ecossistema, e, mais importante ainda, o ser humano foi criado com o propósito de relacionar-se com Deus. Isso confere valor, dignidade e destino a cada pessoa. Ao contrário da visão darwinista, a fé cristã afirma que a vida tem direção e sentido.

Ignorar o princípio da finalidade é, portanto, esvaziar a existência humana do seu verdadeiro propósito. A vida sem Deus tende a perder o sentido, e isso se reflete nas crises existenciais da sociedade contemporânea. A criação proclama que há um Deus que intencionalmente nos formou e que deseja ser conhecido e glorificado pela sua obra.

Na revelação bíblica, o ser humano ocupa lugar de destaque na criação. Gênesis 1.26,27 ensina que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, o que significa que possuímos atributos que refletem o Criador — como moralidade, racionalidade, criatividade e espiritualidade. Isso estabelece uma distinção fundamental entre o homem e os outros seres.

Diferentemente da teoria darwiniana, que vê o ser humano como mero produto da evolução natural, a Bíblia afirma que há algo único em nossa origem. Fomos formados pessoalmente por Deus e dotados de espírito. Isso implica responsabilidade moral, capacidade de adoração e necessidade de redenção. Negar essa realidade é reduzir o homem a uma máquina biológica. O valor inestimável do ser humano, segundo a Bíblia, não está na sua utilidade ou eficiência, mas, sim, no fato de que ele foi feito por Deus e para Deus. É por isso que a vida humana deve ser protegida e respeitada em todas as fases. Essa visão elevada do ser humano só é possível quando reconhecemos nosso Criador e o propósito eterno que nos foi concedido por Ele.

### III — DEBATE E CONSEQUÊNCIAS

A adoção do darwinismo como paradigma dominante contribuiu para uma crescente secularização da ciência. A explicação naturalista do mundo passou a ser considerada a única válida, enquanto qualquer menção à fé, propósito ou criação foi descartada como não científica. Isso resultou numa ciência que, muitas vezes, opera como um sistema fechado à transcendência.

Esse processo gerou impactos na cultura, na educação e até mesmo na legislação. O ensino científico, especialmente nas escolas, muitas vezes promove o darwinismo como verdade absoluta, sem dar espaço para o debate ou para a consideração de outras cosmovisões. A fé cristã foi marginalizada, e os jovens foram formados com uma visão de mundo onde Deus é ausente ou irrelevante.

A Igreja deve lembrar, contudo, que ciência e fé não são inimigas. A verdadeira ciência busca a verdade, e toda verdade, por fim, pertence a Deus. Devemos promover uma ciência que seja honesta, aberta à investigação e que reconheça os limites do conhecimento humano. A fé cristã convida os crentes a amar a verdade, incluindo a verdade sobre a criação divina.

Se o ser humano é apenas o resultado de processos naturais sem propósito, então a moralidade torna-se relativa. Sem um Criador que estabelece o bem e o mal, cada cultura ou indivíduo pode definir os seus próprios valores, e a moralidade torna-se relativa. Isso enfraquece os fundamentos da ética e promove uma sociedade onde tudo é permitido, desde que seja conveniente ou vantajoso. Essa visão tem consequências destrutivas. A perda do senso de valor absoluto abre espaço para abusos, injustiças e desrespeito à vida. A dignidade humana, quando desvinculada da criação à imagem de Deus, torna-se frágil e sujeita a ideologias desumanizadoras. O aborto, a eutanásia e outras práticas tornam-se justificáveis quando a vida humana é vista apenas como produto de evolução.

A Bíblia, porém, afirma que o corpo humano é templo do Espírito Santo (1 Co 6.19) e que cada pessoa possui valor eterno. A moralidade cristã não é baseada em opinião ou conveniência, mas, sim, na santidade de Deus e na verdade da sua Palavra. Negar isso é promover um mundo onde reinam a confusão e a injustiça.

Diante dos desafios impostos pelo darwinismo radical, a Igreja é chamada a oferecer uma resposta firme, porém equilibrada. Não rejeitamos a ciência, mas afirmamos que ela deve ser submetida à soberania de Deus e à autoridade das Escrituras. Devemos formar crentes que sejam pensadores críticos, capazes de dialogar com a cultura sem abrir mão da fé bíblica.

A resposta da Igreja também envolve a proclamação corajosa do evangelho, que apresenta uma cosmovisão completa: criação, queda, redenção e restauração. Em Cristo, encontramos a reconciliação entre fé e razão, bem como a verdadeira explicação sobre quem somos e para que fomos criados. Ele é o *Logos* eterno, por meio do qual todas as coisas foram feitas (Jo 1.3).

Assim, a Igreja deve manter-se firme na doutrina da criação e ensinar com clareza às novas gerações que não somos frutos do acaso, mas, sim, obras-primas do Deus vivo. É essa convicção que nos dá segurança, identidade e missão neste mundo. A criação não é apenas um assunto teológico, mas também um fundamento essencial para toda a fé cristã.

## CONCLUSÃO

Neste capítulo, reconhecemos que a teoria darwiniana, quando interpretada à parte de qualquer propósito divino, torna-se não só limitada, como também uma falácia ideológica que exclui o papel soberano de Deus como Criador. Tal abordagem não apenas nega a ação divina, como também esvazia o valor intrínseco da vida humana, reduzindo-a a meros acidentes evolutivos. A fé cristã, ao contrário, afirma com convicção que cada ser humano foi intencionalmente formado por Deus à sua imagem e semelhança (Gn 1.26,27) e que a criação é o palco da revelação e da glória divina (Sl 19.1).

Não rejeitamos a ciência nem o desejo legítimo de compreender o funcionamento do Universo. Afirmamos, contudo, que a ciência deve reconhecer os seus próprios limites e jamais substituir a fé como fundamento da verdade última. A Escritura claramente nos ensina que “o temor do SENHOR é o princípio da sabedoria” (Pv 9.10). Toda investigação científica, portanto, se conduzida com humildade e honestidade, acabará por confirmar, e não contrariar, a verdade da

criação divina. O cristão não teme o saber humano, mas submete-o à luz das Escrituras, onde está a verdadeira sabedoria.

A teoria da evolução, na sua versão naturalista, tenta explicar a diversidade da vida com base em processos aleatórios, excluindo completamente a ação criadora e sustentadora de Deus. Tal visão, além de teologicamente insustentável, conduz inevitavelmente a uma antropologia distorcida, onde o ser humano é só mais um entre tantos organismos. Isso enfraquece os fundamentos da dignidade humana, da moralidade e da responsabilidade diante do Criador. A fé cristã, por outro lado, ensina-nos que somos criados com propósito, chamados à comunhão com Deus e responsáveis por cuidar da criação como mordomos fiéis.

A doutrina da criação, portanto, não é apenas uma afirmação sobre o passado, mas também uma base firme para compreender o presente e ter esperança no futuro. Ela claramente nos ensina que tudo tem origem em Deus, que nada escapa ao seu controle e que a história caminha para um desfecho glorioso em Cristo. Negar o Criador também é negar o Redentor, pois o mesmo Deus que fez todas as coisas também veio a nosso resgate por meio de Jesus. Criação e redenção estão inseparavelmente unidas.

Diante disso, a Igreja precisa continuar a proclamar com clareza e coragem a verdade de que o mundo foi criado por Deus e que o ser humano não é resultado do acaso, mas, sim, fruto do amor eterno do Pai. Em tempos de confusão e relativismo, devemos formar uma geração de crentes que pense biblicamente, valorize a criação como dom divino e reconheça a centralidade de Cristo em todas as coisas. Isso envolve ensinar os fundamentos da fé, dialogar com respeito, porém sem comprometer a verdade, bem como viver com coerência diante de um mundo que precisa ver a luz do evangelho.

Como servos de Deus, somos chamados a resistir às ideias que tentam apagar a mão do Criador na história e a viver como testemunhas da verdade que liberta e transforma. Que cada crente, ao contemplar a ordem, a beleza e a complexidade do Universo, possa exclamar com reverência: “Grandes são as obras do SENHOR!” (Sl 111.2) e firmar a sua fé naquEle que criou todas as coisas e sustenta o Universo pela palavra do seu poder (Hb 1.3).

## Capítulo 8

# A FALÁCIA DO PRAGMATISMO

**Antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha se ocultam, não andando com astúcia, nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo o homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. 2 Coríntios 4.2**

### INTRODUÇÃO

Entre os muitos desafios à fé cristã nos tempos atuais, o pragmatismo destaca-se como uma filosofia amplamente difundida, embora muitas vezes não reconhecida de forma explícita. Poderíamos resumir da seguinte forma: “Quando a verdade é substituída pela utilidade”. Por isso dizemos que a sua essência está em avaliar o valor da verdade não pela sua fidelidade à realidade objetiva, mas pela sua utilidade prática; ou seja, algo é considerado verdadeiro se funciona, se é útil, se produz resultados desejáveis, independentemente de estar ou não em conformidade com os padrões eternos estabelecidos por Deus.

O filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839–1914) é apontado como o pai do pragmatismo. Para ele, o significado de qualquer ideia ou conceito deveria ser medido pelas suas consequências práticas. A verdade, portanto, não seria uma realidade fixa, revelada por Deus ou acessível pela razão pura, mas um ideal normativo em constante aperfeiçoamento. Na visão de Peirce, as crenças verdadeiras manifestam-se por meio dos hábitos e ações que elas produzem. Isso já mostra o deslocamento do foco da verdade objetiva para a prática humana e os seus efeitos.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> PEIRCE, C. S. **Conferências sobre Pragmatismo**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

Embora Peirce tenha iniciado essa proposta filosófica, foi William James (1842–1910) quem mais popularizou o pragmatismo. James levou a ideia ainda mais adiante, sugerindo que a verdade é aquilo que “funciona” na vida, ou seja, o que é útil para o indivíduo. Para ele, uma crença verdadeira é a que “dá certo”, que traz paz interior, estabilidade emocional ou eficiência prática. Assim, a verdade passa a ser subjetiva e mutável, variando de pessoa para pessoa e de situação para situação.

Enquanto Peirce caracterizou o pragmatismo como um método para determinar os significados das proposições e se amparou numa doutrina semiótica do conhecimento, William James ampliou o significado da verdade, trouxe para o pragmatismo a doutrina humanista e demarcou a sua condição de verdade, isto é, a verdade corresponde ao que é vantajoso ao pensamento ou àquilo que gera uma relação satisfatória com a realidade, de tal forma que a vantagem e a satisfação estejam vinculadas ao que é útil, ao prático. Em outras palavras, a verdade corresponde ao que é bom. A verdade deve ser útil se considerada em termos práticos, os seus efeitos são as sensações que devemos esperar e as reações que devemos preparar.<sup>2</sup>

O problema dessa visão é que ela nega qualquer noção de verdade absoluta ou revelada. James chega a afirmar que expressões como “Deus existe” são sem sentido, pois não podem ser verificadas por meio de experiências futuras. O seu foco não está na existência objetiva de Deus, mas, sim, no quanto essa crença pode ser útil emocionalmente ou moralmente para o indivíduo. Isso representa uma ruptura radical com a fé cristã, que não considera a verdade como aquilo que é conveniente, mas como o que procede de Deus (Jo 17.17).

A aplicação prática do pragmatismo na cultura contemporânea é visível em muitos ambientes, inclusive religiosos. Igrejas que avaliam os seus métodos apenas por resultados numéricos, ou líderes que moldam as suas mensagens para agradar ao público, adotam uma postura pragmática e não bíblica. O problema não está em buscar eficácia, mas em

<sup>2</sup> NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do. Pragmatismo: uma filosofia da ação, *In: Revista Redescritões*. Revista on line do GT de Pragmatismo. Ano 3, Número 1, 2011, p. 6. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescritoes/article/view/15278>> Acesso em 25 de Julho de 2025.

medir a verdade pelo sucesso aparente, e não pela fidelidade à Palavra de Deus. A Bíblia, ao contrário do pragmatismo, chama-nos a obedecer à verdade mesmo que sejamos confrontados por ela, que nos custe ou que não produza resultados imediatos. O Senhor não nos chamou para sermos bem-sucedidos aos olhos do mundo, mas para sermos fiéis à sua vontade. O apóstolo Paulo afirma que “[...] Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo” (Gl 1.10b). Isso mostra que a verdade cristã é uma chamada à fidelidade, e não à conveniência.

Portanto, diante da influência do pragmatismo, a Igreja precisa reafirmar que a verdade não é relativa, subjetiva ou mutável. Ela é absoluta, imutável e revelada em Cristo (Jo 14.6). O valor de uma doutrina ou prática não está na sua capacidade de “funcionar” em determinado contexto, mas, sim, em estar alinhada à Palavra de Deus, que é eterna, viva e eficaz. A verdade pode até não ser confortável a determinados ouvidos, mas ela liberta (Jo 8.32). Que sejamos uma Igreja que resiste às pressões do pragmatismo contemporâneo e escolhe andar pelo caminho da fidelidade, mesmo que este caminho seja estreito (Mt 7.14). A verdadeira vitória não está em parecer bem-sucedido aos olhos do mundo, mas em permanecer firme no que Deus revelou como certo, bom e verdadeiro.

O pragmatismo é uma filosofia que julga o valor de uma ideia ou prática com base nos seus resultados práticos e imediatos. Quando aplicado à fé cristã, pode levar à distorção de doutrinas bíblicas em favor do que “funciona” e/ou atrai mais pessoas, desconsiderando a fidelidade à verdade revelada. Neste capítulo, mostraremos como o pragmatismo pode ser espiritualmente perigoso quando substitui o compromisso com a Palavra de Deus.

## I – FUNDAMENTOS DO PRAGMATISMO

Como observamos inicialmente, o pragmatismo valoriza o que produz resultados visíveis, rápidos e mensuráveis. No contexto eclesiástico, traduz-se em estratégias que priorizam crescimento numérico, visibilidade nas redes sociais e/ou satisfação imediata do público. Muitas igrejas adotam práticas apenas porque funcionam ou porque “atraem multidões”, mesmo que não estejam alinhadas com os princípios bíblicos.

Um dos grandes problemas é que essa ênfase na eficiência pode levar a uma fé superficial baseada em experiências emocionais e em métodos

que agradam aos sentidos, mas não nutrem o espírito. Quando o foco está apenas no que dá certo, a igreja corre o risco de tornar-se uma empresa religiosa, oferecendo “produtos espirituais” de fácil consumo, sem compromisso com a transformação verdadeira pela Palavra. O resultado é um cristianismo moldado pelo sucesso humano, e não pela obediência a Deus. A Bíblia, porém, nunca condicionou a verdade da sua mensagem aos resultados imediatos. Pelo contrário, muitos homens de Deus, como Jeremias ou Paulo, foram considerados “fracassados” aos olhos do mundo, embora tenham sido fiéis ao Senhor.

Quando o pragmatismo torna-se norma, a mensagem do evangelho é frequentemente ajustada para tornar-se mais agradável ou aceitável ao público. Verdades difíceis, como pecado, arrependimento e santidade, são suavizadas ou ignoradas a fim de não “espantar” os ouvintes. Assim, o conteúdo é relativizado em nome da aceitação social e do sucesso aparente.

Líderes podem cair na tentação de medir a eficácia da pregação não pela fidelidade bíblica, mas pelo número de curtidas, seguidores e/ou visitantes. Isso esvazia o conteúdo do evangelho e transforma o púlpito num palco de entretenimento religioso. O perigo é que a mensagem central de Cristo crucificado torne-se irreconhecível no meio de discursos motivacionais e fórmulas de autoajuda.

A Palavra de Deus, no entanto, não é negociável. O apóstolo Paulo advertiu contra pregações que agradam aos ouvidos (2 Tm 4.3), enfatizando que a pregação autêntica pode ser rejeitada pelo mundo, mas é poderosa para salvar os que creem. A relativização do conteúdo, por mais eficaz que pareça, enfraquece o poder transformador do evangelho.

Em tempos atuais, o que alguns chamam de “metamodernidade” é, na prática, o pragmatismo, que incentiva uma adaptação constante às tendências culturais, tecnológicas e de mercado. Embora a Igreja deva comunicar-se com clareza ao seu tempo, há o risco de importar métodos seculares que reduzem o evangelho a um produto moldável conforme a demanda. A programação torna-se voltada para o gosto do consumidor, não para o discipulado bíblico.

Essa adaptabilidade excessiva pode produzir igrejas que se parecem mais com centros de entretenimento do que com comunidades de fé. Quando o culto é programado com base em pesquisas de satisfação, perde-se o senso de reverência, adoração e centralidade das Escrituras.

O foco muda da glória de Deus para o bem-estar do frequentador. A missão da Igreja não é agradar, mas proclamar a verdade com amor e fidelidade. Estratégias podem ser úteis, mas nunca devem substituir a direção do Espírito Santo nem comprometer a mensagem. Jesus não adaptou a sua mensagem ao gosto das multidões, e sim as chamou ao arrependimento e ao discipulado sacrificial.

## II — PERSPECTIVA BÍBLICA

A mensagem do evangelho não se baseia em resultados rápidos ou em eficiência segundo padrões humanos. Paulo declarou que a pregação da cruz é “loucura para os que perecem” (1 Co 1.18), mas é o poder de Deus para os salvos. O cristianismo começa com a morte de Cristo (algo que o mundo via como fracasso), mas que, na verdade, é o triunfo da redenção.

O evangelho verdadeiro confronta o pecado, exige arrependimento e oferece salvação pela graça. Ele não promete uma vida confortável ou isenta de dificuldades, mas garante a presença de Deus e a esperança eterna. A cruz é o símbolo da fé cristã, e não um trono de glória imediata, e isso nos ensina que o sucesso divino muitas vezes contrasta com o sucesso humano. Medir o valor da fé apenas pelo que é útil ou visivelmente bem-sucedido é esvaziar o seu conteúdo. A Igreja precisa redescobrir a centralidade da cruz como fonte de poder espiritual e lembrar que Deus escolheu as coisas fracas para confundir as fortes (1 Co 1.27).

Jesus não buscava agradar às multidões, mas fazer a vontade do Pai. Em João 6, após um discurso considerado duro sobre comer a sua carne e beber o seu sangue, muitos discípulos abandonaram-no. Ele não recuou nem tentou suavizar a sua fala, mas perguntou aos doze: “[...] Quereis vós também retirar-vos?” (Jo 6.67). A verdade não era negociada.

Os profetas do Antigo Testamento também são exemplos claros de fidelidade sem garantias de aprovação popular. Jeremias, por exemplo, foi perseguido, preso e rejeitado por pregar a verdade de Deus, e não por falta de amor ou sabedoria. A missão dele era ser fiel a Deus e à sua Palavra, e não ser alguém popular entre o povo. Esse padrão continua válido para nós hoje. A fidelidade à Palavra é mais importante do que a aceitação social. A Igreja deve lembrar-se de que ser

aprovada por Deus é melhor do que ser aplaudida pelos homens. O sucesso ministerial deve ser medido pela obediência a Deus, não pela resposta imediata das pessoas.

Os frutos do evangelho são, muitas vezes, colhidos com o tempo. O semeador lança a semente com fé mesmo sem ver de imediato os resultados (Lc 8.11-15). A transformação verdadeira de vidas, o crescimento no caráter de Cristo e a maturidade espiritual são frutos de perseverança na doutrina e na comunhão com Deus.

Muitos dos líderes maduros de hoje tiveram um início difícil, e a vida deles com Deus foi construída com base em processos profundos, e não em resultados rápidos. A Igreja não deve deixar-se pressionar por métricas externas, mas, sim, confiar que a Palavra de Deus não volta vazia (Is 55.11).

O “sucesso espiritual autêntico” (uso esse termo com todas as ressalvas possíveis!), é medido em termos eternos. Os resultados duradouros da pregação fiel, mesmo que discretos, glorificam a Deus e edificam o Corpo de Cristo. Assim, a Igreja deve permanecer fiel, mesmo que o “sucesso” demore a aparecer.

### **III — IMPLICAÇÕES PARA A IGREJA**

Uma igreja orientada pelo pragmatismo corre o risco de oferecer soluções rápidas, porém superficiais, para os problemas espirituais das pessoas. Ela pode promover campanhas de sucesso, prosperidade ou milagres, mas sem levar o crente ao arrependimento, à santificação e ao compromisso com Deus. Humanamente falando, essas soluções agradam porque prometem alívio imediato, porém não tratam as raízes do pecado ou as necessidades profundas da alma. O crente que vive de métodos e *slogans* pode continuar com uma vida desordenada, sem frutos verdadeiros, frustrando-se com promessas que não se cumprem.

A missão da Igreja é formar discípulos, e não consumidores espirituais. Isso exige ensino sólido, tempo, correção e encorajamento. A igreja deve ser um lugar de verdade e transformação, e não um centro de *performance* espiritual.

Ao adotar métodos baseados apenas em *marketing*, gestão empresarial e tendências sociológicas, a Igreja perde a sua identidade profética. A pregação pode tornar-se impessoal, dependente de recursos visuais,

*slogans* ou séries cuidadosamente produzidas, porém desconectada da realidade espiritual da congregação. É necessário discernimento espiritual para não confundirmos inovação com mundanismo. Estratégias são úteis, só que devem ser submetidas à direção do Espírito e à fidelidade à Escritura; caso contrário, a Igreja certamente se tornará uma organização eficaz, mas espiritualmente fraca.

Paulo escreveu que a fé não repousa sobre a sabedoria dos homens, mas sobre o poder de Deus (1 Co 2.5). A Igreja precisa buscar discernimento para manter a sua confiança na presença, na Palavra e na obra do Espírito Santo, e não em técnicas importadas.

O chamado bíblico é à perseverança na verdade, mesmo quando isso não parece gerar sucesso visível. A fidelidade a Deus é mais valiosa do que os aplausos humanos. Em Apocalipse 2.10, o Senhor diz: “[...] Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida”.

Muitas vezes, os frutos do ministério só serão plenamente conhecidos na eternidade. Pastores, líderes e crentes precisam manter os olhos na recompensa eterna, não em números ou resultados de curto prazo. O verdadeiro sucesso é permanecer fiel à Palavra, ao chamado e à missão que nos confiou o Senhor.

A Igreja deve resistir à tentação de medir a sua relevância por padrões de *marketing* e lembrar que o seu papel é ser sal e luz, mesmo quando isso significa nadar contra a corrente. A obediência perseverante é a marca dos verdadeiros servos de Cristo.

## CONCLUSÃO

O pragmatismo pode até parecer eficaz, mas é falacioso quando se torna o critério supremo da verdade. A fé cristã ensina que a verdade é eterna, revelada por Deus, e que o verdadeiro sucesso é ser fiel, não apenas eficaz. Devemos rejeitar soluções rápidas que sacrificam a integridade bíblica e a permanência firme na Palavra, confiando que os frutos da fidelidade glorificam a Deus e produzem transformação verdadeira.

A tentação de medir o valor das coisas apenas por resultados imediatos é muito forte, ainda mais numa cultura orientada por números, performances e sucesso visível. No entanto, como discípulos de Cristo, somos chamados a julgar todas as coisas pelo crivo da Escritura, não pelo que “funciona” aos olhos humanos. Muitas vezes, aquilo que é

fiel à Palavra pode parecer ineficiente no curto prazo, mas produz frutos duradouros no tempo de Deus (Gl 6.9).

Ao observarmos o ministério de Jesus, notamos que Ele não estava em busca de agradar as multidões, mas, sim, de revelar a vontade do Pai. O seu ensino, embora profundamente transformador, foi rejeitado por muitos justamente por não se encaixar nas expectativas utilitaristas do seu tempo. A cruz, que parecia fracasso para os homens, revelou-se como o poder e a sabedoria de Deus (1 Co 1.18-25). Claramente somos ensinados que a verdade nem sempre será popular, mas sempre será poderosa.

Além disso, o pragmatismo ameaça minar a missão da igreja quando a leva a adotar métodos e mensagens moldados pelo gosto do público em vez da fidelidade ao evangelho. Igrejas que baseiam o seu ministério apenas no que “atrai” ou “funciona” correm o risco de comprometer o conteúdo da fé, tornando-se cada vez mais parecidas com o mundo que deveriam transformar. O apóstolo Paulo advertiu sobre o tempo em que os homens não suportariam a sã doutrina, mas ficariam cercados de mestres segundo as suas próprias cobiças (2 Tm 4.3,4).

Precisamos de discernimento espiritual e coragem pastoral para resistir ao apelo do pragmatismo e abraçar a verdade revelada, mesmo que esta exija renúncia, paciência e perseverança. A Igreja deve ser um farol de fidelidade em meio à cultura da conveniência. Devemos confiar que a Palavra de Deus não volta vazia e que o Espírito Santo age mediante a verdade proclamada com amor e integridade (Is 55.11).

Assim, somos chamados não a “dar certo” segundo os critérios humanos, mas a glorificar a Deus com uma vida coerente com o evangelho (e essa, sim, é uma vida que dá certo!). Que nossas decisões, ministérios e mensagens não sejam pautados apenas por resultados visíveis, mas principalmente pela obediência à vontade de Deus. O verdadeiro impacto da Igreja não se mede exclusivamente por números, mas pela presença do Senhor entre nós e pela transformação silenciosa, porém poderosa, que só a verdade pode produzir nos corações.

## Capítulo 9

# A FALÁCIA DO ATEÍSMO

**Disseram os néscios no seu coração: Não há Deus. Têm-se corrompido, fazem-se abomináveis em suas obras, não há ninguém que faça o bem. Salmos 14.1**

### INTRODUÇÃO

O ateísmo é uma posição filosófica que nega a existência de Deus ou de qualquer divindade. Muitos adotam essa perspectiva no contexto contemporâneo não apenas como uma negação da fé, mas também como uma tentativa de interpretar a realidade com base exclusiva em categorias naturais, científicas e materialistas. Tal postura, embora revestida de um aparente racionalismo, representa uma rejeição voluntária da revelação divina e da dependência do Criador. Trata-se, portanto, de uma visão que tenta explicar o Universo sem Deus, a moral sem absolutos e a existência humana sem propósito transcendente.

Historicamente, o ateísmo não é um fenômeno recente. No Antigo Testamento, os salmos já registravam a tolice daquele que nega a existência de Deus no coração (Sl 14.1). O ateísmo, no entanto, ganhou força no mundo moderno a partir do Iluminismo e consolidou-se com o avanço do cientificismo, do materialismo e do secularismo. Filósofos como Nietzsche (1844–1900), Feuerbach (1804–1872) e Sartre (1905–1980) influenciaram uma geração a pensar que a ausência de Deus poderia ser libertadora, quando, na verdade, resultou em profunda crise de sentido, niilismo e desorientação moral.

A negação da existência de Deus, do ponto de vista cristão, não é apenas uma falha intelectual, mas, sobretudo, uma cegueira espiritual. O apóstolo Paulo afirma que os atributos invisíveis de Deus, o seu eterno poder e a sua divindade são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo os homens indesculpáveis por rejeitá-los (Rm 1.18-21). O

problema, portanto, não é falta de evidência da existência de Deus, mas a recusa deliberada de reconhecê-lo e de submeter-se à sua soberania.

O ateísmo contemporâneo assume diversas formas na prática: desde o ateísmo militante, agressivo e propagador, como o representado por figuras como Richard Dawkins, até o ateísmo prático, vivido por aqueles que dizem crer em Deus, mas vivem como se Ele não existisse. Essa última forma é particularmente perigosa, pois disfarça a incredulidade sob uma aparência de religiosidade, tornando a fé uma mera formalidade cultural, e não uma entrega viva e transformadora a Cristo.

A fé cristã parte do princípio de que Deus é a fonte de toda verdade e que tudo o que existe foi criado por Ele e para Ele (Cl 1.16). Negar a existência de Deus não anula a sua realidade objetiva, mas conduz o ser humano a um estado de alienação espiritual, obscurecendo o seu entendimento e lançando-o em caminhos de confusão, vazio e desespero. A ausência de Deus no centro da vida resulta na ausência de sentido, pois só o Criador pode dar propósito verdadeiro à criação.

Além disso, o ateísmo compromete os fundamentos da moral, da dignidade humana e da esperança. Tudo se torna relativo sem um referencial absoluto, e a vida é reduzida ao acaso sem um propósito eterno. Isso nos alerta para a importância de reafirmar em cada geração a respeito da fé no Deus que se revela nas Escrituras e na história e que convida todos os homens ao arrependimento e à reconciliação por meio de Jesus Cristo.

Neste capítulo, examinaremos as raízes do ateísmo, a sua incoerência interna e as suas implicações existenciais e espirituais. À luz da Palavra de Deus, analisaremos como o ateísmo afasta-se da verdade revelada e como a fé cristã oferece uma resposta robusta, lógica e cheia de esperança para os dilemas da alma humana. Buscaremos mostrar que crer em Deus não é irracional, mas profundamente coerente com a realidade da criação, com o clamor da consciência e com o anseio mais profundo do coração humano.

Por fim, refletiremos sobre a missão da Igreja em um mundo cada vez mais secularizado e hostil à fé. Nossa resposta ao ateísmo deve ser firme em convicção, mas também cheia de graça e compaixão. Somos chamados a testemunhar com ousadia e humildade, mostrando que o Deus que os homens tentam negar é justamente aquele de quem

eles mais precisam. Que o Senhor nos use para proclamar que só em Cristo há vida, verdade e salvação.

## I – MOTIVAÇÕES DO ATEÍSMO

O avanço do conhecimento científico nos últimos séculos tem levado muitos a imaginar que a ciência substituiu a necessidade de Deus. Essa visão, conhecida como cientificismo, sustenta que só é verdadeiro aquilo que pode ser comprovado cientificamente. Essa premissa, no entanto, é falaciosa, pois a ciência não tem ferramentas para negar nem afirmar a existência de Deus; ela apenas estuda o mundo natural, enquanto Deus é transcendente.

Pelo menos três formas de ateísmo são identificáveis. O ateísmo negativo, aquele que se ampara exclusivamente no ente presente tendo como referência exclusiva a ciência, sem necessidade de por-se a questão do transcendente; nesse caso, a pergunta por Deus é simplesmente cancelada. Já o ateísmo crítico não descarta a palavra Deus, porém alimenta a pretensão de colocá-la no rol normal dos objetos de saber, com possibilidade de objetivá-la, provocando a perda de seu caráter de mistério. Enfim, o ateísmo positivo, segundo o qual o ser humano deve assumir sua vontade de potência, categoria trazida à luz por Nietzsche, ao propor um mundo ideal, que pode ser conquistado pela força e inteligência do próprio ser humano. Talvez essa seja a raiz mais profunda de todo ateísmo, a exclusividade da crença na imanência como instância absoluta do destino humano.<sup>1</sup>

A fé cristã nunca esteve em conflito com a verdadeira ciência. Pelo contrário, muitos dos grandes cientistas da história (como Newton, Pascal e Kepler) eram homens profundamente crentes, que viam a ciência como uma forma de conhecer melhor a criação de Deus. A Bíblia afirma: “Os céus manifestam a glória de Deus” (Sl 19.1), e a ordem e complexidade do Universo apontam para um Criador inteligente.

O erro de muitos ateus modernos é confundir o funcionamento das coisas com a sua origem e propósito. Saber como algo funciona

<sup>1</sup> CARRARA, Paulo Sergio; FERREIRA, Vicente de Paula, *In: Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 47, n.131, Jan./Abr. 2015, p. 90.

não explica por que existe. O cristianismo claramente nos ensina que a criação revela o caráter e a sabedoria de Deus e que o verdadeiro conhecimento é completado quando reconhecemos o Criador por trás da criação.

Outra motivação comum para o ateísmo é a existência do sofrimento e do mal no mundo. Muitos perguntam: “Se Deus é bom e Todo-poderoso, por que permite o sofrimento?” Essa questão tem levado muitos a rejeitar a fé. A Bíblia, no entanto, oferece uma resposta honesta e profunda: o sofrimento entrou no mundo por causa do pecado, e Deus não é o autor do mal, mas, sim, aquele que providenciou redenção por meio de Cristo.

A cruz de Jesus Cristo é a maior resposta divina ao problema do sofrimento. Deus não se manteve distante da dor humana, mas encarnou-se e sofreu em nosso lugar para trazer salvação e esperança. O sofrimento não é sinal da ausência de Deus, mas oportunidade de experimentar a sua graça e consolo, como disse Paulo: “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (Rm 8.18).

Negar a existência de Deus por causa do sofrimento não resolve o problema — só elimina a esperança. O cristão sabe que Deus está presente mesmo em meio à dor e que haverá um dia em que “Deus limpará de seus olhos toda lágrima” (Ap 21.4). O ateísmo não tem resposta real para o sofrimento; o evangelho tem.

Além das questões intelectuais e emocionais, o ateísmo brota muitas vezes de um desejo profundo de independência. O ser humano, afetado pelo pecado, deseja ser o senhor de si mesmo, rejeitando qualquer autoridade que o confronte. Paulo declara que os homens, “dizendo-se sábios, tornaram-se loucos” (Rm 1.22), pois trocaram a glória de Deus pela glória de si mesmos.

Muitos, para justificar seu ateísmo, aludem a tais contradições do passado. Rejeitam discursos e funcionamentos da Igreja, que hoje soam escandalosos e tornam a fé cristã indesejável, como as argumentações em torno da sexualidade, dos valores, da família. Estes dizem que se distanciaram da fé e da prática cristã para ganhar em humanidade, para evitar um discurso considerado inconsistente e escapar de normas propostas por uma instituição que não faz viver.

Consideram insuportável e irracional a imagem de um Deus juiz, culpabilizante, que ameaça com penas do inferno. Não conseguem tolerar uma instituição que desconfia do prazer, aliena a razão sob a autoridade de uma pretensa revelação e propõe verdades dogmáticas inquestionáveis debaixo da tutela clerical. Assim, para setores inteiros dessa cultura sustentada pelas ideias de Marx, Freud ou Nietzsche, o cristianismo, sob muitos aspectos, assemelha-se a uma perversão, uma alienação, quase um crime contra a vida. Emancipar-se da tutela cristã apresenta-se como única saída para uma vida mais autêntica e feliz. Este ressentimento profundo, instalado em vastos setores da sociedade, atravessou gerações e está na origem de ateísmos contemporâneos.<sup>2</sup>

Esse orgulho espiritual leva o indivíduo a tornar-se o centro da sua própria moral, verdade e propósito. Ao rejeitar a existência de Deus, ele vê-se livre de prestação de contas e busca viver segundo os seus próprios desejos. Essa autonomia, contudo, é ilusória, pois o homem foi criado para depender de Deus e encontrar nEle o seu verdadeiro sentido.

No discurso neoteísta, a religião e todo teísmo oferecem um grande perigo; por isso, devem ser necessariamente eliminados do contexto social, cultural e educacional. A ciência, por sua vez, estaria equipada para ocupar o lugar da religião. Veja o que disse Richard Dawkins, fazendo menção a John Lennon (Beatles), descrevendo a sua própria noção de como o mundo seria melhor sem a presença da religião:

Imagine, junto com John Lennon, um mundo sem religião. Imagine o mundo sem ataques suicidas, sem o 11/9, sem o 7/7 londrino, sem as Cruzadas, sem caça às bruxas, sem a Conspiração da Pólvora, sem a partição dos territórios indígenas, sem as guerras entre israelenses e palestinos, sem os massacres de sérvios/croatas/muçulmanos, sem a perseguição de judeus vistos como “assassinos de Cristo”, sem “os problemas” da Irlanda do Norte, sem “assassinatos em nome da honra”, sem evangélicos televisivos de terno brilhante e cabelo bufante tirando dinheiro dos ingênuos (“Deus quer que você doe até doer”).<sup>3</sup>

<sup>2</sup> CARRARA; FERREIRA, 2015, p. 93.

<sup>3</sup> DAWKINS, Richard. **Deus, um Delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 43.

Por meio desses e de outros criticismos os atores neo-atéistas procuram deslegitimar a presença das religiões ou das crenças religiosas no espaço público e privado. A autonomia sem Deus leva à ruína moral e espiritual. Quando o homem tenta viver como se Deus não existisse, ele não se eleva, ele se perde. A verdadeira liberdade está em conhecer a verdade, e Jesus afirmou: “Se vós permaneceres na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.31,32).

## **II – RESPOSTA BÍBLICA AO ATÉISMO**

A Bíblia ensina que todos os seres humanos têm uma consciência natural da existência de Deus. Paulo escreveu que “o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lho manifestou” (Rm 1.19). Isso significa que a criação testemunha continuamente sobre o Criador, e essa revelação é percebida mesmo por aqueles que não conhecem as Escrituras.

A natureza, com a sua beleza, ordem e complexidade, aponta para um Deus sábio e poderoso. Esse testemunho é tão claro que o apóstolo afirma: “[...] de modo que são inescusáveis” (Rm 1.20). A incredulidade, portanto, não é apenas ignorância, mas também uma rejeição voluntária da verdade revelada na criação.

Mesmo que o homem tente negar essa revelação, ela continua diante dos seus olhos. A existência de leis naturais, da consciência moral e do anseio por eternidade revelam que o homem foi criado para algo além de si mesmo. O ateísmo é um esforço de sufocar essa verdade, mas a criação continua a falar do Criador.

A Bíblia mostra que a incredulidade é consequência da Queda. O pecado não apenas separou o homem de Deus, como também corrompeu a sua mente e coração. Paulo afirma: “A carne cobiça contra o Espírito” (Gl 5.17), e essa inclinação natural da humanidade é de resistir à verdade divina.

O ateísmo, portanto, não é apenas uma postura racional, mas também uma expressão da rebelião do coração humano. Em vez de adorar o Criador, o homem caído prefere adorar a criação, as suas ideias, intelecto ou prazeres. Essa idolatria moderna pode tomar a forma do ateísmo, que busca remover Deus do centro da existência.

O apologeta cristão, acadêmico de matemática e professor da Universidade de Oxford, John Lennox, desafiou as opiniões do biólogo evolucionista Richard Dawkins sobre a questão da justiça final. “O ateísmo pode parecer oferecer uma solução removendo Deus da equação, mas, ao fazê-lo, elimina toda a esperança. Sem Deus, não há justiça suprema, nem vida após a morte. O ateísmo é uma fé sem esperança”. Lennox disse ter visitado o campo de concentração nazista de Auschwitz muitas vezes, “e em todas as vezes chorei”. Ele entendia por que as pessoas tornam-se ateias diante de tanto sofrimento. Ele também concordou que a questão do sofrimento em si é complexa. O apologista de Oxford disse ainda que “uma cruz estava no coração do cristianismo e com ela vinha sofrimento e dor extrema. Pode ser difícil de aceitar, mas a afirmação cristã é que a pessoa na cruz era Deus encarnado”. Lennox questionou o que Deus estava fazendo na cruz e opinou que “isso mostrava que o Senhor não estava distante do nosso sofrimento”.<sup>4</sup>

É preciso reconhecer que a cegueira espiritual só é vencida pela ação regeneradora do Espírito Santo. A apologética e o testemunho são importantes, mas apenas o novo nascimento pode remover o véu da incredulidade. Por isso, devemos orar e pregar com ousadia, crendo que o evangelho é o poder de Deus para salvação (Rm 1.16).

Jesus é a revelação final e perfeita de Deus à humanidade. Ele disse: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Por meio de Cristo, Deus tornou-se visível e acessível. Negar a existência de Deus é, portanto, rejeitar a revelação que Ele deu de si mesmo.

Cristo não apenas ensinou sobre Deus; Ele era Deus encarnado. As suas palavras, milagres, morte e ressurreição confirmam a veracidade da sua missão. Aqueles que o rejeitam também rejeitam a luz da verdade que veio ao mundo. O coração humano permanece em trevas sem essa luz.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.christiandaily.com/news/john-lennox-confronts-richard-dawkins-on-ultimate-justice#:~:text=Always%20get%20the%20latest%20news,Was%20this%20article%20helpful?&text=Help%20keep%20The%20Christian%20Daily,free%20and%20accessible%20for%20everyone.&text=We're%20sorry%20to%20hear,Return%20to%20homepage.>> Acesso em 25 de Julho de 2025.

Por isso, a fê vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus (Rm 10.14-17). A proclamação do evangelho é o meio pelo qual o Espírito convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. A resposta ao ateísmo não é apenas argumentação lógica, mas o testemunho vivo de Cristo, apresentado com amor e poder.

### **III – CONSEQUÊNCIAS ESPIRITUAIS E MORAIS DO ATEÍSMO**

O ser humano sem Deus perde a referência última para a sua existência. Tudo se torna efêmero, passageiro e sem significado eterno. Quando a vida é reduzida apenas ao que se vê ou que se consome, surge o vazio interior, um sentimento de que algo essencial está faltando.

Esse vazio é perceptível nas crises emocionais, na busca desenfreada por prazer e na falta de propósito duradouro. O salmista declara: “Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus” (Sl 42.1). O coração humano clama por um sentido que só Deus pode preencher.

O evangelho responde a esse anseio profundo com a promessa de vida eterna e comunhão com Deus. O homem encontra propósito, identidade e esperança ao crer em Cristo. A verdadeira plenitude da vida está em conhecer a Deus e ser conhecido por Ele.

A moral torna-se relativa sem uma autoridade suprema. O bem e o mal deixam de ser absolutos e passam a depender da conveniência individual ou cultural. Paulo descreve esse tempo dizendo: “[...] nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos [...], tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela” (2 Tm 3.1,5).

A sociedade sem Deus tenta criar as suas próprias éticas, muitas vezes baseadas em sentimentalismo, pragmatismo ou autoajuda. Tais padrões, no entanto, são instáveis e insuficientes para lidar com o pecado humano. Sem um padrão divino, o certo e o errado tornam-se confusos e manipuláveis.

Só em Deus temos um fundamento sólido para a moralidade. Os seus mandamentos são expressão da sua santidade e cuidado que nos guiam à vida plena. A rejeição de Deus leva ao caos moral; a submissão a Cristo leva à vida justa e piedosa.

A Igreja é chamada a ser luz em meio às trevas, anunciando que Deus existe e que Ele revelou-se em Cristo. Diante do crescimento

do ateísmo e da secularização, a missão da Igreja torna-se ainda mais urgente. Devemos proclamar a verdade com amor, compaixão e ousadia. A oração pelos que não creem é essencial. Só o Espírito Santo pode convencer o coração endurecido. Como Paulo ensinou, “o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos” (2 Co 4.4); por isso, devemos clamar por uma ação sobrenatural de Deus.

É por meio da pregação, do testemunho de vida e do serviço ao próximo, que a Igreja comunica a presença real de Deus. Nossa missão, portanto, é apontar para Cristo, a única esperança verdadeira. O ateísmo nega, mas a Igreja deve afirmar que Deus existe, que nos ama e que se revelou em Jesus.

## CONCLUSÃO

Neste capítulo, vimos que o ateísmo, embora apresentado como uma visão racional e moderna, é, na verdade, uma tentativa falaciosa de explicar a realidade apartada do seu Criador. Ao remover Deus da equação da existência, o ateísmo compromete os alicerces do sentido, da moral e da esperança. A negação de Deus não elimina a sua realidade, apenas revela a rebeldia do coração humano, que, à semelhança do homem natural descrito nas Escrituras, suprime a verdade em injustiça (Rm 1.18).

A Bíblia é clara ao afirmar que os céus proclamam a glória de Deus e que o firmamento anuncia a obra das suas mãos (Sl 19.1). Ou seja, há uma revelação natural de Deus que torna todo ser humano indesculpável. Além disso, a própria consciência humana, com o seu senso inato de certo e errado, aponta para um Criador moral. E, acima de tudo, Deus revelou-se de maneira suprema na pessoa de Jesus Cristo, que é a imagem do Deus invisível, a exata expressão do seu ser (Cl 1.15; Hb 1.3). Rejeitar essa verdade leva inevitavelmente ao vazio existencial, à confusão ética e à morte espiritual. O homem sem Deus pode buscar sentido em diversas ideologias, conquistas ou prazeres, mas nenhum deles satisfaz o anseio profundo do coração humano. Como disse Agostinho: “Fizeste-nos para Ti, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em Ti”. O ateísmo, ao negar Deus, também nega o descanso verdadeiro para a alma.

A fé cristã não é uma crença cega, mas uma resposta racional e espiritual à revelação de Deus. É a rendição humilde à verdade que

nos busca. Essa fé não nasce da especulação, mas da iluminação do Espírito, que convence do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8). Crer em Deus, portanto, é abrir os olhos para o que já está evidente e submeter-se à verdade revelada com temor e fé.

Diante disso, a Igreja tem uma missão clara e urgente: proclamar com ousadia que Deus existe, que nos criou com propósito e que deseja reconciliar o mundo consigo por meio de Cristo. Em um tempo marcado pela descrença e pelo ceticismo, somos chamados a ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16), testemunhando com integridade e compaixão a realidade do Deus vivo.

Nosso testemunho deve ser tanto verbal quanto existencial. As pessoas precisam ouvir o evangelho, mas também ver o poder transformador da fé cristã em nossas vidas. Devemos demonstrar que crer em Deus não nos aliena da realidade, mas reconcilia-nos com ela. Que nossa esperança, paz e amor sejam evidências visíveis de que há um Deus que vive e reina.

É essencial lembrar que a salvação não é resultado de debates filosóficos, mas da ação do Espírito Santo que regenera o coração. Por isso, nossa apologética deve estar embebida de oração, humildade e dependência de Deus. Que o Senhor nos dê sabedoria para responder com mansidão e temor a todo aquele que nos pedir a razão da esperança que há em nós (1 Pe 3.15) e que Ele nos use para conduzir muitos que hoje negam a fé à maravilhosa luz do evangelho.

Assim, seguimos firmes em nossa vocação: proclamar a verdade, amar os perdidos e glorificar o nome de Deus em meio a um mundo que, mesmo tentando negá-lo, não pode escapar da sua presença. Cristo é a luz da vida, e, em meio às trevas do ateísmo, seguimos iluminando com a luz que não pode ser apagada.

## Capítulo 10

# A FALÁCIA DA TEORIA DO DEÍSMO

**Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. Colossenses 1.16,17**

### INTRODUÇÃO

**O** deísmo é uma visão filosófica que afirma a existência de Deus, mas nega a sua atuação contínua no mundo. Para os deístas, Deus é como um grande relojoeiro que criou o Universo, deu corda na criação e, desde então, permanece à parte, sem interferir nos seus eventos naturais e humanos. Essa ideia difundiu-se especialmente no contexto do Iluminismo, quando pensadores buscavam afastar a fé das Escrituras e substituí-la por uma religião racional e distante da revelação sobrenatural. Para muitos, era uma forma de manter uma noção de Deus sem a “inconveniência” de milagres, juízos e exigências morais.

Diferentemente do ateísmo, o deísmo não nega a existência de um Criador, porém reduz a sua ação à origem do cosmos. Depois de criar tudo, Deus, segundo os deístas, afastou-se completamente, entregando o Universo ao funcionamento autônomo das leis naturais. Isso significa que, para eles, orações não são ouvidas, milagres não ocorrem, e a providência divina é um conceito supersticioso. Essa crença, portanto, nega o Deus pessoal e presente que se revela nas Escrituras e que se relaciona com a sua criação.

O deísmo representou uma tentativa de conciliar a religião com a razão moderna, afastando-se da fé bíblica revelada e sobrenatural. Em muitos aspectos, ele é uma distorção da doutrina cristã da criação e da providência, transformando o Deus vivo das Escrituras numa figura distante e impassível. Assim, ao invés de uma fé vibrante que confia em um Deus que fala, ouve, intervém e ama, o deísmo propõe uma fé fria, racionalista e sem esperança concreta.

A Bíblia, entretanto, apresenta um retrato totalmente oposto. O Deus revelado nas Escrituras é pessoal, ativo, justo, compassivo e soberano. Ele sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder (Hb 1.3), vela sobre o seu povo, responde orações, realiza milagres e dirige a história segundo os seus propósitos eternos. Negar essa atuação contínua é negar o testemunho das Escrituras e apagar da fé cristã a dimensão essencial da comunhão com o Deus vivo.

Além disso, o deísmo é falacioso ao propor que um Deus sábio e poderoso criaria o Universo, mas não se importaria com ele. Tal ideia é incoerente tanto do ponto de vista filosófico quanto teológico. Como um Criador de amor e justiça poderia manter-se indiferente à dor, à injustiça e ao sofrimento da criação? Como poderia um Deus santo abandonar os seres humanos à própria sorte sem oferecer-lhes direção, consolo ou redenção? Essas são questões que o deísmo não consegue responder satisfatoriamente.

Historicamente, o deísmo influenciou profundamente o pensamento de muitos intelectuais ocidentais, inclusive alguns fundadores de nações modernas, como os Estados Unidos. Contudo, mesmo que tenha surgido como um esforço para racionalizar a fé, ele acabou gerando um esvaziamento espiritual e uma religião sem vida. Em nome da razão, o deísmo cortou as raízes da esperança cristã e enfraqueceu a autoridade da revelação divina. Ele ainda influencia muitos hoje que dizem crer em Deus, mas que vivem como se Ele estivesse ausente.

A mentalidade deísta manifesta-se de forma prática em muitas vidas no contexto atual. Há pessoas que afirmam acreditar em Deus, mas não buscam comunhão com Ele, não confiam na oração, não esperam intervenção divina nas suas vidas e tratam a fé como uma filosofia moral. Esse tipo de espiritualidade funcionalmente deísta está presente, inclusive, dentro de igrejas, onde muitos confessam a fé cristã com os lábios, mas vivem como se Deus não estivesse presente e ativo.

Neste capítulo, propomo-nos a examinar a falácia do deísmo à luz das Escrituras, demonstrando como a sua visão é incompatível com o testemunho bíblico. Estudaremos as origens históricas e filosóficas do pensamento deísta, as suas implicações práticas e os perigos que ele representa para a fé cristã. Também refletiremos sobre como a Igreja pode responder a essa visão, proclamando com ousadia que Deus não apenas criou o mundo, mas também está vivo, ativo e presente em cada detalhe de nossa existência.

Reafirmaremos, por fim, a doutrina bíblica da providência divina, que nos assegura que o mesmo Deus que criou os céus e a terra também é o Deus que caminha conosco, sustenta-nos nas tribulações, intervém em nossa história e também nos guia em amor. O cristão não crê em um Deus ausente, mas em um Pai presente, que se revelou plenamente em Cristo, habitou entre nós, morreu por nós e continua atuando em nossas vidas pelo Espírito Santo. Essa é a verdade que nos consola e sustenta.

## I — ORIGENS DO DEÍSMO

O conceito do “Deus relojoeiro” nasceu no contexto do Iluminismo, quando os pensadores passaram a privilegiar a razão acima da revelação. Para muitos desses filósofos, Deus foi necessário como explicação para a origem do Universo, mas Ele não mais interveio depois da criação. Essa visão, embora admita a existência de Deus, simplesmente o reduz a uma figura impessoal, que apenas deu início à máquina cósmica, mas que depois se afastou.

A metáfora do relojoeiro sugere um Universo autossuficiente, regido por leis naturais fixas e imutáveis que dispensariam qualquer interferência do Criador. Assim, Deus seria como um artesão que constrói um relógio, dá corda nele e simplesmente observa o funcionamento à distância. Isso torna a relação entre o Criador e a criação fria e mecânica.

Essa ideia enfraquece o papel relacional e paternal de Deus, apresentado nas Escrituras. A Bíblia revela um Deus que anda com o ser humano, que se compadece, intervém e redime. Ao contrário do deísmo, a fé cristã ensina que Deus está presente, cuida, disciplina e orienta pessoalmente cada filho seu.

O “Deus relojoeiro”, portanto, não é o Deus da Bíblia. A metáfora simplifica a divindade e contradiz a revelação bíblica que mostra um

Deus que se envolve na história humana, que se comunica e age em favor do seu povo. A fé cristã rejeita qualquer tentativa de transformar o Deus vivo numa força distante e indiferente.

Herbert de Cherbury (conhecido também como Edward Herbert, Lord de Cherbury) (1583–1648), a figura precursora do deísmo, conhecido como “pai do deísmo inglês”. Na sua linha de pensamento, propôs cinco “noções comuns da religião”. Alderi Souza Matos diz que:

Cherbury propôs cinco ‘noções comuns da religião’ que são universais, racionais e naturais:

1. Há um Deus supremo;
2. Esse Deus deve ser adorado;
3. A essência da prática religiosa é a conexão entre virtude e piedade;
4. Os vícios e crimes humanos são óbvios e devem ser expiados pelo arrependimento;
5. Após esta vida haverá recompensas e castigos.

Segundo Lorde Herbert, essas noções abrangiam todos os lugares e todas as pessoas. Ele considerava-se cristão, embora fosse cético quanto a certas doutrinas, como a da Trindade. Seu livro foi amplamente lido no século XVII e lançou as bases do Deísmo.<sup>1</sup>

Para os deístas, milagres são incompatíveis com a razão e com as leis naturais. Segundo essa visão, Deus criou um mundo perfeitamente ordenado, e qualquer intervenção sobrenatural violaria essa ordem. Assim sendo, milagres, profecias e até mesmo a encarnação de Cristo são rejeitados e considerados irracionais ou mitológicos.

Esse ceticismo impede o reconhecimento da ação de Deus na história. Sem milagres, a fé perde o seu conteúdo sobrenatural, e os eventos bíblicos são reduzidos a meras metáforas morais. Isso esvazia o poder do evangelho e torna a experiência cristã uma prática de bons costumes, porém sem a dimensão espiritual vivificante.

Na Escritura, entretanto, os milagres não são exceções arbitrárias, e sim expressões do cuidado e do propósito de Deus. Jesus curou enfermos, acalmou tempestades e ressuscitou mortos, demonstrando que o Reino

<sup>1</sup> MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da Teologia Histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008, p. 211.

de Deus invade a ordem natural para restaurar o que foi corrompido pelo pecado. Deus, portanto, intervém por amor, não por capricho.

A negação dos milagres é, em última análise, a negação da fé bíblica. Ao remover os atos sobrenaturais de Deus, o deísmo transforma o cristianismo num sistema ético vazio, sem esperança de redenção real. A fé verdadeira reconhece que o Deus que criou o mundo continua operando maravilhas.

Os deístas argumentavam que, uma vez que Deus criou a razão humana, esta seria suficiente para que o homem conhecesse o bem e o mal. Dessa forma, rejeitavam a necessidade de uma revelação específica ou da direção contínua de Deus. A moral seria, portanto, universal, natural e acessível a todos sem a Bíblia.

Essa perspectiva minimiza a gravidade do pecado e a insuficiência da razão humana após a Queda. A Escritura ensina que, embora o ser humano tenha consciência moral, ele está corrompido pelo pecado e, por si só, não busca a Deus (Rm 3.10-12). A razão, sem a luz da revelação divina, é falha e tendenciosa.

Além disso, a moral revelada por Deus nas Escrituras não é apenas um código de conduta, mas também a expressão da sua santidade e amor. Os mandamentos, as promessas e os juízos revelam não só o que Deus quer, mas também quem Ele é. Por isso, sem a Palavra e o Espírito, o homem não pode viver de uma forma que agrade a Deus.

Ao colocar a razão acima da revelação, o deísmo promove uma espiritualidade autônoma e distante do Deus da Bíblia. O cristianismo, por outro lado, reconhece que a verdadeira moralidade flui do relacionamento com Deus e da obediência à sua Palavra, e não apenas de uma consciência racional.

## II – VISÃO BÍBLICA DE DEUS

A Bíblia ensina que Deus não apenas criou o mundo, mas também o sustenta em cada detalhe. Colossenses 1.16,17 afirma que todas as coisas subsistem por meio de Cristo. Essa doutrina é chamada de providência: o governo contínuo de Deus sobre toda a criação, dirigindo-a para o cumprimento dos seus propósitos.

De acordo com a visão deísta, como Deus agiria no mundo? A resposta para essa pergunta é bastante simples: Deus não age no

mundo. [...] Não é necessária nenhuma ação da parte de Deus. [...] Inevitavelmente, isso levava à questão sobre a possibilidade de que Deus fosse totalmente eliminado da cosmovisão newtoniana acerca do mundo. Se nada restou para que Deus fizesse, que necessidade poderia haver de qualquer espécie de ser divino? Se fosse possível demonstrar a existência de princípios auto-sustentáveis que regeriam o mundo, não haveria a menor necessidade de recorrer-se à ideia tradicional de “providencia” — isto é, a ideia que a mão de Deus estivesse presente e ativa, sustentando e regulando o universo em toda a sua existência. Portanto, a perspectiva newtoniana encorajava a visão de que, embora Deus pudesse ter criado o mundo, não havia mais a menor necessidade de seu envolvimento com ele depois da criação. As descobertas das leis de conservação (por exemplo, as leis da conservação do momentum) pareciam implicar que Deus havia dotado sua criação de todos os mecanismos necessários a sua contínua existência. Esse é ponto que foi sintetizado na famosa frase de Laplace, com respeito a ideia de Deus como aquele que sustenta o movimento dos planetas: “Eu não preciso dessa hipótese”.<sup>2</sup>

Diferentemente do deísmo, que vê Deus como alguém ausente, a providência bíblica mostra um Deus presente, que guia os eventos da história, cuida das necessidades do ser humano e age até mesmo nas situações mais comuns. Ele é quem dá o fôlego de vida, quem alimenta os pássaros e veste os lírios do campo (Mt 6.26-30).

Essa visão fortalece a confiança do crente. Saber que Deus está no controle e acompanha cada detalhe da existência humana traz paz em meio às adversidades. Nada acontece por acaso, pois tudo está debaixo da soberania de um Deus sábio, justo e amoroso.

Negar a providência é, portanto, negar um dos maiores consolos da fé cristã. Deus não está longe; Ele está conosco. E mais do que isso: Ele sustenta o Universo com o poder da sua palavra e cuida pessoalmente de cada um dos seus filhos.

A história bíblica é marcada pela ação direta de Deus no mundo. No Antigo Testamento, Ele chamou Abraão, libertou Israel do Egito, falou com os profetas e agiu poderosamente em favor do seu povo.

<sup>2</sup> MCGRATH. Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 337, 338.

No Novo Testamento, Deus fez-se carne em Jesus Cristo e realizou milagres que testificam do seu amor e autoridade.

Jesus não apenas ensinou, como também curou, libertou e ressuscitou mortos. Ele ouviu orações e respondeu com poder. A passagem em João 14.13,14 confirma que Jesus continua respondendo orações, mostrando que a intervenção divina não cessou com os tempos bíblicos. Deus ainda age na história, porque é vivo e presente.

Além dos milagres, Deus também age nos corações. Ele transforma vidas, guia decisões, concede sabedoria e consola os aflitos. A oração não é apenas um ritual, mas também um canal de comunhão com o Deus que fala e responde. Isso mostra que o relacionamento com Deus é real, dinâmico e transformador. O deísmo, ao negar essa ação contínua, tenta esvaziar o cristianismo da sua força vital. Já a fé cristã proclama que o mesmo Deus que abriu o mar ainda abre caminhos. O Deus que agiu ontem também age hoje e agirá para sempre.

A revelação de Deus não se limita à criação (revelação geral), mas manifesta-se de maneira pessoal e específica por meio das Escrituras e, principalmente, em Jesus Cristo. Hebreus 1.1,2 declara que Deus falou de muitas formas, mas, nos últimos dias, falou-nos pelo Filho. Essa revelação não é apenas informativa, mas também salvífica. Em Cristo, Deus faz com que o conheçamos plenamente como Pai, Salvador e Senhor. O deísmo rejeita essa revelação especial, mas o cristianismo considera-a essencial para a fé e a vida. É por meio dela que conhecemos o caminho da salvação, a vontade de Deus e a esperança eterna.

Negar a revelação especial é negar o próprio evangelho. Um Deus que não fala, que não se mostra e que não se relaciona não pode ser conhecido nem amado. A fé cristã é resposta à Palavra viva de Deus, que se comunica conosco de forma pessoal e transformadora.

O Deus da Bíblia, portanto, não é mudo nem distante. Ele fala, Ele aproxima-se, Ele convida. A revelação de Deus em Cristo é a maior prova de que Ele quer ser conhecido, amado e seguido.

### III – IMPLICAÇÕES PARA A FÉ

Se Deus não intervém, orar perde o sentido. Não há consolo verdadeiro nas adversidades, porque não se pode esperar ajuda sobrenatural. O ser humano torna-se prisioneiro do acaso ou das suas próprias forças,

e a vida torna-se fria, mecânica e solitária. A ausência de um Deus atuante gera ansiedade, pois a alma humana anseia por cuidado e direção. Sem um Deus pessoal, a dor não tem propósito, os problemas não têm solução eterna, e a morte é um fim sem esperança. O vazio da fé deísta revela-se na prática.

Ao contrário disso, a fé bíblica oferece esperança firme. Sabemos que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28). Sabemos que podemos clamar, chorar, suplicar e esperar no Deus que ouve e age. A fé cristã é um abrigo no tempo da tempestade, porque crê em um Deus presente, que vê, que ouve, que responde e que consola. O deísmo tira essa esperança. O evangelho, porém, reafirma-a com poder.

Sem um Deus ativo, o ser humano recorre a si mesmo, e a fé dá lugar a filosofias de autoajuda, à busca por autossuficiência e à valorização exagerada da capacidade humana. Isso pode parecer libertador à primeira vista, porém resulta em esgotamento, frustração e confusão.

A Bíblia não ensina que o homem deve ser a sua própria esperança; pelo contrário, diz que “maldito o homem que confia no homem” (Jr 17.5). O ser humano é limitado, falho e pecador. Precisamos de um Salvador, de um guia, de um Deus que nos sustente. A substituição de Deus por técnicas humanas torna a fé uma questão de desempenho, não de graça. Isso contradiz o evangelho, que nos chama a descansar na obra de Cristo e a viver pela fé, não pelas obras.

A Igreja deve combater essa tendência, reafirmando que a verdadeira transformação e segurança vêm de um Deus pessoal e presente, não de manuais de autoajuda ou ideologias humanas.

A boa notícia do evangelho é que Deus está próximo e quer ter um relacionamento conosco. Somos convidados por Ele a crer, a orar, a entregar nossa vida e a caminhar com Ele todos os dias. A fé cristã é uma resposta viva a esse chamado amoroso. Deus é confiável. Ele não apenas criou o mundo, como também caminha com os seus filhos, concede paz, sabedoria, força e direção. Quem crê experimenta. Quem se entrega conhece. Quem se aproxima é acolhido. Essa é a promessa viva da Palavra.

A Igreja deve proclamar esse convite com ousadia. Deus não é uma ideia; Ele é uma Pessoa. Ele age, salva, transforma; é o mesmo ontem, hoje e eternamente. Essa confiança é o alicerce da vida cristã.

Devemos, por isso, rejeitar qualquer visão que retrate Deus como ausente. Nossa fé está firmada no Deus que está conosco, que habita em nós e que age em nosso favor em todas as coisas.

## CONCLUSÃO

A teoria do deísmo, ao propor um Deus que cria, mas não governa, nem interfere ou muito menos se relaciona com a criação, esvazia o coração da fé cristã. Essa perspectiva tenta reduzir o Criador a uma espécie de força inicial, que apenas dá início ao Universo e retira-se, deixando o mundo entregue a si mesmo. Tal visão contradiz diretamente a revelação bíblica e conduz o ser humano à solidão espiritual e à negação da esperança. O Deus da Bíblia não é um espectador distante, mas, sim, o Senhor soberano, compassivo e presente.

A fé cristã está fundamentada na convicção de que Deus não apenas criou todas as coisas, como também as sustenta e dirige com sabedoria e amor. Ele não está alheio à história, mas é o autor e Senhor dela. As Escrituras estão repletas de relatos em que Deus intervém em favor do seu povo: Ele responde orações (1 Rs 18.36-38), realiza milagres (Jo 2.1-11), envia profetas, chama pessoas para si e, na plenitude dos tempos, encarna em Cristo para que possamos ser redimidos (Gl 4.4,5).

O deísmo ignora os atos de Deus na história, rejeitando tanto os milagres quanto a providência. Mas como negar, por exemplo, a presença poderosa de Deus ao libertar Israel do Egito? Ou a ressurreição de Jesus, o maior sinal da intervenção divina no mundo? O cristianismo é, por essência, uma fé histórica, encarnada, fundamentada na ação real de Deus no tempo e no espaço. Separar Deus do mundo é negar o cerne do evangelho.

Além disso, o deísmo esvazia a vida de oração, pois não faz sentido orar a um Deus que não escuta ou não age. O cristão, porém, ora porque sabe que tem um Pai celestial que conhece nossas necessidades (Mt 6.8), que se compadece de nossas dores (Sl 34.18) e que responde com amor soberano e sabedoria perfeita (1 Jo 5.14,15). O cristão vive na expectativa da ação de Deus, mesmo quando não a vê imediatamente, pois crê na sua fidelidade e bondade.

A cosmovisão deísta também afeta nossa esperança. Se Deus está ausente, então não há redenção, consolo ou propósito maior. Em

tempos de crise e sofrimento, essa visão não oferece alívio, pois transfere toda a responsabilidade à humanidade e ao acaso. A fé bíblica, ao contrário, oferece consolo porque revela um Deus que caminha conosco, que enxuga nossas lágrimas, que promete restaurar todas as coisas e que age poderosamente em nossa vida.

Portanto, como Igreja de Cristo, precisamos permanecer atentos às filosofias que, mesmo reconhecendo a existência de Deus, negam a sua presença real. Devemos ensinar com clareza a doutrina da providência divina e conduzir o povo de Deus a uma fé viva, que confia na ação diária do Senhor. A fé cristã é relacional: é comunhão com o Deus vivo, e não apenas aceitação de um conceito abstrato de divindade.

Em um mundo marcado por distanciamento, ceticismo e relativismo, o testemunho cristão deve afirmar com ousadia que Deus está presente, que Ele se importa, se move e salva! A verdade revelada nas Escrituras não é apenas informação sobre Deus; é também um convite à experiência com o Deus que intervém. E é nesse relacionamento que encontramos segurança, direção, propósito e salvação.

Assim, rejeitamos o deísmo como uma filosofia fria, vazia e incompatível com a fé cristã e afirmamos com fé e convicção: nosso Deus está conosco. Ele é Emanuel — Deus conosco (Mt 1.23). Que nossa vida, família e igreja reflitam essa confiança, vivendo em oração constante, obediência amorosa e esperança firme, porque sabemos que “fiel é o que prometeu” (Hb 10.23).

## Capítulo II

# A FALÁCIA DA TEOLOGIA DA PROSPERIDADE

Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu. Apocalipse 3.17

### INTRODUÇÃO

**A** chamada Teologia da Prosperidade ganhou força especialmente nas últimas décadas, influenciando igrejas em todo o mundo e tornando-se popular por meio de programas televisivos, conferências, músicas e campanhas com forte apelo emocional e financeiro. Essa linha teológica apresenta uma mensagem sedutora: “Deus deseja que todos os seus filhos sejam ricos, saudáveis e bem-sucedidos”. A proposta parece promissora: bastaria exercer a fé, fazer votos e semear ofertas para colher bênçãos materiais garantidas. Por trás dessa linguagem otimista, no entanto, esconde-se uma visão distorcida da fé, do evangelho e do próprio caráter de Deus.

Essa teologia é construída sobre uma interpretação seletiva e, muitas vezes, fora de contexto das Escrituras. Textos como Malaquias 3.10, João 10.10 e 3 João 2 são usados como fundamentos para prometer prosperidade ilimitada sem considerar o panorama bíblico mais amplo, que inclui sofrimento, renúncia e perseguição como realidades comuns à vida cristã. Ao enfatizar somente os textos que falam de bênçãos, a Teologia da Prosperidade ignora os muitos versículos que mostram o sofrimento dos justos, como o do apóstolo Paulo, que enfrentou prisões, naufrágios e privações — mesmo sendo um homem profundamente fiel (2 Co 11.23-28).

Além disso, essa teologia transforma a relação com Deus numa espécie de contrato comercial. O crente passa a ser incentivado a “dar

para receber”, a “plantar para colher”, colocando a sua esperança não na suficiência de Cristo, mas, sim, na recompensa imediata que espera receber. A fé, em vez de ser confiança incondicional no caráter de Deus, torna-se um instrumento para barganha espiritual. Nesse contexto, a cruz, que é o símbolo da entrega e do sofrimento redentor, é substituída pelo trono do sucesso material.

Outro problema grave dessa abordagem é a culpabilização do crente. Quando a prosperidade prometida não se concretiza, frequentemente se atribui à “falta de fé”, ao “pecado oculto” ou à “desobediência” do fiel. Isso gera culpa, angústia e confusão espiritual. Muitos acabam abandonando a fé, sentindo-se enganados ou rejeitados por Deus. A Teologia da Prosperidade, nesse sentido, não oferece consolo verdadeiro, pois está fundamentada em um Deus que só recompensa os que acertam — e não no Deus da graça, que se manifesta até mesmo em meio à dor.

Não se pode negar que Deus abençoa os seus filhos e que a Bíblia ensina sobre provisão, trabalho diligente e generosidade. Essas bênçãos, contudo, são sinais da bondade de Deus, e não um direito adquirido. A Teologia da Prosperidade inverte essa ordem, tornando Deus devedor do homem e a vida cristã um caminho para realização pessoal, e não para a glorificação do Senhor. Ela esquece que muitos dos Heróis da Fé, citados em Hebreus 11, viveram pela fé sem receberem a prosperidade terrena, mas morreram certos da promessa celestial.

Este capítulo propõe examinar com discernimento bíblico os fundamentos e os frutos da Teologia da Prosperidade. Nosso objetivo não é promover uma crítica superficial, mas oferecer uma resposta fiel às Escrituras, que sempre chamam os crentes a negarem a si mesmos, tomarem a sua cruz e seguirem a Cristo (Lc 9.23). A vida cristã, conforme Jesus ensinou, envolve serviço, sacrifício, entrega e esperança no Reino de Deus, não a busca por um paraíso terreno.

Precisamos urgentemente resgatar o evangelho da graça, que não promete riquezas, mas perdão; que não garante sucesso terreno, mas a vida eterna. O evangelho autêntico não é antropocêntrico, voltado para os desejos do homem, mas teocêntrico, centrado na glória de Deus e na formação de discípulos piedosos e obedientes. Uma igreja comprometida com a verdade não deve prometer um caminho sem dor, mas anunciar o consolo que há na presença de Deus mesmo nas dores da vida.

Ao lermos este capítulo, seremos desafiados a confrontar uma das principais distorções do evangelho em nosso tempo. Veremos como a Teologia da Prosperidade afasta-se da sã doutrina e compromete a missão da Igreja. Também refletiremos sobre como podemos pastorear o povo de Deus com amor, sabedoria e verdade, chamando os crentes a uma fé sólida, que permanece firme mesmo quando os ventos da escassez, da enfermidade ou das decepções sopram com força.

Nosso chamado não é para uma vida sem dificuldades, mas a uma vida com Cristo — e isso é infinitamente melhor. Ele é suficiente. Nossa verdadeira prosperidade é estar em paz com Deus, crescer em santidade e aguardar com esperança o novo céu e a nova terra. Que esta lição nos conduza a reafirmar a suficiência do evangelho e a nos firmarmos na verdade que liberta, consola e transforma.

## I — PRINCIPAIS ENSINOS

Uma das principais propostas é a confissão positiva, que ensina que palavras têm poder criativo. Segundo os seus defensores, basta “declarar” em fé para que a bênção seja liberada. Essa ideia tem raízes no movimento da fé e em filosofias de autoajuda, mas não encontra respaldo sólido na Escritura. Embora a Bíblia fale sobre o poder das palavras (Pv 18.21), ela nunca atribui às declarações humanas o poder divino de criação.

Foi o evangelista batista Kennet Hagin quem liderou o movimento de Confissão Positiva, ele plagiou de forma extensa vários escritos de Kenyon. Esta doutrina surgiu na década de 1940, fortalecendo-se durante os anos 60 e 70. Reúne crenças sobre poder e cura, prosperidade e poder da fé. A partir dos anos 70, encontra respaldo nos grupos evangélicos carismáticos dos EUA, adquirindo visibilidade e difundindo-se para outras correntes cristãs. O movimento de Confissão Positiva difundiu-se para inúmeros países. Em 1937, Hagin recebeu licença para pastorear na Assembleia de Deus, permanecendo até 1949, quando se tornou evangelista itinerante, chegando a fundar seu próprio ministério em 1962.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> LEMOS Carolyne Santos. *Teologia da prosperidade e sua expansão pelo mundo*. Revista Eletrônica Espaço Teológico (REVELETEO). Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017, p. 83. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>> Acesso em 27 de julho de 2025.

A prática da confissão positiva torna a fé uma técnica, uma fórmula mágica que ativa os “direitos” do crente diante de Deus. Com isso, a oração deixa de ser um ato de comunhão e dependência para tornar-se uma exigência de resultados. Essa abordagem inverte a relação entre Criador e criatura, colocando o homem no centro e reduzindo Deus a um “executador” de desejos.

Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e inspiração de Essek Willian Kenyon. A expressão “confissão positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão “confissão positiva” se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão.<sup>2</sup>

A fé bíblica, no entanto, está ancorada na soberania e vontade de Deus. Mesmo orando com fé, Jesus ensinou a dizer: “Seja feita a tua vontade” (Mt 6.10; Lc 22.42). A oração do verdadeiro crente submete-se aos planos eternos do Pai, confiando que Ele sabe o que é melhor mesmo quando não entendemos ou recebemos o que esperamos.

Devemos, portanto, combater essa distorção ensinando que a fé não é um instrumento para conquistar tudo o que desejamos, mas uma confiança firme em Deus, mesmo quando não vemos resultados imediatos. Confessar promessas fora do seu contexto bíblico pode criar frustração e confusão espiritual, pois coloca esperança em algo que Deus nunca prometeu.

Outro ensino comum da Teologia da Prosperidade é o uso de promessas condicionais: se você orar e ofertar generosamente, será recompensado com saúde, riqueza e sucesso. Essa doutrina manipula textos bíblicos como Malaquias 3.10, tirando-os do seu contexto histórico e teológico. A generosidade cristã, embora abençoada por Deus, nunca é apresentada como garantia de retorno financeiro imediato.

Esse tipo de ensino leva muitos a enxergar a fé como uma transação financeira. Crentes são incentivados a dar ofertas não como expressão de gratidão, mas como investimento, esperando multiplicações

<sup>2</sup> ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993, p. 6.

materiais. Isso banaliza a graça e corrompe o verdadeiro sentido da mordomia cristã, que deve ser guiada por amor, e não por ganância.

Além disso, essas promessas “condicionais” criam uma espiritualidade baseada em mérito humano. Quando as bênçãos não chegam, o fiel pode sentir-se culpado, achando que não orou o suficiente ou que a sua fé foi falha. Isso pode levá-lo a um ciclo de culpa, medo e manipulação emocional ao invés de confiança em Deus.

Um dos expoentes da Teologia da Prosperidade ensina que:

Somos hoje exatamente aquilo que algum tempo atrás consciente ou inconscientemente havíamos declarado que seríamos, e seremos no futuro próximo tudo que agora estamos declarando [...] São as nossas palavras que nos governam, que nos dão saúde, paz, prosperidade e felicidade. São também as nossas palavras que nos fazem derrotados, doentes e miseráveis [...] só conseguiremos aquilo que falarmos [...] temos aprendido que a parte de Deus em relação a nossa cura já foi feita. Hoje somos nós que temos que fazer a nossa parte [...] São unicamente as nossas palavras que nos dão saúde (Curso Fé, lição IX, “As palavras”).<sup>3</sup>

Outro “famoso” ensina descaradamente que:

Ele [Jesus] desfez as barreiras que havia entre você e Deus e agora diz — volte para casa, para o jardim da Abundância para o qual você foi criado e viva a Vida Abundante que Deus amorosamente deseja para você [...] Deus deseja ser nosso sócio [...] As bases da nossa sociedade com Deus são as seguintes: o que nos pertence (nossa vida, nossa força, nosso dinheiro) passa a pertencer a Deus; e o que é d’Ele (as bênçãos, a paz, a felicidade, a alegria, e tudo de bom) passa a nos pertencer.<sup>4</sup>

Ele segue o argumento que Deus tem a obrigação de cumprir as suas promessas em favor dos que são fiéis no “pagamento” do dízimo, utilizando a máxima popular “promessa é dívida” como princípio

<sup>3</sup> SOARES, R. R. **As Bênçãos que Enriquecem**. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1985.

<sup>4</sup> MACEDO, Edir. **Vida com Abundância**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990, p. 25, 85, 86.

aplicável até mesmo no relacionamento com o Senhor. Segundo essa lógica, o vínculo entre Deus e o ser humano seria regido por um tipo de contrato espiritual, em que o cumprimento das promessas divinas estaria condicionado à ação do homem. Assim, o fiel, ao entregar o dízimo, demonstrar fé e declarar bênçãos sobre a sua vida, garantiria automaticamente o direito de experimentar prosperidade e sucesso. Para ele, o Criador estaria comprometido ou até mesmo limitado a agir conforme o que prometeu, cabendo ao ser humano apenas cumprir a sua parte na aliança. Essa visão apresenta Deus como devedor e o homem como credor, transformando a fé cristã numa relação de direitos e deveres, na qual Deus estaria obrigado a cumprir as suas promessas mediante a performance religiosa do indivíduo.

A Bíblia ensina, no entanto, que Deus supre nossas necessidades, mas não necessariamente nos tornará ricos (Fp 4.19). A generosidade deve ser fruto do Espírito, e não uma tentativa de controlar o favor divino. A verdadeira recompensa está na eternidade, onde nem traça nem ferrugem consomem (Mt 6.20).

A Teologia da Prosperidade, na sua maioria, despreza ou ignora a realidade do sofrimento. Ensina-se que, se alguém está enfrentando doença, pobreza ou lutas, é porque lhe falta fé. Isso é profundamente antibíblico. A Bíblia está repleta de exemplos de homens e mulheres fiéis que passaram por tribulações, dores e perdas. O próprio Senhor Jesus alertou: “No mundo tereis aflições” (Jo 16.33), deixando claro que o caminho cristão não é uma estrada de conforto contínuo, mas de fidelidade mesmo diante da dor. Os apóstolos foram perseguidos, apedrejados, encarcerados e mortos por causa do evangelho. Paulo declarou ter aprendido a estar contente tanto na fartura quanto na escassez (Fp 4.12) e mencionou o seu “espinho na carne”, que Deus não quis remover (2 Co 12.7-9).

Minimizar o sofrimento como ausência de fé é uma afronta ao evangelho da cruz. A mensagem bíblica não promete uma vida isenta de dores, mas, sim, uma presença constante de Deus no meio das dificuldades. Ele é o Deus que consola os abatidos, fortalece os fracos e está perto dos que têm o coração quebrantado (Sl 34.18).

A Teologia da Prosperidade carece de uma base teológica sólida e de explicações bíblicas consistentes para lidar com a realidade da dor, do sofrimento e das aflições humanas. Na sua ênfase excessiva na conquista material e na ausência de problemas, ela ignora uma

verdade evidente nas Escrituras e na experiência do povo de Deus ao longo das eras: “o sofrimento é parte da jornada da fé”. Por razões que pertencem somente à sua sabedoria insondável, Deus não prometeu livrar os seus servos das provações desta vida. Ao contrário, vemos nas páginas da Bíblia exemplos de homens e mulheres piedosos que enfrentaram adversidades não por ausência de fé, mas por desígnio divino.

Figuras como José, Moisés, Davi, Jeremias, Pedro, Paulo, entre outros, experimentaram rejeição, perseguição, injustiça, enfermidades e privações e, ainda assim, foram grandemente usados por Deus. O Novo Testamento, em especial, apresenta um chamado claro à perseverança em meio às tribulações, lembrando-nos que “por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus” (At 14.22).

Negar ou minimizar o sofrimento como parte da vida cristã pode ser, ironicamente, um sinal de incredulidade, uma recusa em confiar na soberania e no amor providente de Deus, que nos molda por meio das provações. Uma fé madura não busca escapar das dificuldades a qualquer custo, mas reconhece nelas um terreno fértil para crescimento espiritual, santificação e dependência do Senhor. Portanto, ao invés de iludirmo-nos com promessas de uma vida isenta de lutas, sejamos fortalecidos na verdade de que Deus está conosco em todas elas, conduzindo-nos com propósito e graça.

É necessário restaurar uma visão bíblica do sofrimento como meio de crescimento espiritual, aperfeiçoamento da fé e identificação com Cristo. A fé verdadeira é aquela que persevera mesmo sem recompensas visíveis, confiando que a graça de Deus é suficiente.

## II — VISÃO BÍBLICA DA BÊNÇÃO

Jesus claramente nos ensinou que a verdadeira riqueza não está nas posses materiais, mas, sim, no relacionamento com Deus. Em Mateus 6.19-21, Ele ordena que não acumulemos tesouros na terra, onde tudo se corrompe, mas no Céu. A pobreza, nesse contexto, não é sinal de maldição, mas muitas vezes uma oportunidade de experimentar o cuidado divino de forma mais intensa.

A bem-aventurança aos pobres em espírito (Mt 5.3) indica que o coração dependente de Deus é mais valioso do que qualquer conta bancária. O Reino de Deus é oferecido àqueles que reconhecem a

sua necessidade espiritual. A busca desenfreada por riqueza pode ser uma armadilha que desvia os olhos do que é eterno.

Cristo, sendo rico, fez-se pobre por amor a nós (2 Co 8.9). Os seus discípulos deixaram tudo para segui-lo. Ele não prometeu riquezas, mas perseguição, serviço e recompensa celestial. Isso está em total contraste com a ideia de que seguir Jesus é um caminho garantido de sucesso financeiro. A bênção de Deus, portanto, deve ser compreendida como a sua presença, o seu favor e a sua graça. Nem sempre se manifestará em bens materiais, mas sempre será suficiente para a vida e a piedade (2 Pe 1.3). O crente é chamado a buscar primeiro o Reino de Deus, confiando que tudo o mais será acrescentado conforme a vontade do Pai.

### **III — EFEITOS PRÁTICOS E ESPIRITUAIS**

A Teologia da Prosperidade tem sido terreno fértil para escândalos e, ao invés de apontar para Cristo, torna-se o centro da atenção, pois cria um ambiente onde o sucesso terreno é confundido com espiritualidade.

Há uma profunda sensação de injustiça e incoerência moral quando se observa com sensibilidade pastoral a situação de tantos irmãos e irmãs que vivem em vulnerabilidade. Em diversos contextos, os mais pobres continuam a sustentar financeiramente ministérios que pregam a Teologia da Prosperidade mesmo quando mal conseguem garantir o alimento diário, o pagamento do aluguel ou a educação dos seus filhos. É legítimo questionar: por que alguém que segue a Cristo haveria de manter-se comprometido com uma mensagem que se aproxima mais da lógica do mercado e da cultura das celebridades do que dos ensinamentos humildes e compassivos do evangelho?

Esse tipo de pregação frequentemente impõe aos pobres um peso injusto, fazendo com que se sintam culpados por não prosperarem, como se a sua fé fosse insuficiente ou que o seu esforço espiritual fosse inadequado. Em vez de oferecer consolo, esperança e dignidade, esse falso evangelho contribui para a exclusão e humilhação dos mais necessitados, distorcendo a verdadeira natureza da graça. O Cristo das Escrituras acolheu os marginalizados, alimentou os famintos, restaurou os quebrantados e anunciou Boas Novas aos pobres. Segui-lo, portanto, exige que rejeitemos qualquer mensagem que

transforme o sofrimento alheio em plataforma de enriquecimento e espetáculo religioso.

Essa teologia acaba por produzir frustrações profundas na alma do crente sincero que, mesmo orando e ofertando fielmente, não experimenta a prosperidade prometida. Isso pode gerar sentimento de culpa, dúvidas quanto à sua fé e até mesmo abandono da igreja. A pessoa, enganada pela promessa de uma vida sem problemas, não está preparada para lidar com os sofrimentos e provações normais da vida cristã.

Da mesma forma, essas decepções também têm afetado o testemunho público do evangelho. Muitos veem as igrejas como instituições voltadas para o lucro, e o nome de Cristo acaba sendo associado à ganância e ao engano. Esse desvio do foco bíblico compromete a credibilidade da mensagem cristã diante da sociedade e impede que muitos conheçam o verdadeiro evangelho de salvação e renúncia.

O evangelho, por fim, não foi dado para enriquecer homens, mas para reconciliar pecadores com Deus. A fé genuína não está centrada em resultados materiais, mas, sim, em um relacionamento com Cristo, que transforma vidas e prepara o coração para a eternidade. Quando se prega um evangelho centrado no bolso, e não na cruz, abandona-se a essência da fé cristã.

A centralidade da prosperidade material afasta a igreja da pureza do evangelho de Cristo. Em vez de proclamarmos a cruz, a graça e o arrependimento, passa-se a anunciar promessas de sucesso financeiro como se fossem o principal objetivo da fé. Esse desvio enfraquece o discipulado, pois não há ênfase na negação de si mesmo, na cruz diária e na perseverança diante do sofrimento.

O evangelho de Jesus é para todos: ricos e pobres, saudáveis e doentes, bem-sucedidos e fracassados. Mas, quando a mensagem torna-se seletiva e voltada apenas aos que podem ofertar ou “declarar vitória”, os marginalizados são excluídos do altar da graça. Isso gera uma igreja que discrimina e esquece os pequeninos, contrariando o coração do Salvador, que veio buscar e salvar o que se havia perdido.

Esse tipo de mensagem também distorce o sentido bíblico do que vem a ser bênçãos. Em vez de reconhecer o perdão, a comunhão com Deus, o fruto do Espírito e a salvação como os maiores tesouros, passa-se a considerar carro novo, casa própria e promoção no trabalho

como o ápice da vida cristã. Isso empobrece a fé e limita a atuação do Espírito Santo na vida do crente.

Voltar ao evangelho puro é necessário para que a Igreja recupere o seu papel profético na sociedade. Devemos pregar Cristo crucificado e ressuscitado, o arrependimento e a santidade, e lembrar que, embora Deus possa abençoar materialmente, o maior presente é a sua presença.

A verdadeira fé cristã claramente nos chama à fidelidade a Deus independentemente das circunstâncias. O contentamento, como ensinou o apóstolo Paulo, é aprendido tanto na fartura quanto na escassez (Fp 4.12). Essa fidelidade não depende do que recebemos, mas de quem Deus é. Confiar no Senhor é reconhecer que Ele é digno de ser servido mesmo que as bênçãos materiais não cheguem.

A Igreja deve ensinar os crentes a ser generosos (inclusive nas contribuições financeiras!), mas não para receber mais, e sim por gratidão e obediência ao Senhor. A oferta não pode ser um investimento com promessa de retorno financeiro, mas um ato de adoração. A generosidade cristã é marcada pelo desprendimento e pelo amor ao próximo, refletindo o coração de Cristo. A maturidade espiritual exige que se compreenda o valor do sofrimento como parte da formação do caráter cristão. Deus não desperdiça dor. A cruz precede a coroa. Quando a Igreja reconhece isso, torna-se mais forte diante das lutas, mais solidária com os que sofrem e mais fiel ao seu Senhor.

A Teologia Bíblica sempre nos convida a confiar na providência divina e a entender que, ainda que não tenhamos abundância de bens, temos em Cristo tudo de que precisamos. Somos chamados a glorificar a Deus em tudo, seja na fartura ou na escassez, vivendo para o louvor da sua glória.

## **CONCLUSÃO**

A Teologia da Prosperidade associa injustamente a bênção de Deus a conquistas econômicas e físicas imediatas. Ela distorce o evangelho ao trocar a cruz pela conta bancária, o arrependimento pela confissão positiva, e a graça pela barganha. A sua ênfase no sucesso terreno ignora o testemunho bíblico de santos que, mesmo vivendo na pobreza, na aflição ou na doença, foram profundamente amados e usados por Deus. Ao apresentar um evangelho utilitário, essa dou-

trina esvazia a centralidade de Cristo e substitui a esperança eterna por recompensas temporais.

A fé cristã autêntica ensina que nosso maior tesouro é Cristo e que a vida com Deus inclui momentos de provação, aprendizado e renúncia. O próprio Senhor afirmou: “No mundo tereis aflições” (Jo 16.33), e o apóstolo Paulo declarou que “nos foi concedido, por amor de Cristo, não somente crer nele, mas também padecer por ele” (Fp 1.29). O evangelho genuíno não promete uma existência sem sofrimentos, mas oferece a presença constante de Deus e a certeza de que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que o amam.

Ao rejeitarmos a falácia da Teologia da Prosperidade, abraçamos novamente o evangelho da cruz, aquele que transforma, redime e prepara os crentes para a glória eterna. Esse evangelho claramente nos ensina que a graça de Deus não se vende, não se compra e não se negocia. Somos salvos pela fé, e não pelas ofertas; somos sustentados pelo Espírito, e não pelas campanhas; somos chamados à obediência, e não ao consumismo religioso.

A vida cristã é um chamado à fidelidade mesmo quando os resultados visíveis parecem escassos. Como o profeta Habacuque declarou: “Ainda que a figueira não floresça [...] eu me alegrarei no SENHOR” (Hc 3.17,18). Essa é a fé que persevera mesmo sem abundância. A verdadeira prosperidade é viver na dependência de Deus, com gratidão em qualquer circunstância, sabendo que Ele é suficiente.

Somos chamados a viver em comunhão com Deus, confiando na sua soberania e provisão e sem fazer da riqueza um ídolo. A idolatria moderna disfarça-se de fé quando tenta usar Deus como meio para obter vantagens materiais. Precisamos discernir esse engano e restaurar em nosso coração o altar da adoração verdadeira, que reconhece a Deus não pelo que Ele dá, mas por quem Ele é.

A verdadeira prosperidade não se mede pelo que possuímos, mas por quem somos em Cristo. O contentamento, a paz, a alegria, a salvação e a comunhão com Deus são bênçãos incomparáveis. Paulo disse: “Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes” (1 Tm 6.8). Isso não é conformismo, mas maturidade espiritual, que é a capacidade de descansar na suficiência de Deus.

Que a igreja do Senhor volte os seus olhos para a cruz e renuncie ao evangelho de mercado, que promete recompensas, mas falha em

formar discípulos. Precisamos de um retorno à centralidade da Palavra, onde Cristo é o centro, a cruz é o caminho, e a eternidade é a esperança. A Igreja não deve ser conhecida pelas suas promessas de prosperidade, mas, sim, pelo seu amor à verdade e o seu compromisso com o Reino de Deus.

Que nossa pregação, ensino e vida estejam centrados nessa verdade. Que sejamos uma Igreja fiel, generosa e firmada na Rocha, que é Cristo Jesus. Que nosso ensino seja que o verdadeiro triunfo do crente está na sua união com o Salvador e que, mesmo que nada neste mundo seja acrescentado, Cristo já nos deu tudo. A graça basta. A cruz nos salva. E a eternidade nos espera. Glória a Deus por isso.

## Capítulo 12

# A FALÁCIA DO TRIUNFALISMO

**E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me Lucas 9.23**

### INTRODUÇÃO

A fé cristã, conforme revelada nas Escrituras, encontra a sua essência na cruz de Cristo, na dependência contínua do Espírito Santo e na submissão à soberania de Deus. Essa fé não é uma fuga da realidade, mas um compromisso com a verdade que nos chama ao arrependimento, à santificação e à perseverança. A mensagem do evangelho não mascara a dor, nem promete um caminho isento de tribulações, mas fortalece-nos com esperança viva em meio às provações da vida.

Vivemos tempos, no entanto, em que muitos cristãos têm sido atraídos por discursos sedutores que exaltam o sucesso humano em detrimento da cruz. Um dos desvios mais preocupantes é o triunfalismo, uma postura teológica e espiritual que reduz a vida cristã à busca por vitórias terrenas, abundância material e saúde perfeita, excluindo o sofrimento, a espera e a entrega sacrificial como partes integrantes do discipulado de Cristo. Essa distorção mina a espiritualidade bíblica e empobrece a compreensão da verdadeira vida cristã.

O triunfalismo geralmente se apresenta com roupagem espiritual, utilizando uma linguagem bíblica descontextualizada para embasar promessas que Deus nunca fez. Ele vende uma ideia de fé como mecanismo para conquistar *status*, riquezas e autoridade, em vez de conduzir-nos à conformidade com Cristo. Por trás de muitas mensagens triunfalistas, esconde-se um evangelho humanista, centrado no eu, que perde de vista a glória do evangelho da cruz.

Esse pensamento, embora moderno na sua forma, carrega traços antigos de heresias que buscavam suprimir a realidade do sofrimento cristão. Ao

longo da história, a Igreja enfrentou ensinamentos similares que tentavam separar glória de humilhação, poder de renúncia e bênção de obediência. O triunfalismo, ao negar a cruz como caminho do discípulo, também nega o poder transformador da graça que nos sustenta na fraqueza.

Este capítulo está diretamente relacionado com o conteúdo da lição anterior, que tratou da Teologia da Prosperidade. Ambas as falácias compartilham a tentativa de instrumentalizar Deus para fins humanos e temporais, esquecendo-se de que a principal promessa do evangelho é a reconciliação com Deus, e não o conforto terreno. O triunfalismo é, de certo modo, a face “espiritualizada” da prosperidade material, que promete vitória constante como se isso fosse o selo da aprovação divina.

O texto de 2 Coríntios 2.17 será nosso ponto de partida para analisar como o apóstolo Paulo rejeita qualquer tentativa de falsificar a Palavra de Deus. Paulo sabia que o verdadeiro ministério não se mede por resultados visíveis, mas, sim, por fidelidade à mensagem da cruz. A sua advertência é atual: vivemos dias em que muitos mercadejam a fé, distorcendo as Escrituras para agradar aos ouvintes e manter a popularidade.

Ao longo deste capítulo, abordaremos três pontos fundamentais: Em primeiro lugar, estudaremos a simonia como raiz do pensamento triunfalista, ou seja, a tentativa de usar as coisas sagradas como meio para ganho pessoal. Em seguida, refletiremos sobre os artifícios retóricos e psicológicos usados para sustentar essa visão equivocada de fé. Por fim, faremos uma refutação bíblica a partir da perspectiva pentecostal clássica, que valoriza a obra do Espírito Santo, mas sem abrir mão da centralidade da cruz.

Nosso objetivo não é apenas criticar, mas também equipar o povo de Deus com discernimento espiritual para que saibamos distinguir entre a fé genuína e as falsificações que colocam em risco a integridade do evangelho. Ao entendermos os perigos do triunfalismo, renovamos nosso compromisso com uma espiritualidade bíblica, marcada pela humildade, pela perseverança e pela esperança no Cristo crucificado e ressurreto.

Que este texto desperte em nós um desejo sincero de voltar ao evangelho puro e simples, em que a vitória não é medida por conquistas terrenas, mas, sim, pela fidelidade a Deus em todas as estações da vida. O verdadeiro triunfo da fé está em permanecermos firmes até o fim, mesmo quando o caminho for estreito e a cruz pesar sobre os ombros, pois é nesse caminho que a glória de Deus manifesta-se com maior clareza.

## I — A SIMONIA E SUAS MANIFESTAÇÕES NA IGREJA CONTEMPORÂNEA

O termo “simonia” tem origem na história de Simão, o mágico, narrada em Atos 8.18-24. Ele tentou comprar com dinheiro o poder de impor as mãos para que outros recebessem o Espírito Santo. O apóstolo Pedro repreendeu-o severamente, dizendo que o coração de Simão não era reto diante de Deus. Essa atitude representa uma tentativa de transformar algo sagrado e espiritual em mercadoria, negando a natureza gratuita e graciosa da ação divina.

A esmagadora repreensão de Pedro evidentemente o aterrorizou pois rogou a intercessão dos apóstolos para que fosse afastado o perigo indicado nas palavras de Pedro. Simão estava obcecado com a ideia de poder; parece que julgava que o mesmo residia nos apóstolos como se estes fossem super-mágicos.

Nesse ponto, de forma bastante abrupta, Lucas deixa Simão o Mago de lado; mas há uma verdadeira cadeia de tradições que sobrevivem na primitiva literatura cristã.<sup>1</sup>

Na prática, a simonia é a corrupção da graça. Ela nasce quando os dons de Deus, que deveriam ser recebidos com humildade e usados para o serviço, passam a ser objeto de cobiça, manipulação ou venda. Embora hoje não seja comum alguém tentar “comprar” o Espírito Santo com dinheiro como fez Simão, muitas atitudes no meio cristão reproduzem esse espírito simoniaco.

Em muitos contextos religiosos atuais, a lógica da simonia se manifesta de maneira sutil. Ela pode estar presente em discursos que associam bênçãos com ofertas, unções com valores monetários, e bênçãos espirituais com campanhas financeiras. Quando a fé é condicionada ao dinheiro, a graça é pervertida e o evangelho perde sua essência.

O efeito que esse incidente causou em Simão e a conferência que o mesmo teve com Pedro a respeito revelam a sua verdadeira condição espiritual e põem a descoberto que a sua “conversão” foi um completo logro. Propondo ao apóstolo a aquisição por dinheiro do poder de conferir esses dons sobrenaturais do Espírito Santo, deu

<sup>1</sup> DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Vol. 2. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 1526.

a entender que a sua intenção era vendê-lo, por sua vez, a outras pessoas. Veio daí chamar-se “simonia” ao mercadejamento das coisas sagradas. Todos aqueles que sentem a tentação de aproveitar-se das funções sagradas ou dos dons espirituais como meio de negócio devem pesar a severa e solene repreensão de Pedro.<sup>2</sup>

O triunfalismo é, portanto, uma forma moderna de simonia. Ele prega que tudo pode ser conquistado (cura, vitória, riqueza) mediante um ato de fé financeira, ignorando que as bênçãos de Deus não se compram, mas são recebidas pela fé segundo a vontade soberana do Senhor.

A comercialização da fé é um sintoma grave da teologia triunfalista. Programas religiosos que promovem “campanhas de fé”, com ênfase em doações financeiras para obter milagres, contribuem para transformar o evangelho num produto de mercado. A bênção é apresentada como uma moeda de troca, e o fiel é ensinado a investir no “negócio espiritual”, esperando retorno.

Essa visão deturpa a graça de Deus e coloca os crentes sob um jugo legalista e opressor. Em vez de enxergarem Deus como Pai amoroso, começam a vê-lo como um empresário divino que só responde àqueles que pagam. A espiritualidade torna-se uma *performance* comercial, e não uma relação de comunhão com o Senhor.

Além disso, essa prática afasta os mais pobres, pois induz a ideia de que quem não tem dinheiro também não pode acessar as bênçãos espirituais. Isso é uma afronta direta ao evangelho de Jesus, que anunciou Boas Novas aos pobres e acolheu os marginalizados. A graça não se limita ao poder aquisitivo. A verdadeira fé cristã claramente nos ensina que a bênção vem pela obediência, humildade e confiança na Palavra de Deus. Não existe atalhos ou barganhas no Reino de Deus. A bênção não está à venda, e o Espírito Santo não é mercadoria de mercado.

Paulo declara em 2 Coríntios 2.17 que ele e os seus companheiros não estão “falsificando a palavra de Deus”, mas falam “em Cristo, com sinceridade, como de Deus, na presença de Deus”. O contraste que ele faz é com os que pregam com motivos escusos, movidos pelo lucro e pela autopromoção.

<sup>2</sup> ERDMAN, Charles R. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana: São Paulo, 1960, p. 74.

Inicialmente Paulo se distancia de uma espécie de proclamação que ele vê passando por toda a igreja como um perigo crescente. Não se trata apenas de casos isolados de proclamação errada, porém são “tantos outros” que desfiguram radicalmente a proclamação. De que modo fazem isso? Ao “mercadejar a Palavra de Deus”. O termo empregado por Paulo significa especificamente o comércio desonesto dos taberneiros daquele tempo que servem comida de má qualidade aos fregueses e diluem o vinho para obter lucros. Portanto o termo também traz a acusação da distorção e “diluição” da mensagem. Por isso Paulo falará em 2 Coríntios 4.2 diretamente sobre “adulterar a palavra”. Como é possível que “tantos” cheguem a um comportamento assim? Em Filipenses 3.17-19 Paulo revelou de forma mais acentuada as motivações interiores de tais pessoas. Para eles, “o ventre é o seu deus” (Rm 16.18), buscam o seu próprio bem-estar. Por essa razão são “inimigos da Cruz de Cristo”. Tentam se desviar do sofrimento por amor à mensagem. Todo seu ministério é dominado pelo eu e por suas reivindicações. Para Paulo é revoltante e terrível que essas pessoas subordinem a palavra de Deus, a mensagem que decide sobre morte eterna e vida eterna, a seus interesses egoístas. O taberneiro que por causa de seu lucro deturpa alimentos exteriores, enganando seus fregueses, já merece repúdio. Quanto mais se deve ter a mesma atitude para com pessoas que mascateiam com a palavra de Deus, enganando seus ouvintes em relação à vida eterna! Não surpreende que em 2 Coríntios 11.13-15 Paulo os designe de servos de Satanás.<sup>3</sup>

Hoje não são poucos os que infelizmente utilizam o púlpito como plataforma de negócios. A mensagem é moldada conforme o interesse da audiência, visando agradar, arrecadar e conquistar popularidade. O evangelho é adaptado, diluído e manipulado para tornar-se palatável e lucrativo. O pregador mercenário não se preocupa com a glória de Deus nem com a salvação das almas. Ele visa o próprio benefício, transformando o sagrado em espetáculo. As suas palavras soam convincentes, mas carecem de unção. São mensagens sem cruz, sem renúncia e sem arrependimento.

Ainda pensando e comparando a história de Simão, o mágico, Craig Keener diz que

<sup>3</sup> BOOR, Werner de. **Carta aos Coríntios**. Cutiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2004, p. 337.

os feiticeiros podiam comprar fórmulas mágicas; ninguém podia comprar o Espírito. Um dos critérios dos antigos observadores para distinguir a magia dos milagres era o fato de que a primeira, em geral, envolvia ganância e autoengrandecimento.<sup>4</sup>

A pregação fiel, por outro lado, é centrada em Cristo, proclamada com temor e reverência diante de Deus. Ela não busca agradar homens, mas obedecer ao Senhor. A Palavra verdadeira confronta, exorta, consola e transforma, e isso não se compra nem se vende.

## II — OS ARTIFÍCIOS DOS TRIUNFALISTAS: SINAIS E SINTOMAS

A prosperidade material, embora não seja algo errado em si, torna-se uma armadilha quando colocada como evidência principal da bênção de Deus. O triunfalismo comete o erro de apresentar o sucesso financeiro como sinal inequívoco da aprovação divina. Essa doutrina ignora a vasta galeria bíblica de homens e mulheres fiéis que, embora pobres, eram riquíssimos diante de Deus. Jesus, nosso maior exemplo, nasceu numa manjedoura, viveu sem lugar fixo para dormir e morreu entre ladrões. Os apóstolos enfrentaram fome, perseguição e escassez.

Ao ensinar que a riqueza é o padrão para medir a fé, o triunfalismo gera culpa e frustração nos corações sinceros que enfrentam dificuldades. Em vez de consolo e direção, recebem acusações de falta de fé ou pecado oculto. Isso distorce o caráter amoroso e paciente de Deus.

A verdadeira bênção é ser salvo, andar com Deus, desfrutar da paz interior, viver em santidade e ter esperança eterna. A riqueza pode vir ou não, mas nunca deve ser o centro de nossa fé ou o critério da espiritualidade.

A confissão positiva, na sua essência, é o ensino de que aquilo que declaramos com a boca torna-se realidade. Quando usada com equilíbrio e fundamentação bíblica, essa prática pode ser uma expressão de fé. No triunfalismo, ela é transformada numa espécie de decreto humano que tenta obrigar Deus a agir.

A confissão é, então, reduzida a uma fórmula mágica: “declare e acontecerá”, ignorando-se a soberania de Deus, o tempo divino e os

<sup>4</sup> KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 408.

processos da vida cristã. Essa abordagem transforma a oração em encantamento e afasta os crentes da submissão ao Senhor.

De forma objetiva, a teologia promovida por Kenneth Hagin passou a ensinar que viver na pobreza ou na doença era, em si, uma forma de pecado. Segundo ele, Jesus Cristo não apenas morreu para perdoar os pecados espirituais da humanidade, mas também para redimir os crentes de toda forma de sofrimento, inclusive financeiro e físico. Assim, Hagin sustentava que, se Cristo levou sobre si nossas dores e enfermidades e tornou-se pobre para que fôssemos enriquecidos, então nenhum cristão deveria aceitar a escassez ou a enfermidade como parte da sua vida.

Nesse contexto, o pastor propôs um caminho específico para acessar tais bênçãos: a chamada “confissão positiva”. Para ele, não bastava ao crente orar, jejuar, ler as Escrituras ou ser fiel nos dízimos e ofertas. Era necessário, acima de tudo, declarar com a boca aquilo que se desejava experimentar na vida. A ideia central era que as palavras têm poder criativo e que, ao confessar com fé determinada bênção (saúde, prosperidade, vitória), o crente traria à existência aquilo que proclamava.

Daí o nome “confissão positiva”: um tipo de declaração de fé que, segundo Hagin, movia o mundo espiritual em direção às promessas. Tal ênfase, no entanto, gradualmente deslocou o foco da fé cristã da soberania de Deus para o desejo humano, fazendo da “palavra falada” uma chave para manipular os resultados da vida. Essa abordagem foi uma das bases para o desenvolvimento posterior da chamada Teologia da Prosperidade.

Se a nossa maneira de pensar não estiver certa, de acordo com essas diretrizes, a nossa crença estará errada. Então, a nossa conversa será errada, e seremos confundidos e derrotados. Precisamos compreender o que a Palavra de Deus pode fazer por intermédio dos nossos lábios, porque, como temos visto, o Espírito Santo foi enviado para nos ajudar. [...] Uma promessa da Palavra de Deus deve ser confessada antes mesmo que se torne uma realidade. De acordo com a Palavra, já é real. Mas, para que ela torne realidade em sua vida, você deve confessá-la como tal.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> HAGIN, Kenneth E. **Pensamento Certo ou Errado**. Rio de Janeiro: Graça, 2000, p. 10.

Outra ideia amplamente difundida por Kenneth Hagin e analisada criticamente por Paulo Romeiro<sup>6</sup> foi a controversa distinção entre os termos gregos *logos* e *rhema*, ambos presentes no texto original do Novo Testamento. Segundo Hagin, haveria uma diferença fundamental entre esses dois vocábulos: *logos* representaria, segundo ele, a Palavra eterna de Deus (revelada nas Escrituras Sagradas, contendo os registros históricos, doutrinas e ensinamentos objetivos). Já *rhema* seria entendido como a “palavra falada” ou confissão específica, proferida por um cristão inspirado por Deus, por meio da qual se declararia cura, prosperidade ou outra bênção pessoal desejada.

Hagin defendia que o *rhema* teria um poder performativo distinto e que, quando pronunciado com fé, movia o mundo espiritual em favor do crente. Assim, a confissão tornava-se não apenas uma expressão da fé, como também um instrumento pelo qual se ativariam as promessas divinas na experiência individual. Essa distinção entre *logos* e *rhema*, contudo, é amplamente rejeitada por estudiosos sérios das línguas bíblicas. Como afirma Paulo Romeiro, nenhum especialista respeitado em exegese grega endossa essa diferenciação da maneira como foi proposta por Hagin.

A proposta, portanto, não encontra respaldo acadêmico nem respaldo bíblico sólido, mas passou a ser adotada em muitas pregações vinculadas à Teologia da Confissão Positiva e à Teologia da Prosperidade. Trata-se de mais uma tentativa de fundamentar doutrinariamente práticas que, na realidade, estão mais alinhadas a um pensamento mágico do que à fé bíblica. O risco, nesse caso, é transformar a Palavra de Deus (revelada de forma plena nas Escrituras) numa ferramenta manipulável conforme os desejos humanos, distanciando-se da centralidade da cruz, da soberania divina e da verdadeira espiritualidade cristã.

Um exemplo dessa forma de manipular o texto segue na seguinte citação:

Que belo dia foi aquele em que caiu em minhas mãos o livro *O Nome de Jesus*, de Kenneth E. Hagin — recomendo a leitura deste livro a todos os irmãos. Era tudo o que eu precisava ler. Cada página, cada parágrafo, era lido com uma sede tremenda. Eu queria saber o que o irmão Hagin iria falar a seguir. Tudo aquilo que ele relatava era novo

<sup>6</sup> ROMEIRO, 1993, p. 25, 26.

para mim, mas era como se eu já conhecesse há muito tempo e tivesse esquecido. Aquela mensagem foi um divisor de águas em minha vida. Que o Senhor recompense muito o irmão Hagin por esse belo trabalho. Em João 14.13 está a revelação que revolucionou minha vida. Jamais esquecerei da manhã do dia 2 de dezembro de 1984, em Nova York, Estados Unidos. Naqueles dias, estava evangelizando os imigrantes brasileiros e portugueses que vivem naquela cidade. Era um dia frio. Estava hospedado na casa de uma maravilhosa família. Eles haviam saído para trabalhar e eu, sozinho em casa, estava lendo o livro *O Nome de Jesus*, de Kenneth E. Hagin, quando, de repente, meus olhos foram abertos. Hagin declara que a palavra *pedirdes* em João 14.13, pode também ser traduzida por *exigirdes*. Eu nunca havia ouvido alguém falar algo assim. Seria possível? Fiquei a meditar.<sup>7</sup>

Além disso, essa doutrina ensina que qualquer expressão de fraqueza, dor ou luta é um “mau testemunho” ou uma declaração de derrota. Isso leva muitos cristãos a esconderem as suas angústias e a viverem uma fé superficial, onde não há espaço para o lamento, o choro ou o pedido sincero de socorro.

O apóstolo Paulo declarou que, mesmo em fraqueza, a graça de Deus sustentava-o (2 Co 12.9,10). A verdadeira fé confessa a Palavra, sim, mas também se submete à vontade de Deus e reconhece que Ele é Senhor mesmo quando o resultado não é o esperado.

O triunfalismo prega um evangelho sem cruz, sem espinhos, sem lágrimas. Ele promete uma vida de vitórias constantes, ignorando que o próprio Cristo advertiu: “No mundo tereis aflições” (Jo 16.33). A perseguição, o sofrimento e a dor fazem parte da caminhada cristã. Ao negar essa realidade, o triunfalismo gera crentes despreparados para as crises. Quando a doença chega, quando a porta não se abre, quando a resposta demora, muitos ficam frustrados, duvidam da fé e até abandonam a comunhão, pois foram ensinados a esperar apenas conquistas e triunfos.

Essa doutrina também esvazia o valor redentor do sofrimento. Não que o sofrimento em si seja bom, mas a Bíblia ensina que Deus usa o sofrimento para forjar nosso caráter, desenvolver a paciência e conformar-nos à imagem de Cristo. A cruz não é um acidente no caminho; é parte dele.

<sup>7</sup> SOARES, R. R. **Exija seus Direitos**. Graça Editorial: Rio de Janeiro, 2000, p. 34, 35, 41.

Negar a cruz é negar o evangelho. Jesus claramente nos chama a tomarmos nossa cruz diariamente e segui-lo (Lc 9.23). Uma teologia que ignora o sofrimento é uma teologia incompleta e antibíblica.

### **III – REFUTANDO O TRIUNFALISMO**

A teologia bíblica consistentemente nos ensina que Deus é soberano: Ele reina sobre todas as coisas e realiza o seu plano conforme a sua vontade. Ao mesmo tempo, o homem é responsável por responder em fé, viver em obediência e perseverar na oração. O triunfalismo ignora esse equilíbrio, pois transforma a fé em chave mágica e coloca o homem como o centro da ação divina. Assim, Deus torna-se refém da fé do homem, e não o Senhor soberano que age conforme o seu querer.

A tradição pentecostal clássica ensina que devemos buscar a Deus com fervor, mas também descansar na sua soberania. Há momentos em que a resposta de Deus será “não” ou “ainda não”, e isso não diminui o seu amor ou o seu poder. O segredo da vida cristã está em confiar mesmo sem entender, obedecer mesmo sem ver e crer que a graça de Deus é suficiente. Esse equilíbrio protege o crente da frustração triunfalista, conduzindo-o à maturidade espiritual.

A cruz é o centro do evangelho. Jesus venceu, mas, antes, sofreu, foi rejeitado e morreu. O cristianismo não é um caminho de glória sem dor, mas de glória através da dor. O triunfo de Cristo foi conquistado na cruz.

Paulo escreveu que deseja “conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos” (Fp 3.10, NVI). O sofrimento é parte da identificação com Cristo. Ele não é sinal de derrota, mas de fé autêntica.

O triunfalismo tenta remover a cruz da jornada cristã, mas isso é impossível. Uma fé sem cruz é uma ilusão. A cruz ensina a quem quer que seja sobre humildade, dependência, amor sacrificial e perseverança. A Teologia Pentecostal deve sempre exaltar a cruz. É nela que encontramos salvação, cura, libertação e vida eterna. O verdadeiro triunfo cristão começa na rendição.

O apóstolo Paulo foi claro: a sua pregação era feita com sinceridade, como de Deus e na presença de Deus. A motivação era pura, e o conteúdo era fiel à verdade. Esse é o padrão para todo pregador e ministro do evangelho. O triunfalismo, ao contrário, adultera a Palavra, remove as

partes “difíceis”, omite a cruz e promete apenas bênçãos. Ele manipula as Escrituras para agradar ao público, e não para glorificar a Deus.

O verdadeiro ministério é aquele que depende do Espírito Santo, que prega com temor e que não está em busca de lucros, mas da salvação das almas. A pregação deve ser ungida, bíblica e centrada em Cristo.

O Espírito Santo não é instrumento de *marketing* espiritual. Ele é Deus, que convence do pecado, transforma vidas e glorifica Jesus. Quando confiamos nEle, rejeitamos os atalhos do triunfalismo e seguimos o caminho estreito da verdade.

## CONCLUSÃO

A falácia do triunfalismo é um desvio perigoso da fé bíblica. Prometendo uma vida sem dor, ele desvaloriza a cruz, ignora o sofrimento e transforma Deus em um distribuidor de bênçãos por interesse. Podemos dizer que a tradição pentecostal assembleiana (assim como aquelas que prezam por uma leitura bíblica que não seja enviesada com os caprichos humanos), ao contrário, preza pela integridade da Palavra, a centralidade da cruz e a dependência do Espírito Santo. O verdadeiro evangelho não é uma promessa de conforto terreno, mas um chamado à fidelidade, mesmo em meio à tribulação, pois “[...] por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus” (At 14.22).

Precisamos resistir às tentações do triunfalismo e manter nossos olhos fixos em Cristo. A vitória bíblica não é medida por conquistas materiais, mas pela perseverança na fé. A Bíblia nunca prometeu uma vida sem aflições. Ao contrário, o próprio Senhor Jesus afirmou: “[...] no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (Jo 16.33). O evangelho da cruz ensina que o caminho da glória passa pelo vale do sofrimento e que a graça de Deus aperfeiçoa-se na fraqueza (2 Co 12.9).

A verdadeira vitória é permanecer firme mesmo nas provações. É manter a fé quando os céus parecem silenciosos. É confiar quando a resposta tarda. É seguir servindo quando não se vê os frutos esperados. O apóstolo Paulo declarou que “somos atribulados em tudo, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados” (2 Co 4.8). Esta é a linguagem do verdadeiro evangelho: esperança em meio à dor, fé no invisível e firmeza na promessa.

O triunfalismo moderno, ao desprezar a cruz, desfigura a imagem de Cristo e compromete a formação espiritual do crente. Ao prometer apenas bênçãos e vitórias, cria cristãos frágeis, que se escandalizam diante do sofrimento. Isso contradiz o ensino de Jesus, que nos chama a tomar a cruz, a negar a nós mesmos e a segui-lo (Mt 16.24). Não há discipulado sem renúncia. Não há glória sem cruz.

A fé pentecostal autêntica nunca foi alienada da realidade, nem seduzida por promessas ilusórias. Pelo contrário, desde os primórdios, os pentecostais brasileiros viveram e pregaram um evangelho que sustenta na pobreza, consola na enfermidade e fortalece nas lutas. A presença do Espírito Santo não se limita a atos espetaculares, mas manifesta-se em poder para viver uma vida santa, resiliente e fiel até o fim.

O crente maduro sabe que nem todas as orações serão respondidas do jeito que queremos, mas confia que Deus continua sendo bom e soberano. A fé não se mede pela ausência de problemas, mas pela constância do coração que continua adorando mesmo sem entender. Jó disse: “Ainda que ele me mate, nele esperarei” (Jó 13.15). Essa é a essência da fé que agrada a Deus.

A Igreja deve continuar proclamando o evangelho completo: um evangelho que salva, cura, batiza no Espírito Santo e prepara o crente para a eternidade. Esse evangelho, porém, também nos chama ao sofrimento por amor de Cristo, à santificação contínua e à espera paciente da glória futura. Como afirmou Paulo: “Se sofreremos, também com ele reinaremos” (2 Tm 2.12).

Vivamos, pois, não segundo o triunfalismo, mas segundo o evangelho. Que nossa fé seja sincera, nossa pregação pura e nossa caminhada perseverante para a glória de Deus. Que em tudo tenhamos o Espírito Santo como guia, a cruz como fundamento e o céu como esperança. E que possamos declarar como Paulo: “Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé” (2 Tm 4.7).

## Capítulo 13

# O DISCERNIMENTO DO CRISTÃO

**Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal. Hebreus 5.14**

### INTRODUÇÃO

Vivemos tempos marcados por intensa confusão espiritual e ideológica. Vozes multiplicam-se em todos os lugares nos púlpitos, nas redes sociais, nas plataformas de ensino, mas nem todas essas vozes procedem de Deus. Por isso, o discernimento espiritual é mais do que um dom opcional: é uma necessidade vital para todo cristão que deseja permanecer fiel à sã doutrina. Não se trata apenas de uma capacidade natural de julgar situações, mas também de uma sensibilidade espiritual concedida por Deus, operada pelo Espírito Santo, que permite distinguir entre a verdade e o engano, entre o que edifica e o que corrompe, entre o que vem do Céu e o que é produzido pela carne ou pelo maligno.

O discernimento espiritual é, ao mesmo tempo, dom e fruto do amadurecimento na Palavra. O apóstolo Paulo, escrevendo aos Coríntios, ensina que o homem “espiritual discerne bem tudo” (ver 1 Co 2.15). E, em Hebreus 5.14, somos advertidos de que os “que têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal” são os que se alimentam do alimento sólido, ou seja, aqueles que amadureceram na fé. Isso mostra que o discernimento não é automático, mas precisa ser cultivado por meio da comunhão com Deus, da meditação constante nas Escrituras e da prática da obediência.

No contexto atual, em que muitos buscam experiências espirituais sem o devido fundamento bíblico, o discernimento protege o crente contra falsificações do evangelho. A Bíblia adverte-nos de que o Diabo disfarça-se em anjo de luz (2 Co 11.14) e que falsos mestres estão infiltrados no meio do povo (2 Pe 2.1). Diante disso, somente uma igreja instruída e sensível ao Espírito poderá permanecer fiel ao evangelho genuíno de Cristo. O discernimento, portanto, é uma salvaguarda espiritual que Deus coloca à disposição da sua Igreja para que ela não seja levada por “todo o vento de doutrina” (Ef 4.14).

A tradição pentecostal, especialmente na expressão assembleiana, sempre valorizou a busca pelo discernimento espiritual. Os dons do Espírito, conforme 1 Coríntios 12, incluem o discernimento de espíritos como uma capacitação sobrenatural dada para identificar a origem de manifestações e ensinamentos. Ao mesmo tempo, os pioneiros pentecostais enfatizavam a centralidade das Escrituras e a vida de oração como meios fundamentais para preservar a santidade doutrinária e a saúde espiritual da igreja. Ou seja, discernir é um ato de fidelidade a Deus.

Muitos problemas enfrentados pelas igrejas hoje decorrem da falta de discernimento. Quando líderes e membros abraçam ideias que não foram devidamente examinadas à luz da Palavra, o resultado é confusão, divisão e, muitas vezes, escândalo. Doutrinas de prosperidade, triunfalismo, sincretismos e práticas sensacionalistas encontram terreno fértil em corações que se deixaram impressionar pela aparência e não examinaram o conteúdo. A Bíblia claramente nos ensina, assim como os bereanos faziam, a “examinar cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim” (At 17.11).

É preciso compreender que discernimento não é sinônimo de suspeita ou crítica ácida. Discernir não é julgar segundo as aparências, nem alimentar um espírito acusador; é, na verdade, um exercício espiritual de zelo e amor à verdade. Quem discerne com sabedoria busca proteger o rebanho, corrigir com brandura, ensinar com paciência e preservar a pureza do evangelho de Cristo. O discernimento nasce da comunhão com o Senhor e frutifica em atitudes que glorificam a Deus e edificam a Igreja.

O discernimento espiritual é uma expressão de maturidade cristã. Crianças na fé são mais suscetíveis ao engano, pois ainda não têm os alicerces firmados. Por isso, o crescimento espiritual é indispensável

para que se desenvolva o discernimento. À medida que o cristão aprofunda-se na Palavra, fortalece a sua vida de oração e caminha com outros irmãos fiéis, torna-se cada vez mais apto a identificar erros, resistir às tentações do mundo e manter a sua fidelidade ao Senhor.

Neste capítulo final, trataremos sobre o que é o discernimento espiritual, a sua importância na vida cristã, como ele pode ser cultivado e os perigos da sua ausência. O propósito é capacitar cada crente a desenvolver uma fé firme, lúcida e vigilante. Em tempos de relativismo e confusão teológica, que o Espírito Santo nos conceda olhos abertos e corações sensíveis para discernir tudo com base na verdade da Palavra de Deus.

## I — NECESSIDADE DE DISCERNIMENTO

A tradição cristã ao longo dos séculos acumulou uma variedade de doutrinas e interpretações teológicas. Essa diversidade pode enriquecer, mas também pode confundir, especialmente quando determinadas doutrinas afastam-se do evangelho puro e simples. Muitas vezes, ideias modernas são revestidas de linguagem bíblica, mas negam as verdades centrais da fé cristã — daí a importância de conhecer a doutrina apostólica.

No mundo atual, há grande influência de ideologias filosóficas e culturais no meio evangélico. A secularização, o relativismo e o emocionalismo têm invadido púlpitos e grupos de ensino. Alguns conteúdos enfatizam o bem-estar humano acima da glória de Deus, transformando o evangelho em autoajuda. O discernimento espiritual ajuda-nos a perceber quando a centralidade de Cristo está sendo substituída por ideias humanas.

Além disso, também há o perigo das doutrinas que distorcem a natureza de Deus Pai, de Cristo ou do Espírito Santo. Por exemplo, grupos que negam a Trindade, a divindade de Cristo ou a suficiência da graça estão, na prática, pregando “outro evangelho”. O apóstolo Paulo advertiu severamente contra tais desvios (ver Gl 1.8,9). O discernimento bíblico é o antídoto contra essas corrupções.

É necessário reconhecer que nem todo ensino popular ou bem produzido é saudável espiritualmente. A beleza de uma apresentação ou a emoção de um sermão não são garantias da sua fidelidade à verdade.

O cristão deve estar fundamentado nas Escrituras para saber julgar corretamente. O discernimento é a salvaguarda que impede o engano.

Somos orientados clara e diretamente pela Bíblia a respeito do cuidado com os falsos ensinamentos. Em 1 Tessalonicenses 5.21, somos exortados a “examinar tudo” e “reter o bem”. Essa atitude investigativa e cuidadosa não é opcional, mas uma ordem. O crente deve analisar cada mensagem à luz das Escrituras e rejeitar tudo o que for contrário à verdade revelada.

O apóstolo afirma em 1 João 4.1: “Amados, não creiais em todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus”. Essa instrução reconhece que há espíritos enganadores em atividade, disfarçando-se de verdade espiritual. É papel do cristão testar o que ouve e vê, discernindo entre a voz de Deus e a do erro. Isso exige maturidade, oração e conhecimento bíblico.

A Palavra de Deus também mostra que, nos últimos tempos, haveria um aumento da apostasia e do engano religioso (1 Tm 4.1; 2 Tm 3.13). Vivemos dias em que muitos falsos profetas ganham visibilidade nas redes sociais, promovendo heresias disfarçadas de revelações. Sem discernimento, muitos são levados por essas vozes que distorcem o evangelho para satisfazer interesses humanos.

Assim, o crente precisa estar constantemente alerta não apenas para identificar o erro, mas também para rejeitá-lo de maneira firme e amorosa. O discernimento certamente nos torna capazes de permanecer na verdade mesmo quando esta é impopular. Isso nos guarda da sedução do engano e também nos mantém fiéis à sã doutrina.

O discernimento espiritual também tem uma função coletiva: proteger o rebanho de Deus. Líderes espirituais precisam ser guardiões da verdade, responsáveis por conduzir a igreja na sã doutrina. Sem discernimento, o povo de Deus fica vulnerável, como ovelhas sem pastor, expostos a lobos vorazes que deturpam o evangelho para benefício próprio.

A Igreja não pode permitir que modismos doutrinários entrem sorrateiramente nos seus púlpitos e ministérios. Cabe à liderança espiritual examinar, confrontar e corrigir tais ensinamentos, promovendo a unidade da fé. Essa unidade não é uniformidade de opinião, mas coesão em torno da verdade bíblica. O discernimento preserva essa harmonia.

O discernimento também fortalece a identidade doutrinária da igreja local. Quando há clareza quanto ao que se crê e por quê, o povo é edificado e cresce em maturidade. Uma igreja bem ensinada é uma

igreja resistente às heresias. O Espírito Santo usa o discernimento para manter a congregação firmada em Cristo e na sua Palavra.

Por isso, cada membro deve buscar esse dom e essa disciplina, pois todos, em algum nível, somos responsáveis pela saúde espiritual do corpo de Cristo. A edificação mútua passa pela confrontação saudável de ideias, pela vigilância amorosa e pelo compromisso com a verdade. O discernimento é um dom que preserva e fortalece a Igreja.

## II – FONTES DO DISCERNIMENTO

A principal fonte de discernimento espiritual é a Palavra de Deus. Ela é o padrão absoluto pelo qual todas as ideias, experiências e ensinamentos devem ser avaliados. O salmista declarou: “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho” (Sl 119.105). Quando a Bíblia é central em nossa vida, ela ilumina nossa mente para percebermos o erro.

As Escrituras contêm tudo o que é necessário para a salvação e para uma vida piedosa. Nenhuma revelação moderna ou interpretação deve ser aceita caso contradiga os claros ensinamentos da Bíblia. O discernimento bíblico exige familiaridade com a Palavra: quanto mais o crente estuda e medita nela, mais sensível torna-se à verdade.

A Bíblia deve ser lida com oração e dependência do Espírito Santo. Não basta decorar versículos ou ter conhecimento técnico; é preciso aplicar a verdade de forma prática e humilde. Discernir não é só identificar o erro dos outros, mas também reconhecer nossas falhas e permitir que sejamos corrigidos pela Palavra. Uma pessoa com uma boa capacidade de decorar informações pode chegar a um púlpito ou rede social e despejar uma série de textos bíblicos, mas a simples citação sem contexto e sem graça de Deus pode ludibriar ouvidos desatentos.

O cristão, portanto, deve ser um estudante constante da Bíblia. As Escrituras não apenas nos protegem do engano, como também nos equipam para orientar outros e edificar a igreja. O discernimento começa com um coração enraizado na Palavra de Deus.

O Espírito Santo conduz o crente à verdade plena. Jesus afirmou que seríamos guiados pelo Espírito “em toda a verdade” (Jo 16.13), sendo Ele quem ilumina o entendimento espiritual. O discernimento não é fruto apenas de lógica ou estudo, mas também da ação sobre-

natural do Espírito em nosso interior, moldando nossa percepção da realidade à luz da vontade de Deus.

O Espírito Santo opera em harmonia com a Palavra. Ele jamais contradiz as Escrituras, pois foi Ele quem as inspirou. Por isso, quando alguém alega ter uma “revelação do Espírito” que se opõe à Bíblia, essa revelação deve ser rejeitada. O verdadeiro discernimento é uma combinação da Escritura e da atuação do Espírito na vida do crente.

O Espírito concede dons espirituais, entre os quais está o dom de discernimento de espíritos (1 Co 12.10). Esse dom é fundamental para reconhecer a origem de determinadas manifestações espirituais ou ensinamentos. Nem tudo o que é espiritual procede de Deus; por isso, precisamos da sensibilidade do Espírito para julgar com justiça.

O dom de discernir os espíritos é um dom de conhecimento e de revelação sobrenaturais pelo Espírito Santo. Todo o cristão, deve ter, em certo grau, a capacidade de “provar os espíritos” (1 Jo 4.1), pois de outra forma, ele se tornará uma vítima das falsas impressões interiores e exteriores. Metz nos orienta que Paulo acreditava que existiam espíritos malignos operando nas igrejas dos gentios e entre cristãos gentios (1 Ts 2.2). Em algumas ocasiões, tais espíritos se manifestavam não apenas por meio de falsas profecias, mas também de realização de milagres (At 19.13-16). Havia uma imitação demoníaca dos charismata e da obra de Cristo. Uma excelente descrição do dom de discernir os espíritos é a capacidade de detectar o hipócrita, como Pedro fez com Ananias; de distinguir os dons verdadeiros dos falsos, e de reconhecer a genuína inspiração.<sup>1</sup>

O discernimento que vem do Espírito também se manifesta em decisões cotidianas. Ele constantemente nos alerta e incomoda diante do erro, dando-nos sabedoria para agir. Uma vida cheia do Espírito é uma vida de vigilância, sabedoria e sensibilidade à verdade de Deus.

O discernimento é desenvolvido com a maturidade espiritual. Hebreus 5.14 afirma que o alimento sólido é para os adultos espirituais, que “pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (ARA). Isso mostra

---

<sup>1</sup> LEANDRO, Eduardo. **Introdução à Teologia Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023, p. 213, 214.

que o discernimento também é resultado de uma caminhada de fé constante e obediente.

A maturidade cristã não é medida por tempo de conversão, mas, sim, por profundidade de relacionamento com Deus e conhecimento da sua Palavra. Um cristão maduro sabe identificar sutilezas do erro, discernir motivações e perceber distorções doutrinárias mesmo que disfarçadas de piedade. Ele não é levado por qualquer vento de doutrina (Ef 4.14).

Essa maturidade também se reflete na paciência, na humildade e na disposição de ouvir e aprender. O discernimento não é arrogância espiritual, e sim fruto de uma fé enraizada. O cristão maduro sabe que ainda está em crescimento, e isso o torna mais vigilante e dependente da graça de Deus.

O crente maduro é uma bênção para a igreja, pois ajuda a preservar a sã doutrina, aconselha com sabedoria e é um exemplo de firmeza na fé. A maturidade espiritual é um terreno fértil onde o discernimento é desenvolvido naturalmente, fortalecendo o corpo de Cristo.

### III — PRATICANDO O DISCERNIMENTO

A Bíblia claramente nos ensina que devemos julgar com justiça e segundo os critérios espirituais. Jesus disse: “Não julgueis segundo a aparência, mas julgai segundo a reta justiça” (Jo 7.24). Isso mostra que o discernimento exige mais do que impressões superficiais; requer análise profunda, com base na verdade, e não em preferências pessoais.

Julgar corretamente também significa não ser precipitado. É necessário ouvir, observar, comparar com as Escrituras e orar antes de tirar conclusões. Muitos erros ocorrem porque as pessoas julgam com base em emoções ou simpatias, e não pela verdade revelada. O discernimento espiritual é lento, criterioso e movido pela humildade.

Além disso, o julgamento correto é isento de hipocrisia. Jesus criticou os fariseus por julgarem os outros com rigor enquanto ignoravam os seus próprios pecados (ver Mt 7.1-5). Antes de apontar o erro alheio, devemos examinar a nós mesmos à luz da Palavra. O discernimento começa no coração que ama a verdade.

O discernimento visa à edificação, não à condenação. O objetivo é preservar a Igreja do erro e conduzir à verdade. Por isso, devemos julgar com amor, com espírito de restauração e com zelo pela glória

de Deus. O discernimento verdadeiro não destrói, mas corrige com graça e firmeza.

As emoções são dádivas de Deus, mas não devem governar nossas decisões espirituais. Muitos crentes confundem emoção com presença de Deus ou, então, tomam decisões baseadas em sentimentos momentâneos. O discernimento exige equilíbrio: acolhemos as emoções, mas devemos submetê-las à razão iluminada pela Palavra. O coração humano, segundo Jeremias 17.9, é enganoso. Isso significa que nem sempre nossos sentimentos refletem a vontade de Deus. Um ensino pode ser emocionante e carismático, porém falso. Por isso, não devemos confiar apenas em experiências subjetivas; precisamos do critério objetivo da verdade bíblica.

As emoções podem ser influenciadas por ambientes, músicas, discursos persuasivos e estados de ânimo. Embora Deus possa usar tais elementos, eles não substituem a revelação da Palavra. O discernimento requer que separemos a experiência emocional da verdade doutrinária. Nem tudo o que nos faz “sentir bem” é, de fato, bom espiritualmente.

Em resumo, as emoções devem ser domadas e orientadas pela verdade. O cristão maduro sente, mas não se deixa dominar pelas sensações. O discernimento é um exercício que envolve mente e coração submetidos ao Espírito Santo para que nossa fé seja sólida e constante, não instável e vulnerável.

O discernimento também se expressa na obediência prática à verdade revelada. Conhecer o certo e não praticar é um tipo de engano (Tg 1.22). A verdadeira sabedoria não está apenas em identificar o erro, mas também em viver de forma coerente com a verdade. O discernimento completa-se na vida obediente.

A obediência demonstra que confiamos em Deus e na veracidade da sua Palavra. Quando seguimos a verdade mesmo diante de pressões ou oposição, mostramos que estamos firmados no evangelho. A fé madura manifesta-se em atitudes que refletem a verdade que cremos e proclamamos.

A prática da obediência também nos protege contra o engano. Quem vive a Palavra conhece o seu poder e não se deixa seduzir por mensagens que prometem atalhos ou bênçãos sem a cruz de Cristo. O discernimento é reforçado na fidelidade, pois quem anda na luz reconhece facilmente as trevas (1 Jo 1.7).

A melhor forma de manter o discernimento espiritual ativo é, portanto, andar em submissão à verdade. Obedecer à Palavra certamente nos torna mais sensíveis à voz de Deus, mais firmes diante das heresias e mais úteis ao Reino. Discernir também é obedecer.

## CONCLUSÃO

Vivemos dias difíceis, onde o engano tem-se disfarçado de verdade e muitos têm sido levados por doutrinas humanas. O discernimento espiritual é, portanto, uma necessidade urgente. Ele protege a fé, preserva a Igreja e honra a Deus. Para discernirmos corretamente, precisamos conhecer as Escrituras, ser cheios do Espírito e firmes na obediência. O inimigo de nossa alma é astuto e não se apresenta sempre de forma explícita; muitas vezes, ele mistura erro com verdade, tornando o engano mais sutil e perigoso.

O discernimento não é um dom reservado a poucos, mas uma responsabilidade de todo cristão. Cada membro do corpo de Cristo deve buscar crescer espiritualmente para reconhecer o que provém de Deus e o que não tem origem divina. Não podemos viver pela aparência, nem pelo que é mais popular ou emocionalmente agradável. Precisamos discernir segundo o Espírito e a Palavra, e isso requer maturidade espiritual, humildade e dependência constante do Senhor.

O discernimento deve ser exercitado com humildade, coragem e amor. Humildade para reconhecermos que não sabemos tudo; coragem para confrontarmos o erro, mesmo que isso nos custe relacionamentos ou posições; e amor, para que nossa busca pela verdade nunca se torne motivo de arrogância espiritual. O discernimento bíblico nunca deve ser usado para julgar com espírito crítico e condenador, mas com o desejo sincero de preservar a pureza da fé e conduzir vidas à verdade no amor de Cristo.

Em um tempo de tanta confusão espiritual, a Igreja precisa ser um farol da verdade, e isso só é possível quando os seus membros conseguem discernir entre o bem e o mal. A Igreja não pode ficar acomodada ao espírito da época, nem buscar agradar aos homens mais do que a Deus. Quando há discernimento espiritual em nosso meio, crescem a reverência, o temor do Senhor e a comunhão verdadeira. O discernimento torna a Igreja saudável, madura e relevante diante do mundo.

Nossa oração deve ser como a do salmista: “Desvenda os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei” (Sl 119.18). Sem olhos espirituais abertos, somos facilmente enganados. A oração é onde o discernimento é cultivado, pois é ali que Deus revela-nos os segredos do seu coração e também nos dá direção segura. Um crente que ora e medita na Palavra desenvolve sensibilidade para perceber os movimentos do Espírito e rejeitar o espírito do erro.

Que Deus nos dê olhos espirituais abertos, ouvidos atentos e coração disposto a seguir a verdade mesmo quando somos confrontados por ela. A verdade pode até ser desconfortável às vezes, mas é libertadora. E só aqueles que se dispõem a andar na luz do evangelho mesmo quando ele expõe os seus próprios pecados estarão preparados para crescer em discernimento e maturidade cristã. O Espírito Santo guia-nos a toda a verdade, mas precisamos estar prontos para segui-la. Só assim estaremos preparados para resistir ao erro e perseverar na fé. Em tempos de apostasia crescente e deturpação das Escrituras, perseverar na fé exige firmeza na verdade revelada por Deus. O discernimento espiritual certamente nos permite perceber os ventos de doutrina que sopram, mas também nos capacita a mantermo-nos enraizados na rocha, que é Cristo. A perseverança dos santos está diretamente ligada à sua capacidade de discernir e rejeitar o engano.

Que sejamos uma Igreja viva, que honra a Deus, guarda a sua Palavra e manifesta a luz de Cristo em meio às trevas deste mundo. A igreja que possui discernimento é a que permanece. Quando o povo de Deus tem discernimento, torna-se uma voz profética na sua geração, não se conforma com este século e prova qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. O discernimento espiritual é um antídoto contra a corrupção doutrinária e moral.

O discernimento é mais do que um exercício intelectual; é um modo de vida centrado na verdade do evangelho. Ele manifesta-se na maneira como lemos a Bíblia, adoramos, tomamos decisões e até mesmo como reagimos às pressões do mundo. É um estilo de vida que glorifica a Deus e protege nossa alma. Que a Igreja do Senhor em nossos dias seja conhecida pela sabedoria espiritual e fidelidade à verdade, pois, onde há discernimento, há segurança, pureza e poder.

Que Deus nos abençoe, nos guarde e nos ajude na jornada da fé!

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 521.
- ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Presença, 1980, p. 80.
- ALVES, Eduardo Leandro. **Um Olhar sobre as Realidades e os Desafios da Igreja**. Londrina, PR: Descoberta, 2013.
- ANDRADE, Claudionor de. **O Começo de todas as Coisas**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BOOR, Werner de. **Carta aos Coríntios**. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2004.
- BROWN, Colin. **Filosofia e Fé Cristã**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 263, 264.
- CARRARA, Paulo Sergio; FERREIRA, Vicente de Paula, In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 47, n.131, Jan./Abr. 2015.
- CARTER, Joe. *9 coisas que você deve saber sobre o humanismo secular*. Disponível em: <<https://www.thegospelcoalition.org/article/9-things-secular-humanism/>> Acesso em 15 de julho de 2025.
- CHILDERS, Alisa. **Outro Evangelho: Uma resposta ao Cristianismo Progressista**. São Paulo: Editor Fiel, 2022.
- COLAPINTO, John. *As Nature Made Him: The Boy Who Was Raised as a Girl*. New York: Harper Perennial, 2000.
- DAWKINS, Richard. **Deus, um Delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. 1.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.
- DIAMOND, Milton; SIGMUNDSON, H. Keith. *Sex Reassignment at Birth: A Long Term Review and Clinical Implications. Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine, 1997*. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescricoes/article/view/15278>>

- DOUGLAS, J. D. **O Novo Dicionário da Bíblia**. Vol. 2. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- ERDMAN, Charles R. **Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana: São Paulo, 1960.
- FOREL, George. **Ética da Decisão**. 5.ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2009.
- GEISLER, Norman. **Teologia Sistemática**. Vol 1. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Civilização Brasileira: São Paulo, 2003. A edição total possui 6 volumes e foi organizada por Carlos Nelson Coutinho.
- GREGG, Allisson. **Teologia do Corpo**. Vida Nova: São Paulo, 2023.
- HAM, K; ROSS, H; HAARSMA, D.B; MEYER, E.C. **A Origem: quatro Visões Cristãs sobre Criação, Evolução e Design Inteligente**. São Paulo: Thomas Nelson, 2019.
- KAISER JR., Walter C. **O Cristão e as Questões Éticas da Atualidade**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-cultural da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- LATTANZIO, Felipe Figueiredo; RIBEIRO, Paulo de Carvalho. *Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero*. Revista de Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, vol. 30, n.3, p. 409 – 425, set-dez/2018.
- LEANDRO, Eduardo. **Introdução à Teologia Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2023.
- LEMOES, Carolyne Santos. *Teologia da prosperidade e sua expansão pelo mundo*. Revista Eletrônica Espaço Teológico (REVELETEO). Vol. 11, n. 20, jul/dez, 2017, p .83. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>> Acesso em 27 de julho de 2025.
- MACEDO, Edir. **Vida com Abundância**. Rio de Janeiro: Universal Produções, 1990.

- MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MATOS, Alderi Souza de. **Fundamentos da Teologia Histórica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MCGRATH, Alistar E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filo-sófica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.
- MONEY, John. *Man & Woman, Boy & Girl*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972.
- MOTTA, Luiz Eduardo; SERRA, Carlos Henrique Aguiar. *A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (in) pertinentes*. In: Revista de Sociologia e Política. 22 (50), Jun 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-447814225009>> Acesso em 30 de junho de 2025.
- NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do. *Pragmatismo: uma filosofia da ação*. In: Revista Redescições. Revista on line do GT de Pragmatismo. Ano 3, Número 1, 2011.
- PEIRCE, C. S. **Conferências sobre Pragmatismo**. 3.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.
- SCHAEFFER, Francis. **A Morte da Razão**. 2.ed. São Paulo: ABU Editora, 2007.
- SCHALER, Jeffrey A. *Sane Asylums: The Success of Homeopathy Before Psychiatry Lost Its Mind*.
- SOARES, R. R. **As Bênçãos que Enriquecem**. Rio de Janeiro: Graça Editorial. 1985.
- \_\_\_\_\_. **Exija seus Direitos**. Graça Editorial: Rio de Janeiro, 2000.
- TAVARES, Anderson. *Caminhos para a crítica do Estado burguês: a questão da sociedade civil em Marx e Gramsci*. *Marx e o Marxismo*, v.9, n.17,

jul/dez 2021. Disponível em: <file:///Users/usuario/Downloads/05\_ARTIGO\_Anderson+Tavares%20(1).pdf>

WOLSEY, Roger. *Cristianismo progressista não é política progressista*. Disponível em: <<https://www.huffpost.com/author/rev-roger-wolsey>> Acesso em 20 de junho de 2025.

# ENTRE A VERDADE E O ENGANO

O século XXI tem sido marcado por ideologias que, embora pareçam progresso e liberdade, rejeitam a autoridade de Deus e tentam redefinir a verdade bíblica. Esta obra oferece uma resposta pastoral e teológica, revelando como tais ideias são espalhadas pela cultura e ameaçam a fé cristã. A partir das Escrituras, especialmente na tradição pentecostal, este livro convoca a Igreja a uma postura firme, crítica e espiritual diante do engano. O seu propósito é equipar crentes, em especial os jovens, a discernir os tempos, confrontar sofismas e permanecer na sã doutrina. Em meio aos desafios contemporâneos, este livro é um chamado à fidelidade, santidade e coragem. Cristo continua edificando a sua Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela jamais.



AUTOR

**EDUARDO LEANDRO ALVES**

Doutor e Mestre em Teologia pela Faculdade EST. Graduado em Teologia pela FTSA. Pós-graduado em Coordenação Pedagógica e licenciado em Sociologia. É pastor na Igreja Assembleia de Deus em João Pessoa,

pastoreando igrejas desde 2004. Também é diretor do Centro de Estudos Teológicos da ADPB e professor na Pós-Graduação da Faculdade Cristã de Curitiba. É casado com Ângela e pai de Eduardo Jr. e Maria Luíza.



ISBN 978-65-5968-567-7



7 908234 802205 4